COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

HOMERO

ODISSEIA

TRADUZIDA DO GREGO
PELOS PADRES
E. DIAS PALMEIRA
E M. ALVES CORREIA

VOLUME II

LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA

ODISSEIA DE HOMERO

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses — Autores estrangeiros

A venda:

SÁ DE MIRANDA — Obras completas, *2 volumes*
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOÃO DE BARROS — Panegíricos
TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das Paixões da Alma
DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
FREI LUÍS DE SOUSA — Anais de D. João III, *2 volumes*
HOMERO — Odisseia, *2 volumes*
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
M.me DE SÉVIGNÉ — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, *2 volumes*
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, *4 volumes*
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYÈRE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, *6 volumes*
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, *3 volumes*
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
JOÃO DE BARROS — Décadas, *selecção, 4 volumes*
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, *3 volumes*
CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume I*
CAMÕES — Obras Completas, *5 volumes*
FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *3 volumes*
DIOGO DO COUTO — Décadas, *2 volumes*
HOMERO — Poemetos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — *volume I*
LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — *5 volumes*
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, *2 volumes*
P.e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *12 volumes*
JOÃO DE BARROS — Crónica do Imperador Clarimundo, *3 volumes*

A seguir:

Outras obras em preparação.

Cada volume 25$00 — Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados, 90$00

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

•

Homero

ODISSEIA

Tradução do grego, prefácio e notas dos

P.es E. Dias Palmeira
e M. Alves Correia

•

VOLUME II

2.ª edição

LIVRARIA SÁ DA COSTA—EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

Desta obra tiraram-se 100 exemplares em papel Leorne, da Companhia do Papel do Prado, numerados e rubricados.

Todos os exemplares são autenticados com a rubrica dos editores

PROPRIEDADE DA
LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA

1955
Composto e impresso na
Oficina Gráfica, Limitada
Rua da Oliveira do Carmo, 8
LISBOA

ODISSEIA DE HOMERO

RAPSÓDIA XIII

Partida de Ulisses do país dos Feácios e sua chegada a Ítaca

Tal foi a narração de Ulisses; e, na sombria sala, estavam todos encantados e conservavam-se tranquilos e em silêncio. Então Alcínoo replicou-lhe:

— Ó Ulisses, pois chegaste a meu palácio de brônzeo pavimento e de alto tecto, por isso creio que apesar de teres sofrido muitíssimos trabalhos, voltarás à tua pátria, sem andar de novo errante. E a cada um de vós, que em meus paços bebeis em todo o tempo o rutilante vinho de honra e ouvis o aedo, quero dirigir-vos a palavra, para vos dar esta ordem. Os vestidos para o nosso hóspede, o oiro trabalhado com muita arte e todos os outros presentes, que os conselheiros dos Feácios para aqui trouxeram, estão já dentro duma caixa bem polida. Dêmos-lhe cada um de nós uma grande trípode e uma caldeira, que depois compensar-nos-emos, reunindo entre o povo o seu preço; porquanto seria penoso que só um desse tais objectos, sem ser indemnizado.

Assim falou Alcínoo, cuja proposta agradou a todos. Eles retiraram-se depois, cada um para sua casa, com vontade de se recolher ao leito. Quan-

do apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, dirigiram-se apressadamente à nau com o bronze que é bom para os homens. E o forte Alcínoo percorria a nave, acondicionando os presentes debaixo dos bancos, para que não impedissem os movimentos dos remadores, quando remassem depressa. Em seguida foram para o palácio de Alcínoo e cuidaram do festim.

O forte Alcínoo sacrificou para eles um boi ao filho de Cronos, a Zeus, que escurece as nuvens e sobre todos reina. Depois de queimarem as coxas, celebraram com prazer o banquete esplêndido; e entre os convivas cantava Demódoco, o divino aedo, honrado dos povos. Mas Ulisses volvia muitas vezes a cabeça para o Sol refulgente, com pressa de que ele baixasse para o ocaso, pois ansiava por ir para a pátria. Do mesmo modo que o lavrador suspira pela ceia, depois de todo o dia os bois da cor do vinho lhe puxarem o sólido arado por um pousio, e se alegra de que a luz do Sol feneça, para ir comer, porque sente os joelhos entorpecidos, ao caminhar, — assim Ulisses via com alegria que a luz do Sol se ia extinguindo. Sem esperar mais, disse aos Feácios, que gostam de remos, e procurando conciliar sobretudo a atenção de Alcínoo, estas palavras:

— Ó rei Alcínoo, o mais ilustre de todo o povo! Fazei a libação e despedi-me incólume; e a vós todos as minhas despedidas, porque enfim já se realizou o que o meu coração desejava: os preparativos do regresso e a oferta dos presentes. Queiram os celestes deuses que isto seja para minha felicidade; e que, à minha chegada, encontre em casa a esposa modelar e os amigos de saúde! E oxalá vós, os

que ficais aqui, deis alegria a vossas mulheres legítimas e a vossos filhos! Que os deuses vos concedam prerrogativas de toda a espécie e que a desgraça nunca more entre este povo!

Assim falou; e todos o aplaudiam e pediam que o hóspede fosse reconduzido, pois suas palavras eram justas. Então o forte Alcínoo disse para o arauto:

— Pontónoo, mistura o vinho na cratera e distribui-o a todos pela sala, para que, depois de orarmos ao Pai Zeus, reenviemos o hóspede para a sua pátria terra.

Assim falou; e Pontónoo misturou o melífluo vinho e destribuiu-o a todos, aproximando-se de cada um. Em seguida eles, de seus assentos, fizeram a libação aos deuses bem-aventurados, moradores do vasto céu. O egrégio Ulisses levantando-se então, pôs nas mãos de Arete um copo duplo; e, dirigindo-se a ela, disse estas aladas palavras:

— Ó rainha, sê feliz em todo o tempo, até que a velhice e a morte venham, às quais os homens estão sujeitos! Eu parto; mas tu alegra-te, neste palácio, com os teus filhos, os teus povos e com o rei Alcínoo.

Ditas estas palavras, o egrégio Ulisses transpôs a soleira da porta. O forte Alcínoo enviou o arauto com ele, para o conduzir à nau ligeira e à praia do mar. Arete mandou também as suas escravas, das quais uma levava para ele um manto bem lavado e uma túnica, outra uma sólida caixa e uma terceira pão e vinho tinto.

Apenas chegaram à nau e ao mar, os ilustres companheiros, recebendo as dádivas, apressaram-se a colocá-las na côncava nave, bem como a

bebida e todos os mantimentos; e para Ulisses estenderam uma colcha e um pano de linho, na coberta da popa, a fim de que pudesse dormir profundamente. Depois ele subiu para a nave e deitou-se em silêncio; os tripulantes assentaram-se por ordem nos bancos dos remeiros e desataram a amarra da perfurada pedra. E, quando começaram a inclinar-se para trás e a levantar a água com a pá dos remos, um sono doce, profundo e deliciosíssimo, muito semelhante à morte, difundiu-se sobre as pálpebras de Ulisses.

Entretanto, como uma quadriga na planície, incitada pelos golpes do chicote, levanta as patas e depressa percorre seu caminho, assim a nave erguia a popa, agitando atrás com violência a onda roxa do rumoroso mar. Ela corria com toda a segurança e constantemente, e nem o falcão, que é a ave mais ligeira, a poderia seguir. Cortando com tal rapidez as ondas do mar, transportava um varão, em conselho semelhante aos deuses, o qual tinha antes, nas guerras dos homens e através das ondas, sofrido em seu coração penas sem número; mas ele dormia agora tranquilo, esquecido de quanto padecera.

Quando nascia o astro mais brilhante, de que principalmente é núncia a luz da madrugadora Aurora, já a nau singradora se aproximava da ilha.

Há em terras de Ítaca o porto de Forco, do velho do mar, que duas íngremes saliências da costa, inclinadas para o interior, protegem contra

---

28, *porto de Forco*. Isto é, consagrado a Forco, o deus marinho, filho de Ponto e pai das Górgonas.

as grandes ondas produzidas exteriormente pelos ventos impetuosos; de sorte que as naus de boa coberta podem permanecer dentro dele sem amarras, quando chegam ao ancoradoiro. Na extremidade deste porto existe uma oliveira de compridas folhas, ao pé duma amena e sombria gruta consagrada às ninfas, a que chamam Náiades. Há, no interior dela, crateras e ânforas de pedra, onde as abelhas fabricam o mel, bem como longos teares, igualmente de pedra, nos quais as ninfas urdem teias tingidas com púrpura marinha, que são um encanto para a vista. A água corre aí sempre. Esta gruta tem duas portas: uma, que olha para o Bóreas, é acessível aos homens; da outra, que está voltada para o Noto, servem-se os deuses, e os homens não entram por aí: é o caminho dos imortais.

Ora os Feácios chegaram a este lugar, que já antes conheciam. E a nau na pressa com que vinha, ao tocar na terra, saiu da água até ao meio: tal era o impulso que os braços dos remadores lhe tinham dado! Depois de saltarem para a praia, levantaram, acto contínuo, da nau côncava a Ulisses, juntamente com o pano de linho e a colcha esplêndida, e puseram-no sobre a areia, subjugado ainda pelo sono; e em seguida desembarcaram as riquezas que, graças à magnânima Atena, os ilustres Feácios lhe deram, no regresso à pátria. Estas colocaram-nas todas juntas ao pé do tronco da oliveira, fora do caminho, não sucedesse que algum viajante, sobrevindo, antes de Ulisses acordar, as roubasse. Então eles voltaram para a sua pátria.

Mas o Sacudidor da terra não esqueceu as amea-

ças que um dia lançara contra o divino Ulisses e procurou saber a opinião de Zeus:

— Pai Zeus, eu não serei mais honrado entre os deuses imortais, visto não me honrarem os homens — os Feácios, que são da minha própria linhagem. Eu julgava que Ulisses só voltaria à pátria, depois de padecer muitos infortúnios; e nunca me opus inteiramente a que voltasse, porquanto o tinhas prometido, confirmando a promessa com um sinal de cabeça; mas, eis que eles o conduzem pelo mar numa ligeira nau e o depõem adormecido em Ítaca, depois de lhe terem dado presentes sem conta: bronze, oiro em abundância e tecidas vestes — tantas riquezas, quantas Ulisses nunca levaria de Tróia, se tivesse um regresso feliz e participasse dos despojos.

Zeus, o amontoador das nuvens, retorquiu-lhe:

— Ah! que disseste tu, potente Sacudidor da terra! Os deuses não te menosprezam, pois seria coisa dificultosa lançar o desprezo sobre o mais antigo e o mais valente de todos. Se, porém, algum homem, confiando na sua força e na sua valentia, não te honra, podes sempre, no futuro, desafrontar-te. Obra segundo os teus desejos e como agradar a teu coração.

Replicou-lhe Posséidon, o Sacudidor da terra:

— Teria feito já como dizes, ó deus que escureces as nuvens; mas tenho sempre medo de tua cólera e procuro evitá-la. Agora, a nau magnífica dos Feácios, que volta de transportar Ulisses, para que

---

1, *um dia*. Depois de Ulisses se vingar do ciclope Polifemo.

eles se abstenham e desistam de conduzir os homens, quero fazê-la sossobrar no mar brumoso; e, depois, rodear-lhes a cidade com uma elevada montanha.

Zeus, o amontoador das nuvens, retorquiu-lhe:

— Ó meu caro, a mim parece-me isto melhor: quando todo o povo estiver a ver da cidade chegar a nau, transforma-a, perto da costa, numa rocha parecida a uma ligeira nave, para que todos os homens se admirem do prodígio; e depois rodeia-lhes a cidade com uma elevada montanha.

Posséidon, o Sacudidor da terra, depois de ouvir este conselho, pôs-se a caminho da Esquéria, onde os Feácios residem. Ali parou; e, quando a nau, sulcadora do mar, vinha já perto, não obstante a rapidez com que avançava, ele aproximou-se e, ferindo-a com a palma da mão, transformou-a numa rocha, que lançou raízes no fundo. Depois afastou-se.

Então os Feácios, de longos remos e célebres marinheiros, dirigiram uns aos outros palavras aladas. Alguns falaram assim, olhando para o vizinho:

— Ai! Quem prendeu no mar a nau ligeira, que regressava ao porto? Ela via-se toda já.

Assim falavam eles, ignorando como isto tinha sucedido. Mas Alcínoo tomou a palavra e disse-lhes:

— Ah! Cumprem-se as antigas predições de meu pai. Dizia ele que Posséidon tinha inveja de nós por transportarmos indemnes a todos os homens; e que um dia, ao volver uma nau magnífica dos Feácios de levar alguém, havia de destruí-la no mar brumoso e de rodear a nossa cidade com uma elevada montanha. Assim contava o velho; e eis que tudo se realiza agora! Mas sigamos todos o que

vou dizer. Deixemos de transportar os homens, quando algum vier à nossa cidade; e a Posséidon sacrifiquemos doze toiros escolhidos, na esperança de que se compadeça de nós e não nos rodeie a cidade com uma altíssima montanha.

Assim falou; e eles, temerosos, prepararam os toiros.

Enquanto os chefes e conselheiros dos Feácios oravam de pé, em volta do altar, ao soberano Posséidon, o egrégio Ulisses despertava do sono, na sua terra pátria, a qual não conhecia já, por ter estado muito tempo ausente e porque uma divindade, Palas Atena, filha de Zeus, difundira uma névoa em volta dele, para o tornar desconhecido e informá-lo de tudo, com receio de que sua esposa, os cidadãos e os amigos o reconhecessem, antes de castigar todas as demasias dos pretendentes. Por isso, tudo apresentava outro aspecto ao seu soberano: os longos caminhos, os seguros portos, os rochedos escarpados e as árvores verdejantes. Dum pulo, Ulisses pôs-se em pé e contemplou a terra pátria. Depois, soltando um lamento, bateu com as palmas das mãos nas coxas e disse estas palavras por entre suspiros:

— Ai de mim! Que homens habitam nesta terra, a que cheguei? Serão violentos, selvagens e injustos, ou hospitaleiros e de espírito temente aos deuses? Para onde devo levar tantas riquezas? E eu próprio em que direcção continuarei meu errante curso? Oxalá permanecesse entre os Feácios! Nesse caso, poderia ir ter com outro rei poderoso, que me acolhesse amigàvelmente e me reenviasse para a pátria. Agora nem sei onde pôr estas coisas, nem tão pouco as quero deixar aqui, não suceda que

outros mas levem. Ai! Os chefes e conselheiros dos Feácios não foram de todo prudentes nem justos, ao conduzir-me para estoutra terra. Disseram que me conduziriam a Ítaca, visível ao longe, e não o cumpriram. Castigue-os Zeus, protector dos suplicantes, o qual vê todos os homens e pune as suas faltas! Mas vou contar e examinar estas riquezas. Temo que os marinheiros partissem com algumas na bojuda nau.

Dito isto, pôs-se a contar as magníficas trípodes, as caldeiras, o oiro e as esplêndidas vestes bem tecidas; e, ainda que não deu pela falta de nada, chorava contudo pela pátria, rojando-se, muito aflito, ao longo da praia do rumoroso mar.

Atena aproximou-se então dele, na figura dum jovem pastor de ovelhas, tão mimoso, como os filhos dos reis costumam ser, a qual trazia aos ombros um manto dobrado e bem feito e tinha sandálias nos pés brilhantes e nas mãos um venábulo. Ulisses regozijou-se de a ver e, indo para ela, dirigiu-lhe estas aladas palavras:

— Amigo, já que és o primeiro que eu encontro nesta terra, aceita a minha saudação; e oxalá não tenhas maus propósitos, ao vir ter comigo! Salva estas riquezas, salva-me também a mim! Eu rogo-te como a um deus e venho abraçar os teus joelhos. Dize-me a verdade, para que a fique sabendo bem. Que terra, que povo é este? Que homens vivem aqui? É esta uma ilha visível ao longe ou a costa dum fértil continente em declive para o mar?

Replicou-lhe Atena, a deusa de olhos brilhantes:

— Ó estrangeiro, és um louco ou vens de longes terras, pois inquires de mim que país é este, cujo nome não é assim tão desconhecido. Sabem-no mui-

tíssimos, todos os que habitam para os lados da Aurora e do Sol ou, na parte posterior, para as bandas do brumoso ocaso. É, na verdade, áspera esta terra e imprópria para cavalos; mas, apesar de ser pouco extensa, não é estéril de todo. Produz trigo a granel e também vinho; e nunca lhe falta chuva nem orvalho em abundância. É excelente para a criação de cabras e de bois; tem bosques de toda a espécie e bebedoiros com água todo o ano. Por isso é que o nome de Ítaca, estrangeiro, chegou até Tróia, que, segundo dizem, fica longe da Acaia.

Assim disse; e o paciente e egrégio Ulisses alegrou-se, comprazendo-se com sua terra pátria, de que lhe falara Palas Atena, filha de Zeus, portador da égide. Em seguida, dirigiu-lhe estas aladas palavras, ocultando, porém, a verdade, que já tinha sobre a língua, pois sempre revolvia no peito planos astutos:

— Na vasta Tróia, longe, além do mar, fui informado a respeito de Ítaca; e cheguei agora com todas estas riquezas. Deixei outras tantas a meus filhos e fugi, por ter morto o filho amado de Idomeneu, o rápido Orsíloco, que na ligeireza dos pés superava os homens laboriosos da vasta Creta. Ele queria privar-me de todo o espólio de Tróia, pelo qual, nas guerras dos homens e sulcando as trabalhosas ondas, o meu coração sofrera tantas angústias, alegando que desagradara a seu pai, por não o servir no país dos Troianos, onde eu comandava outros guerreiros. Mas, quando volvia do campo, feri-o com a lança de bronze, tendo-me posto de emboscada com um companheiro, junto do caminho. Como uma noite muito escura envolvia o céu, nenhum homem nos notou; e assim ninguém soube

que lhe tirei a vida. Depois de o ter matado com o agudo bronze, fui imediatamente para uns Fenícios ilustres, a quem pedi que me recebessem na sua nau, por uma grande parte dos despojos; e exortei a que me transportassem e depusessem em Pilos ou na Élide brilhante, onde dominam os Epeus. A impetuosidade do vento, porém, afastou-os daí, muito contra o desejo deles, que não queriam enganar-me, chegando nós a esta terra de noite e depois de andarmos errantes. Foi a custo que remámos para o porto; e, apesar de termos grande necessidade de comer, nenhum de nós se lembrou da ceia, mas, apenas desembarcámos, estendemo-nos todos no chão. Como estava fatigado, sobreveio-me um doce sono; e eles, tirando da côncava nau as minhas riquezas, colocaram-nas sobre a areia, onde eu jazia. Em seguida embarcaram de novo e foram para a populosa Sidónia, deixando-me aqui de coração amargurado.

Assim falou; e Atena, a deusa de olhos brilhantes, sorrindo, acariciou-o com a mão. Ela tinha tomado o aspecto duma mulher formosa e de grande estatura, hábil em esmerados lavores, e, dirigindo-se a Ulisses, lhe retorquiu com estas aladas palavras:

— Astuto e manhoso seria quem te superasse em artifícios de toda a espécie, ainda que fosse um deus que contendesse contigo. Ó velhaco atrevido e incansável! Não devias na tua pátria acabar com essas astúcias e com os discursos falazes, de que tanto gostas no íntimo do teu coração? Mas não falemos mais disso, que ambos somos astutos: tu salientas-te muito entre todos os mortais no conselho e na palavra e eu sou célebre entre os deuses

por minha finura e meus artifícios. Tu, porém, ainda não reconheceste em mim Palas Atena, a filha de Zeus, que sempre te assiste e protege em todos os trabalhos e te fez caro aos Feácios. Venho agora ter contigo, para combinar um projecto e esconder-te as riquezas que os ilustres Feácios, por meu conselho e inspiração, te deram, na tua despedida para a pátria; e igualmente para te manifestar os trabalhos que o destino determinou que sofras na tua bem construída casa. Suporta-os, visto ser necessário, e não digas a ninguém que chegaste, tanto a homem como a mulher, depois de andar errante; mas sofre em silêncio todas as aflições, bem como as violências dos homens.

Replicou-lhe o solerte Ulisses:

— Ó deusa, dificilmente te conhece o mortal, a quem tu sais ao encontro, por mais perspicaz que seja, porque tomas qualquer aspecto. Eu bem sei que tu outrora me foste propícia, enquanto os filhos dos Aqueus combatiam em Tróia; mas depois que destruímos a alta cidade de Príamo e embarcámos, uma divindade dispersou os Argivos e não te tornei a ver, filha de Zeus, nem percebi que entrasses na minha nave para me livrar de qualquer trabalho. Pelo contrário, andei sempre errante com o coração dilacerado dentro do peito, antes de os deuses me livrarem da desgraça e tu me animares, na fecunda terra dos Feácios, e me conduzires para a cidade deles. Agora rogo-te por teu pai (pois creio não ter chegado a Ítaca visível ao longe, mas que aportei a outro país; e parece-me que tu falaste por ironia, para me enganar) — dize-me se na verdade me encontro na minha pátria.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, replicou-lhe:

— Tens sempre no peito o mesmo ânimo; por isso não posso deixar-te ser infeliz, porque és ajuizado, astuto e prudente. Outro homem qualquer, que voltasse de seu curso errante, desejaria alegremente ver no seu palácio os filhos e a mulher; mas a ti não te apraz saber nem informar-te deles, antes de teres posto à prova a tua esposa, que continua em casa, noite e dia, sempre consumida de aflições e derramando lágrimas. Minha alma sabia, sem jamais o pôr em dúvida, que tu havias de voltar, depois de perder todos os companheiros; não quis todavia lutar com Posséidon, meu tio paterno, cujo coração estava ressentido e em cólera contra ti, por lhe teres cegado o filho. Mas quero mostrar-te Ítaca, a fim de que te convenças. Este é o porto de Forco, do velho do mar; aqui está a oliveira de compridas folhas, na extremidade dele, ao pé da amena e sombria gruta consagrada às ninfas, a que chamam Náiades. Esta é aquela abobadada gruta, em que costumavas sacrificar às ninfas muitas hecatombes rituais; e esse monte revestido de árvores é o Nérito.

Dito isto, a deusa dissipou o nevoeiro e deixou aparecer a terra; e o paciente e egrégio Ulisses regozijou-se com a vista de sua pátria, cujo solo fecundo beijou. Imediatamente, levantando as mãos, orou às ninfas:

— Ninfas Náiades, filhas de Zeus, eu julgava que nunca mais vos tornaria a ver. Agora eu vos saúdo com minhas preces carinhosas e far-vos-emos nossas ofertas como antes, se a benévola espoliadora,

---

31, *espoliadora*. Epíteto militar de Atena, na Ilíada: «a que arrebata espólios».

a filha de Zeus, permitir que eu viva e que o meu filho cresça.

Então Atena, a deusa de olhos brilhantes, disse-lhe:

— Anima-te e não se preocupe o teu espírito com isso! Ponhamos sem demora as tuas riquezas no recôndito do antro maravilhoso, para que te fiquem seguras, e faremos depois por que tudo corra o melhor possível.

Tendo falado assim, a deusa penetrou na sombria gruta, em procura dos esconderijos que aí se encontravam, enquanto Ulisses foi buscar todas as suas coisas: o oiro, o duro bronze e as vestes bem feitas, que os Feácios lhe deram. Em seguida, disposto tudo em ordem, Palas Atena, a filha de Zeus, portadora da égide, cerrou-lhe a entrada com uma pedra. Então assentaram-se junto do tronco da oliveira sacra e puseram-se a deliberar o extermínio dos orgulhosos pretendentes. Atena, a deusa de olhos brilhantes, foi a primeira a tomar a palavra:

— Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos! Olha como lançarás mão aos pretendentes desavergonhados, que há já três anos dominam em tua casa e cortejam a tua esposa, semelhante a uma deusa, e dão-lhe presentes. Mas ela, em seu coração a suspirar sempre pela tua volta, a todos dá esperanças e faz promessas a cada um e envia-lhe mensagens; contudo outros são os planos que maquina seu espírito.

Replicou-lhe o solerte Ulisses:

— Ai! Certamente eu ia sucumbir no meu palácio ao funesto destino de Agamémnon, filho de Atreu, se tu, ó deusa, me não informasses de tudo, como era justo. Eia! urde o plano, para que eu me

vingue deles; e tu assiste-me, infundindo-me um ânimo audacioso, tal como, quando destruímos as brilhantes ameias de Tróia. Assiste-me, ó deusa de olhos brilhantes, com igual solicitude. Contigo, poderei lutar contra trezentos homens, não me recusando, benévola, o teu socorro, veneranda deusa.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, respondeu-lhe em seguida:

— Eu assistir-te-ei com eficácia e não te perderei de vista, quando levarmos a cabo esta empresa; e creio que o sangue e os miolos de cada um dos pretendentes, que devoram a tua fortuna, há-de derramar-se sobre o solo vastíssimo. Mas vou fazer-te desconhecido a todos os mortais. Vou enrugar a pele esplêndida dos teus membros flexíveis, privar a tua cabeça dos cabelos loiros, pôr-te uns andrajos, que façam hediondo à vista a quem os trouxer, e desfigurar-te os olhos, antes tão belos; de sorte que o teu aspecto seja desprezível a todos os pretendentes, à tua esposa e ao filho que deixaste em tua casa.

Antes de tudo, vai ter com o porqueiro que guarda teus suínos e te é afeiçoado e quer bem a teu filho e à prudente Penélope. Encontrá-lo-ás assentado no meio dos porcos, que pastam junto da rocha do Corvo, ao pé da fonte de Aretusa, comendo bolotas apetitosas e bebendo água turva — alimentos que fazem a gordura abundante dos porcos. Fica ali assentado com ele e interroga-o sobre todas as coisas, enquanto eu vou a Esparta de formosas mulheres chamar o teu caro filho Telémaco, que foi, Ulisses, à vasta Lacedemónia, a casa de Menelau, em busca de notícias de ti e procurar saber se tu ainda vivias algures.

Replicou-lhe o solerte Ulisses:

— Porque não lho disseste já, sabendo tudo o teu espírito? Porventura para que também ele pene, errando pelo mar estéril, e os outros lhe devorem a fortuna?

Atena, a deusa de olhos brilhantes, respondeu-lhe em seguida:

— Não te preocupes demasiado com ele. Eu própria o conduzi, com o fim de que, fazendo essa viagem, adquirisse ilustre renome. Ele não sofre trabalho algum; mas está descansado no palácio do filho de Atreu, onde não lhe falta a mínima coisa. É certo que uns jovens, numa escura nave, armam-lhe ciladas, procuram matá-lo, antes que chegue à pátria; mas não creio que isto suceda. Primeiro encerrará a terra no seu seio a cada um dos pretendentes, que devoram a tua fortuna.

Depois de falar assim a Ulisses, Atena tocou-o com uma varinha. E enrugou a pele esplêndida de seus membros flexíveis, privou-lhe a cabeça dos cabelos loiros, revestiu todos os seus membros da pele dum velho, amorteceu-lhe os olhos, antes tão belos, e vestiu-o com uns andrajos vis e com uma túnica, todos rotos, sujos e hediondamente defumados. Por cima pôs-lhe uma grande e rapada pele de ágil corça; e finalmente deu-lhe um alforje desprezível e esfrangalhado, preso de uma correia velha.

Tendo os dois assim deliberado, separaram-se. Atena foi em seguida para a divina Lacedemónia, em busca do filho de Ulisses.

RAPSÓDIA XIV

Colóquio de Ulisses e Eumeu

Ulisses partiu do porto, seguindo um caminho áspero, por umas eminências, através do arvoredo, em direcção ao lugar, onde, segundo lhe indicara Atena, se erguia a morada do porqueiro exímio, que era, de entre seus criados, o que lhe cuidava com mais fidelidade dos haveres.

Encontrou-o assentado em frente da casa, onde tinha sido arranjado, em lugar descoberto, um cerrado bom e espaçoso. Ele próprio, na ausência de seu senhor e independentemente da dona e do velho Laertes, foi quem o construiu para os porcos, com pedras para ali arrastadas, e o vedou com espinheiros por cima. Por fora, rodeara-o com estacas de carvalho, grossas e bastas, a que tirou a casca negra; e, dentro, fez doze pocílgas contíguas para cama dos suínos. Em cada uma delas estavam encerradas cinquenta porcas prenhes. Os porcos estavam separados, e eram muito menos, e o seu número diminuía dia a dia, porque os pretendentes, tratando-se como deuses, os reclamavam para seus festins e de cada vez o maioral dos pastores era obrigado a mandar-lhes o porco mais bem cevado. Eram ao todo trezentos e sessenta. Junto deles estavam de contínuo quatro cães, como feras, que o porqueiro, chefe dos pastores, alimentava.

Este talhava, então, umas sandálias de pele bovina, de linda cor, e adaptava-as a seus pés. Quanto aos outros pastores, três tinham ido para diferentes partes com varas de porcos; e o quarto enviara-o Eumeu à cidade, a levar aos orgulhosos preten-

dentes o porco requisitado, que sacrificariam, para com a carne satisfazer seu apetite.

De repente, os ladrantes cães viram Ulisses e, assanhados correram para ele; Ulisses, porém, assentou-se com manha e deixou cair o pau das mãos. E ali, junto dos currais de seus porcos, talvez fosse mordido por seus cães, se o porqueiro, largando o que estava a fazer, não acudisse logo, e aos berros e às pedradas, não os enxotasse cada um para seu lado. O porqueiro assim o fez; depois disse a seu senhor:

— Ó ancião, por pouco não foste num instante despedaçado pelos cães: as culpas recairiam sobre mim. Ora os deuses já me deram outras penas e aflições. Vivo aqui, chorando e lamentando o meu senhor, semelhante a um deus, e a criar estes cevados para outros comerem, enquanto ele talvez, desejoso de matar a fome, anda errante pelas terras e cidades de estranhas gentes, se é que ainda vive algures e vê a luz do Sol. Mas segue-me; vamos para a choupana, para que, satisfeita a tua vontade de comer e de beber vinho, me digas donde és e os trabalhos que tens sofrido.

Dito isto, o excelente porqueiro levou-o para a choupana; e, depois de o introduzir, fê-lo assentar e espalhou pelo chão espessos ramos, sobre os quais estendeu um velo de cabra montesa, grande e peludo, em que ele próprio se deitava. Ulisses ale-

---

28, *em que ele próprio se deitava*. Eumeu, que não tinha em sua choupana nem tronos, nem cadeiras, fez assentar Ulisses sobre os arranjos em que ele próprio costumava dormir. Quem oferece o que tem, não está obrigado a mais.

grou-se com um tal acolhimento e, dirigindo-lhe a palavra, disse:

— Zeus e os outros deuses imortais te concedam, meu hospedeiro, o que mais desejas, por me receberes com tanta bondade.

Tu, ó porqueiro Eumeu, replicaste-lhe:

— Estrangeiro, não me é lícito desprezar um hóspede, ainda que venha em pior estado que tu; porque são todos enviados por Zeus, os hóspedes e os indigentes. Dádiva insignificante mas agradável a eles é a nossa, por mínima que seja; e isto cabe na alçada de um escravo, ainda que tenha de obedecer a novos senhores... Decerto foram os deuses que impediram o regresso do meu, que me queria com todo o carinho e me daria possessões — uma casa, uma herança e uma mulher formosa — coisas destas que um senhor benévolo costuma dar a um criado, que se afadigou muito por ele e cujo trabalho um deus faz prosperar, como prospera este, de que me ocupo de contínuo. Por isso, o meu senhor, se envelhecesse aqui, prestar-me-ia grande ajuda. Mas ele pereceu. Oxalá a raça de Helena sucumbisse no pó, por quem os joelhos de muitos varões se dissolveram! Porquanto ele foi a Ílion combater contra os Troianos, por causa da honra de Agamémnon.

Tendo dito isto, apertou ràpidamente a túnica com o cinto e foi às pocilgas, onde havia ninhadas de leitões. Tomando dois, trouxe-os e imolou-os ambos, que, depois de chamuscados e retalhados,

---

23. *os joelhos*. Eram considerados a sede da força corporal.

pôs em espetos. E, quando estavam assados, serviu a Ulisses a carne quente, ainda nos espetos, polvilhando-a com branca farinha de cevada. Em seguida misturou melífluo vinho numa tigela e foi assentar-se em frente dele, a quem exortava com estas palavras:

— Agora come, estrangeiro! Esta carne de leitão é a que nós gastamos; os cevados, esses devoram-nos os pretendentes, sem pensar no futuro castigo, nem sentir piedade. Mas aos deuses bem-aventurados não agradam obras perversas; eles honram a justiça e as acções boas dos homens. Gente inimiga e malévola, que invade a terra estranha e a saqueia com permissão de Zeus, regressa à pátria com suas naus repletas; e um grande temor da vingança futura oprime-lhes o espírito. Estes, porém, devem ter notícia da morte lamentável do ausente; devem ter ouvido o oráculo de algum deus, porque não pretendem o casamento dum modo justo, nem vão para suas casas; mas, em sua insolência, dissipam sossegados os bens alheios e não poupam nada. Todas as noites e dias que nos manda Zeus, eles não imolam só uma nem duas vítimas; além disso, bebem e esgotam o vinho violentamente. Sem dúvida era imensa a fazenda de meu amo, com a qual não competia a de nenhum herói do negro continente ou da própria Ítaca, nem a riqueza de vinte homens juntos. Vou especificar-ta. Doze manadas de bois, outros tantos rebanhos de ovelhas, outras tantas varas de porcos e outros tantos fatos de dispersas cabras apascentam-lhe estranhos e os seus próprios pastores. Aqui, nestes extremos, andam a pastar, ao todo, onze rebanhos de irrequietas cabras, vigiadas por ho-

mens de confiança. Cada um destes leva todos os dias uma rês aos pretendentes, a que lhe parece melhor de entre as mais gordas. E eu guardo estas marrãs e trato delas e envio-lhes o melhor porco, depois de escolhido cuidadosamente.

Assim falou; mas Ulisses, sem dizer nada, comia carne e bebia vinho, à pressa e com avidez, premeditando a ruína dos pretendentes. Depois de ele ter confortado seu ânimo com a comida, Eumeu deitou vinho no copo, por onde bebia, e deu-lho cheio. Ele aceitou-o; e, satisfeito em seu coração, dirigiu-lhes estas aladas palavras:

— Amigo, quem te comprou com seus próprios bens, sendo assim tão rico e poderoso, como dizes? Tu afirmaste que ele pereceu, por causa da honra de Agamémnon. Conta-me isso; talvez eu o tivesse conhecido em alguma parte. Zeus e os outros deuses imortais sabem se poderia dar notícias dele, por tê-lo visto, pois tenho andado errante por muitas terras.

Replicou-lhe o porqueiro, chefe dos pastores:

— Ó ancião, nenhum desses que andam a correr mundo arriba aqui com notícias dele; nem poderia convencer-lhe a esposa ou o filho; esses vagabundos, que precisam de ser socorridos, mentem sem mais nem menos e não querem falar verdade. Qualquer que chega a terras de Ítaca vai contar intrujices à minha senhora, que o recebe e lhe dá bom acolhimento; e, depois de se informar de tudo, aflige-se e deixa deslizar as lágrimas das pálpebras, como a mulher costuma, quando lhe morre o marido fora da terra. Até tu, ancião, inventavas logo uma história, se alguém te desse, para vestir-te, um manto e uma túnica.

Os cães e as ligeiras aves a estas horas já lhe hão-de ter levado a pele dos ossos, depois que a alma o abandonou; ou devoraram-no os peixes do mar, jazendo sua ossada na praia, sepulta num montão de areia. Assim acabou ele, deixando após de si todos os amigos cheios de cuidados, principalmente a mim; porque jamais encontrarei em alguma parte um senhor tão bondoso, nem até se voltasse para a casa de meu pai e de minha mãe, onde nasci e fui criado. E ainda que desejava ver a estes com os meus olhos na terra, não me aflijo tanto por sua causa, como sinto saudades do ausente Ulisses, cujo nome, apesar de ele não estar aqui, estrangeiro, pronuncio com respeito, pelo muito que me estimava e parecia trazer-me em seu coração; e, se bem que esteja longe, chamo-lhe «o meu querido senhor».

O paciente e egrégio Ulisses respondeu-lhe:

— Amigo, já que estás tão teimoso em não crer no que te digo e em dizer que ele nunca mais cá torna, da minha parte reafirmo e juro que Ulisses há-de voltar. E quando ele aparecer e entrar por sua casa dentro, hei-de receber as alvíssaras: bons vestidos para me cobrir, pelo menos um manto e uma túnica. Até lá não aceito nada, ainda que esteja em grande necessidade; parece-me odioso como as portas do Hades aquele que, cedendo à sua pobreza, se faz intrujão. Sejam testemunhas Zeus, primeiramente, entre os imortais, e depois a mesa hospitaleira e o lar do irrepreensível Ulisses, onde me encontro, de que tudo se há-de realizar, como eu digo. Ele voltará ainda este ano. Quando terminar este mês e principiar outro, regressará a sua casa e vingará os ultrages, que foram come-

tidos aqui contra sua esposa e contra seu ilustre filho.

Tu, ó porqueiro Eumeu, replicaste-lhe:

— Ó ancião, eu não terei alvíssaras a dar-te, nem Ulisses tornará mais a casa. Bebe sossegado e lembremo-nos doutras coisas. Não me fales mais disto, porque o meu coração aflige-se no peito, quando alguém pronuncia o nome do meu bom senhor. Deixemos o juramento; e oxalá Ulisses viesse, como desejo eu, Penélope, o velho Laertes e o deiforme Telémaco. Demais, não cesso de lamentar-me por causa de Telémaco, o filho que Ulisses gerou. Quando os deuses o tinham criado como a uma vergôntea e julgava que havia de ser entre os homens em nada inferior a seu próprio pai, que seria admirável na estatura e na beleza, um imortal ou um homem transtornou-lhe a cabeça e foi para a sacra Pilos em busca de novas de Ulisses. Os ilustres pretendentes, porém, armam-lhe emboscadas para o apanhar na vinda para casa, a fim de que, sem glória, desapareça de Ítaca a raça do divino Arcésio. Mas deixemo-lo, quer tenha sido preso, quer tenha escapado e seja protegido pela mão do filho de Cronos. Conta-me, ancião, os teus trabalhos e fala com lisura, para que eu fique bem informado. Quem és tu? Qual é a tua terra? Onde fica a tua cidade? Teus pais onde moram? Em que nau vieste e como te trouxeram os marinheiros a Ítaca? Quem diziam eles ser? pois não creio que viesses para aqui a pé.

Disse-lhe em resposta o solerte Ulisses:

— Vou responder-te, pois, com toda a sinceridade. Tivéssemos nós, durante longo tempo, comida e doce vinho, para nos banquetearmos, sos-

segados, dentro da cabana, enquanto os outros fossem para o trabalho! Pois não seria fácil narrar-te todas as angústias que o meu coração por vontade dos deuses suportou, ainda que estivesse um ano a falar.

Quanto à linhagem, orgulho-me de ser filho dum opulento varão da vasta Creta, de quem foram criados no palácio muitos outros filhos, todos legítimos, que houve de sua esposa; mas a mim deu-me à luz uma mulher comprada, sua concubina. Apesar disso, porém, estimava-me tanto como aos filhos legítimos Castor, filho de Hilace, que eu me glorio de ter por pai, o qual em Creta era honrado pelo povo como um deus, por sua fortuna, sua riqueza e por seus ilustres filhos. Mas o destino levou-o para a morada do Hades e os filhos orgulhosos lançaram sortes e distribuíram entre si os bens, deixando-me muito pouco: deram-me uma casa em partilha. Contudo, como não era desprovido de merecimento, nem temia a guerra, casei-me, em atenção a minhas prerrogativas, com uma mulher, filha de gente rica. Agora já lá vai tudo; mas creio que reconhecerás os restos da antiga força em meu corpo envelhecido, porque todos os males vieram sobre mim.

Ares e Atena deram-me valor e força para romper as hostes dos contrários. Sempre que se escolhiam para uma emboscada os homens mais valentes, tentando a ruína dos inimigos, nunca meu ânimo generoso viu a morte diante dos olhos, mas era o primeiro de todos a lançar-me para a luta e matava com a lança o adversário que na carreira me fosse inferior. Assim era eu na guerra. Não gostava da lavoira nem da administração da casa, que cria

filhos ilustres; agradaram-me sempre, pelo contrário, naus providas de remos, guerras, dardos bem polidos e frechas: tristes coisas, que para os outros são horríveis, mas a mim dão-me prazer, por um deus me ter feito com esta inclinação; pois um homem deleita-se com estes trabalhos, outro com aqueles.

Antes de os filhos dos Aqueus desembarcarem em Tróia, já eu tinha comandado nove vezes a guerreiros e a naus rápidas contra gentes estranhas e adquirido grande abundância de despojos. Destes escolhia os que me agradavam; e muitos outros, depois, me caíam em sorte. A minha casa assim prosperou ràpidamente e eu tornei-me temido e respeitado entre os Cretenses. Quando, porém, o longividente Zeus ordenou a odiosa expedição, na qual os joelhos de muitos varões se dissolveram, o celebérrimo Idomeneu foi encarregado comigo de comandar as naus, que iam para Ílion, sem que houvesse meio de me escusar, por temor da má opinião do povo. Lá combatemos nós, os filhos dos Aqueus, durante nove anos; e, no décimo, tendo assolado a cidade de Príamo, embarcámos para a pátria e um deus dispersou as nossas naus.

O prudente Zeus meditou males contra mim, desgraçado, que só estive um mês gozando da companhia dos filhos e de minha legítima esposa e das riquezas; o ânimo aventureiro incitou-me a navegar para o Egipto com os companheiros semelhantes aos deuses, depois de termos aparelhado devidamente as naves. Aparelhei nove naus e a equipagem depressa se reuniu. Os meus caros companheiros banquctearam-se durante seis dias; e eu forneci-lhes muitas vítimas para sacrificarem aos deuses

e prepararem seus festins. Ao sétimo embarcámos e partimos da vasta Creta ao forte e favorável sopro do Bóreas, navegando tão ligeiros, como se fôssemos à mercê da corrente. As naves, que o vento e os pilotos dirigiam, não sofreram nenhum estrago e nós íamos assentados, incólumes e de saúde.

Depois de cinco dias, chegámos ao rio Egipto, de bela corrente, onde mandei parar as naus, movidas a remos de ambos os lados. Então recomendei aos meus caros companheiros que ficassem ali, junto das naves, e as guardassem; e aos espias exortei a subirem às atalaias. Mas, seguindo seu próprio impulso, deram-se a actos de violência: começaram logo a devastar os magníficos campos dos Egípcios, a arrebatar-lhes as mulheres e as tenras crianças e a eles a dar-lhes a morte.

Em breve chegou o clamor à cidade. Os Egípcios, ouvindo a gritaria, acorreram ao despontar da Aurora, enchendo-se toda a planície de peões, de cavalos e dos fulgores do bronze. E Zeus, que se compraz no raio, lançou em cobarde fuga os meus companheiros, que não ousaram resistir, rodeados de calamidades por toda a parte. Ali foram mortos com o afiado bronze muitos dos nossos; e a outros levaram-nos vivos, para serem obrigados a trabalhar.

Zeus, porém, inspirou-me esta ideia (Oxalá eu tivesse morrido e terminado ali, no Egipto, o meu destino, visto dever ser ainda hóspede do infortúnio!): Imediatamente tirei o bem trabalhado elmo da cabeça e dos ombros o escudo e arremessei a lança das mãos; depois fui em direcção à cavalaria real, abracei e beijei os joelhos do rei. Ele defendeu-me

e salvou-me e, fazendo-me assentar no carro, conduziu-me para o seu palácio, enquanto eu chorava. Então muitos, com a lança, investiram contra mim, desejando matar-me, na veemência da sua ira; mas o rei deteve-os, porque temia a cólera de Zeus hospitaleiro, que se indigna em extremo contra as más acções.

Ali permaneci sete anos e ajuntei muitas riquezas entre os habitantes do Egipto, que mas ofereciam. Mas, quando no curso dos anos veio o oitavo, apresentou-se um fenício, hábil em patranhas e muito mau, que já tinha causado muito dano aos homens; ele teve a arte de me persuadir e de me levar para a Fenícia, onde tinha a sua casa e os seus bens. Estive com ele aí um ano completo.

Depois que passaram meses e dias e que, volvido um ano, as estações tornaram a suceder-se, ele, tecendo enganos, embarcou-me para a Líbia numa nave sulcadora do mar, com o fim de que eu levasse com ele a carga e depois, vendendo-me lá, adquirisse um lucro incalculável. Ainda que eu desconfiava, contudo era obrigado a seguir com ele na sua nau. Esta corria ao forte e favorável sopro do Bóreas, em alto mar, acima de Creta, enquanto Zeus meditava na ruína deles.

Tendo nós deixado Creta e não se vendo nenhuma terra, mas ùnicamente céu e água, o filho de Cronos fez aparecer uma nuvem sombria por cima da côncava nave, com a qual obscureceu o mar. Ao mesmo tempo, bramou com o trovão e despediu um raio contra a nau, que estremeceu toda, ao ser atingida, e encheu-se de enxofre; e todos os homens foram arremessados da nave escura e andavam em volta dela à mercê das ondas, semelhantes

a gralhas marinhas, sendo por um deus privados do regresso à pátria. Mas a mim, que vogava de ânimo aflito, Zeus impeliu-me para as mãos um grande mastro da nau de escura proa, para que escapasse outra vez da morte.

Durante nove dias andei abraçado a ele, arrastado pelos perniciosos ventos; mas no décimo, por uma caliginosa noite, uma grossa vaga, rolando-me, aproximou-me da terra dos Tesprotos. Ali, o rei deles, o herói Fídon, acolheu-me com benignidade: sobrevindo o seu filho, este conduziu-me para casa, transido de frio e cansado, segurando-me pela mão, até chegar aos paços do pai, onde me deu um manto e uma túnica para eu vestir.

Aqui ouvi falar em Ulisses. O rei afirmava que lhe tinha dado hospedagem e acolhimento, em sua vinda para a terra pátria, e mostrou-me as riquezas que ele ajuntara: bronze, oiro e bem trabalhado ferro. Tudo isto poderia sustentar ainda outro homem até à décima geração, tantas eram as preciosidades que tinha no palácio do rei. Disse-me também que Ulisses fora a Dodona, para conhecer do divino roble de elevada copa a vontade de Zeus, a respeito do modo de regressar à terra fértil de Ítaca, de que se ausentara havia muito: se manifestamente, ou às ocultas. E jurou-me, fazendo libações na sala, que uma nau tinha sido lançada ao mar e que estavam prontos os companheiros, os quais deviam reconduzi-lo à sua pátria terra.

A mim, porém, despediu-me primeiro, porque sucedeu casualmente partir uma nau com Tesprotos para Dulíquio, fértil em trigo. Ele tinha dado ordem à equipagem de me conduzir com todo o carinho para o rei Acasto; mas aos seus espíritos

aprouve tomar uma resolução má a meu respeito, a fim de que sofresse ainda a calamidade das calamidades. Quando a nau sulcadora do mar estava muito longe da terra, eles apressaram-se a preparar-me o dia da escravidão. Despojando-me dos vestidos, do manto e da túnica, envolveram-me nuns vis andrajos e nesta esfrangalhada túnica, que com os teus olhos vês. Pela tarde, chegaram aos campos de Ítaca, visível ao longe. Então prenderam-me fortemente na nave de boa coberta com uma retorcida corda; depois, desembarcando, cearam apressadamente, na praia.

Os deuses, porém, desataram-me num instante as prisões; e, envolvendo a cabeça nos farrapos, deixei-me escorregar pelo polido leme e dei o peito às ondas; em seguida, fazendo de ambos os braços remos, avancei, nadando, e depressa me vi fora da água, longe dos inimigos. Subindo além, onde há uma verdejante espessura, aí permaneci deitado, cosido com o chão. Entretanto, eles davam altos suspiros e iam dum lado para outro. Por fim, não lhes parecendo útil continuar as pesquisas, voltaram à côncava nau; e os deuses esconderam-me fàcilmente e trouxeram-me para a malhada dum varão cordato, pois o meu destino é que viva por mais tempo.

Tu, ó porqueiro Eumeu, replicaste-lhe:

— Ah! infeliz estrangeiro! Na verdade comoveste-me o coração, relatando por miúdo os trabalhos que tens topado a correr mundo. Mas não acredito nem palavra do que disseste a respeito de Ulisses. Que precisão tens tu de mentir, assim à toa, se já estás livre de embrulhadas? A respeito da vinda do meu senhor, entendi muito bem que os

deuses não gostavam dele, pois não quiseram que morresse nem no meio dos Troianos, quando havia guerra, nem depois nos braços dos amigos; e isto foi para que nem os Panaqueus lhe levantassem um moimento, nem o filho ficasse com a fama do pai. Por isso as Harpias levaram-no sem que ninguém soubesse! Eu vivo aqui retirado, ao pé dos porcos, e não vou à cidade, a não ser que a prudente Penélope me chame, quando lhe chegam notícias de alguma parte. E lá, assentados, eles informam-se de tudo minuciosamente, tanto os que se afligem com a ausência do senhor, como os que se alegram com ela, por poderem devorar sem receio os seus bens.

Quanto a mim, já não pergunto por novidades. desde que um homem de Etólia me enganou com suas histórias, o qual, por ter morte de homem, andou fugido por muitas terras e chegou à minha malhada, onde lhe dei acolhimento. Ele dizia ter visto Ulisses em Creta, junto de Idomeneu, a reparar as naus, que os temporais lhe haviam despedaçado; e dizia que havia de chegar no Verão ou no Outono, com muitas riquezas, mais os companheiros, que também eram pessoas de respeito. Agora tu, velho, que tens padecido tanto, visto um deus ter-te guiado a minha casa, não tentes comprazer-me ou levar-me com patranhas; pois não é por isso que te hei-de respeitar nem dar acolhimento, mas por temor de Zeus hospitaleiro e por me compadecer de ti.

Respondeu-lhe o prudente Ulisses:

— Na verdade tens no peito um ânimo muito incrédulo, que nem depois do juramento consigo demover nem levar a acreditar em mim. Façamos agora uma aposta e sejam, lá em cima, nossas tes-

temunhas os deuses, moradores do Olimpo. Se o teu senhor regressar a esta casa, vestir-me-ás com um manto e com uma túnica e enviar-me-ás a Dulíquio, que é aonde quero ir; mas se ele não vier, como eu digo, incita contra mim os escravos e precipita-me do alto dum grande rochedo, para que nunca mais mendigo algum se atreva a vir aqui enganar-te.

Replicou-lhe o bom porqueiro:

— Ó meu hóspede, eu havia de ganhar entre os homens de agora e os que hão-de vir boa fama e um nome digno, se, depois de trazer-te à minha cabana e te servir como a hóspede, te matasse e te arrancasse a cara alma! Então poderia de todo o coração e alegremente orar a Zeus, filho de Cronos! Mas é tempo de cear. Oxalá os meus companheiros cheguem depressa e já, para prepararmos uma apetitosa ceia dentro da choupana!

Assim conversavam os dois. Entretanto, aproximaram-se os porqueiros com as reses, que encerraram nas pocilgas, para aí dormirem; começaram a grunhir ao mesmo tempo todos os porcos que pernoitavam ao ar livre. Mas o exímio porqueiro ordenou aos seus camaradas:

— Trazei o porco melhor, para que o prepare em atenção ao estrangeiro que vem de muito longe. Assim aproveitar-nos-emos também dos porcos de brancos dentes, que nos custaram muitas canseiras, enquanto outros comem sem lei nem razão o fruto de nosso trabalho.

Tendo falado assim, pôs-se a rachar lenha com o insensível bronze; e os companheiros conduziram um porco muito gordo, de cinco anos, que colocaram de pé, junto ao lar. Como tinha piedosos

sentimentos, o porqueiro não se esqueceu dos imortais: deu início à cerimónia, lançando no fogo os pêlos da cabeça do porco de alvos dentes, ao mesmo tempo que rogava a todos os deuses pelo regresso do prudente Ulisses a sua casa. Feito isto, levantou o braço e feriu a vítima com uma acha de carvalho, que deixara, ao rachar a lenha, e o porco ficou sem vida. Em seguida os outros degolaram-no e, depois de chamuscado, dividiram-no logo em pedaços. Então o porqueiro começou por colocar bocados de carne crua de todos os membros sobre a gordura espessa, lançando tudo ao fogo, depois de o polvilhar com farinha de cevada.

Quanto ao resto da carne, tendo-a partido, assaram-na cuidadosamente em espetos, donde a tiraram depois, e puseram-na toda junta sobre uma mesa. Neste momento o porqueiro, que era equitativo, levantou-se para fazer as partes. E, dividindo toda a carne, fez sete porções, das quais reservou uma para as ninfas e para Hermes, filho de Maia, a quem dirigiu suas súplicas; as outras distribuiu-as pelos convivas, honrando a Ulisses com um pedaço do comprido lombo do porco de alvos dentes, pelo que o coração do senhor se regozijou. Tomando então Ulisses a palavra, falou assim:

— Ó Eumeu, oxalá tu sejas tão caro ao pai Zeus como és a mim, porque, apesar do estado em que me encontro, me honras com teus dons!

Tu, porqueiro Eumeu, replicaste-lhe:

— Come, ó mais infeliz dos hóspedes, e deleita-te com o que tens adiante de ti. A divindade dar-te-á umas coisas e recusar-te-á outras, conforme o seu coração quiser, pois tudo podem os deuses.

Disse; e sagrou as primícias aos deuses sempi-

ternos; em seguida, depois de libar com o rutilante vinho, pôs o copo nas mãos de Ulisses, assolador das cidades, que estava assentado junto da sua porção. Mesáulio distribuiu pão a todos. (Mesáulio era o escravo que o porqueiro tinha adquirido por si só, na ausência de Ulisses e independentemente da senhora e do velho Laertes; Eumeu tinha-o comprado aos Táfios com seus próprios bens). E os convivas estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente. Mas, depois de saciarem a vontade de beber e de comer, Mesáulio recolheu o pão e todos se apressaram a ir para o leito, fartos de pão e de carne.

Sobreveio uma noite feia, sem lua, durante a qual Zeus fez chover sem interrupção e o Zéfiro, que sempre traz chuva, soprou furiosamente. Ulisses, tentando o porqueiro, a ver se este, despindo o seu manto, lho dava ou se aconselharia a isso algum dos presentes, pois se mostrava tão serviçal, falou-lhes assim:

— Escutai-me agora, Eumeu e todos os demais companheiros. Vou dizer algumas palavras em meu louvor, porque assim manda o vinho perturbador da razão, o qual faz cantar e rir à vontade até o homem mais risonho; incita-o à dança e provoca a chalaça, que melhor seria, se ficasse por dizer. Mas, já que comecei este discurso, não me calarei. Oxalá eu fosse tão jovem e tivesse a mesma força que tinha quando nós, tendo preparado a emboscada, a metemos debaixo dos muros de Tróia. Eram chefes Ulisses e Menelau Atrida, entre os quais ia eu como terceiro capitão, porque eles próprios assim o ordenaram. Mas como tivéssemos chegado à cidade e ao seu alto muro, cosendo-nos debaixo das

armas com o chão, ficámos ali estendidos numa espessura, entre as canas dum pântano, ao pé da cidade. Sobreveio então uma noite feia e glacial, por causa do Bóreas: de cima caía neve fria, como a geada, e em volta, sobre os escudos, condensava-se a água.

Todos os outros tinham mantos e túnicas e dormiam tranquilos, com os ombros cobertos pelos escudos; mas eu, por imprudência, deixara, ao partir, o meu manto aos companheiros, não julgando que tivesse de passar tanto frio, e segui com o escudo apenas e com um brilhante cinto. Quando, porém, a noite ia na sua terceira parte e os astros já se inclinavam para o ocaso, então eu disse para Ulisses, que estava ao pé de mim, tocando-lhe com o cotovelo:

«Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos! Não serei mais do número dos vivos, porque o frio, por falta de manto, se apodera de mim. Alguma divindade me enganou ao vir só de túnica, e agora não posso escapar à morte».

Assim falei; e logo ele descobriu em seu ânimo este recurso, porque era distinto no conselho e no combate:

«Cala-te! Que nenhum dos Aqueus te oiça!»

Disse; e, apoiando a cabeça sobre o cotovelo, falou assim:

«Ouvi, amigos. Um sonho divino sobreveio-me durante o sono. Como nós nos afastámos muito das naus, vá alguém dizer ao filho de Atreu, a Agamémnon, pastor de povos, se não seria possível mandar-nos mais guerreiros de junto das naves».

Apenas dissera isto, levantou-se imediatamente

Toante, filho de Andrémon, e, arrojando de si o manto purpúreo, dirigiu-se, a correr, para as naus. E eu fiquei deitado nele, todo satisfeito, até que apareceu a Aurora de áureo trono. Fosse neste momento tão jovem e tivesse a mesma força que então, que algum dos porqueiros, na malhada, me havia de dar um manto por amizade e, ao mesmo tempo, por atenção a um valente. Mas agora desprezam-me, por cobrirem meu corpo uns vis farrapos.

Tu, porqueiro Eumeu, replicaste-lhe:

— Ó velho, a história que contaste veio mesmo a matar, nem foi inútil ou inconveniente o teu aranzel; por isso não ficarás sem a roupa ou alguma outra coisa, das que se dariam a um infeliz suplicante, que viesse, neste momento, ao nosso encontro. Mas, de manhã, retomarás os teus andrajos, visto aqui não termos muitos mantos e túnicas para mudar: cada homem veste os seus. Depois, quando vier o caro filho de Ulisses, ele dar-te-á vestidos, um manto e uma túnica, e te conduzirá aonde o teu coração e o teu desejo te impelirem.

Tendo assim falado, levantou-se e pôs ao hóspede uma cama junto do lume; proveu-a de peles de ovelha e de cabra. Aí se deitou Ulisses; e Eumeu lançou-lhe por cima um manto amplo e grosso, peça que tinha de reserva, para reforçar, quando viesse algum Inverno extraordinário.

Ali, pois, dormiu Ulisses e à sua beira os jovens pastores. Ao porqueiro, porém, não lhe agradou ter a sua cama naquele lugar e dormir longe dos porcos. Ele, por isso, dispôs-se para sair, com alegria de Ulisses, por ver que tratava com grande solicitude de seus bens, durante sua ausência. Pri-

meiramente lançou em volta dos fortes ombros a aguda espada; depois vestiu um manto muito espesso, com que se abrigava do vento; e, por último, tomou o velo duma cabra grande e gorda, bem como um agudo venábulo, sua arma defensiva contra homens e cães. E partiu, com vontade de se deitar, para debaixo duma côncava rocha, onde dormiam, ao abrigo do Bóreas, os porcos de alvos dentes.

RAPSÓDIA XV

Telémaco chega à morada de Eumeu

Palas Atena dirigiu-se à vasta Lacedemónia, para lembrar ao ilustre filho do magnânimo Ulisses o seu regresso e incitá-lo a partir para a pátria. Encontrou Telémaco e o egrégio filho de Nestor deitados no vestíbulo do palácio do glorioso Menelau. O filho de Nestor jazia vencido pelo agradável sono, mas Telémaco não se deixara dominar pelas doçuras dele, porque, durante a noite imortal, o pensamento do pai, que lhe preocupava o coração, conservou-o acordado. Aproximando-se dele, Atena de olhos brilhantes disse-lhe:

— Telémaco, não é conveniente que continues a divagar longe do palácio, tendo deixado nele as tuas riquezas e uns homens tão orgulhosos. Teme que eles distribuam entre si os teus bens e os devorem todos e a tua viagem se torne inútil. Exorta Menelau, valente no combate, a que te reenvie o mais depressa possível, para que ainda encontres em casa a tua irrepreensível mãe. Porquanto o pai e os irmãos aconselham-na a casar-se com Eurímaco, que em dádivas sobrepuja a todos os pretendentes e não cessa de aumentar-lhe o dote. Olha se, contra tua vontade, te levam do palácio alguma coisa preciosa. Tu sabes qual é o coração que a mulher tem no peito: ela deseja fazer prosperar a casa do que a toma por esposa e não se recorda

---

5, *no vestíbulo*. Sob a galeria ou no pórtico, à entrada da sala dos homens.

mais dos primeiros filhos ou do legítimo marido, que morreu, nem pergunta por eles. Por isso, quando voltares, confia teus bens à escrava que te pareça melhor, até que os deuses te deparem uma consorte ilustre.

Vou dar-te outro conselho, que deves guardar em teu coração. Os mais ilustres dos pretendentes, em bastante número, armam-te uma emboscada, no estreito entre Ítaca e a escabrosa Samos, e projectam matar-te, antes que chegues à terra pátria. Mas não creio que isto suceda. Primeiro encerrará a terra no seu seio a cada um dos pretendentes, que devoram a tua fortuna. Afasta das ilhas a bem construída nau e navega de noite; o imortal que te guarda e protege enviará a monção favorável. Logo, porém, que atingires a primeira costa de Ítaca, ordena a teus companheiros que levem o barco para a cidade e tu dirige-te, sem perda de tempo, para o porqueiro, que te é afeiçoado. Pernoita em sua casa e manda-o à cidade anunciar à sensata Penélope que chegaste a salvamento da viagem a Pilos.

Atena, depois de falar assim, afastou-se para o vasto Olimpo, enquanto Telémaco, sacudindo o filho de Nestor com o pé, o despertava do doce sono e lhe dizia estas palavras:

— Desperta, Pisístrato, filho de Nestor! Atrela ao carro os corcéis de rijas patas, para concluírmos a nossa viagem.

Replicou-lhe Pisístrato, filho de Nestor:

— Telémaco, apesar da urgência da partida, não é possível conduzir os cavalos através da noite escura. Mas a Aurora despontará em breve. Espera, até que o herói Atrida, Menelau, célebre na lança, coloque as dádivas no carro e nos reenvie,

dirigindo-nos suas amáveis palavras. Pois o hóspede todos os dias se lembra do varão hospitaleiro, que lhe mostrou sua amizade.

Assim disse; e logo apareceu a Aurora de áureo trono. Então aproximou-se deles Menelau, valente no combate, o qual se tinha levantado da cama, de junto de Helena de bela cabeleira. Como o caro filho de Ulisses o notasse, apressou-se a vestir a esplêndida túnica e a lançar o grande manto em volta dos ombros fortes. Depois Telémaco, o caro filho do divino Ulisses, dirigiu-se para a porta e, parando junto dele, falou assim:

— Menelau Atrida, aluno de Zeus, chefe de guerreiros! Reenvia-me já para a minha terra pátria, porque o meu coração anseia por voltar para casa.

Menelau, valente no combate, replicou-lhe:

— Telémaco, não te deterei aqui por longo tempo, visto suspirares por voltar; pois censuro tanto o proceder daquele que recebe um hóspede com demasiados transportes de amizade, como o de quem o acolhe com enfado extremo. É preferível a moderação em tudo. Procede tão mal o que exorta seu hóspede a ir-se, quando não quer, como o que o detém, quando deseja partir. É necessário tratar bem o hóspede, enquanto está presente, e

---

21-22, *moderação em tudo*. Como observa Eustáquio, este passo homérico deu origem ao provérbio ensinado pelos filósofos, em grego e latim: *medèn dgan=ne quid nimis*; e em português=*o que é demais é erro*. Se o leitor quiser citar Homero em grego, não diga *medèn dgan*, mas sim *ameino d'aisima panta*. Não se tratando de um *divino* Telémaco, mas de qualquer parasita ou papa-jantares, o prolóquio grego pode adaptar-se assim: «muito come o tolo; mais tolo é quem lho dá».

despedi-lo, quando ele quiser. Mas espera, até que eu coloque as belas dádivas no carro e tu as admires com os olhos; e que diga às mulheres que preparem a refeição na sala, com as provisões, que em abundância existem dentro do palácio. Há, ao mesmo tempo, honra, glória e utilidade em que os hóspedes jantem bem, antes de ir pela terra imensa. Declara-me se preferes voltar pela Hélade ou pelo meio de Argos, a fim de que te acompanhe: eu jungirei os cavalos e conduzir-te-ei pelas cidades dos homens; e ninguém nos deixará partir, sem nos dar alguma coisa para levarmos: uma trípode ou uma bela caldeira de bronze, um par de mulos ou uma taça de oiro.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Menelau Atrida, aluno de Zeus, chefe de guerreiros! Eu quero regressar já a nossa casa, porque, ao partir, não deixei ninguém encarregado da minha fazenda; temo que, enquanto ando em procura do pai, semelhante a um deus, eu próprio pereça, ou alguma preciosidade me seja subtraída do palácio.

Menelau, valente no combate, tendo-o ouvido, imediatamente ordenou à esposa e às escravas que preparassem a refeição na sala, com as provisões, que em abundância existiam dentro do palácio. Logo veio Eteoneu, filho de Boeto, que acabava de sair do leito, pois não vivia muito longe dali. Menelau, valente no combate, mandou-lhe acender o lume e assar a carne; e ele não desobedeceu à ordem.

Entretanto, Menelau baixou à perfumada câmara com Helena e Megapentes. Quando chegara onde jaziam as suas preciosidades, o filho de Atreu to-

mou um copo duplo e ordenou a seu filho Megapentes que levasse uma cratera de prata. Helena, porém, estava junto das arcas, onde se guardavam os seus peplos de muitas bordaduras, que ela própria tinha feito. Tomando um, a mulher preclara levou-o; era este o mais belo, por seus bordados, e o maior; tirado de debaixo dos outros, resplandecia agora como um astro. Foram depois pelo palácio até encontrar Telémaco, a quem o fulvo Menelau disse:

— Telémaco, que Zeus, o trovejante esposo de Hera, te conceda um regresso assim como teu coração deseja! De quantos presentes há em minha casa, que se possam guardar como lembrança, quero dar-te o mais belo e precioso: vou oferecer-te uma formosa cratera, toda de prata, cujas bordas foram trabalhadas a oiro e é obra de Hefestos. O herói Fédimo, rei dos Sidónios, presenteou-ma, quando me acolheu em sua casa, onde passei no meu regresso. Este é o presente que te quero dar.

Dito isto, o herói, filho de Atreu, entregou-lhe o copo duplo; e o forte Megapentes, que trazia a brilhante cratera de prata, pô-la adiante dele. Mas Helena de belas faces, aproximando-se de Telémaco com o peplo em suas mãos, dirigiu-lhe a palavra, dizendo:

— Meu filho, eis o presente que te dou; é uma lembrança das mãos de Helena, para tua esposa trazer, quando vier o muito desejado tempo das núpcias. Entretanto, que tua mãe o guarde no palácio. Desejo-te um feliz regresso à bem construída casa e à tua pátria terra!

Dito isto, entregou-lho; e ele recebeu-o com alegria. E o herói Pisístrato, tomando as dádivas nas

mãos, foi colocá-la no cesto do carro, depois de seu espírito as admirar todas. Em seguida, Menelau de fulva cabeça conduziu-os para o palácio, onde se assentaram. Uma criada, trazendo então água para se lavarem, num belo jarro de oiro, deitou-lha nas mãos, sobre uma argêntea bacia; e pôs uma polida mesa adiante deles. Uma despenseira veneranda serviu-lhes pão, além de muitos outros manjares, existentes de reserva, dos quais distribuía com gosto. Ao lado, o filho de Boeto trinchava a carne e distribuía as porções, enquanto o filho do glorioso Menelau ia deitando o vinho. E eles estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente.

Mas, depois de saciarem a vontade de beber e de comer, Telémaco e o ilustre filho de Nestor, tendo atrelado os cavalos e subido para o carro de ornato vário, guiaram-no para fora do vestíbulo e do pórtico retumbante. Atrás deles foi o filho de Atreu, o fulvo Menelau, sustentando na mão direita um copo de oiro com melífluo vinho, para que fizesse a libação, antes de partirem os dois. E parando adiante dos cavalos, brindou os viajantes, dizendo:

— Sede felizes, jovens, e apresentai minhas saudações a Nestor, pastor de povos, que para mim foi tão bondoso como um pai, enquanto nós, os filhos dos Aqueus, pelejámos em Tróia.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Sim, quando chegarmos, ó aluno de Zeus, dir-lhe-emos tudo isso que tu nos recomendas. Quem dera que eu, ao entrar em Ítaca, encontrando Ulisses em casa, lhe pudesse dizer que parti de teu palácio, depois de receber todas as provas de carinho,

e que levei comigo muitas e excelentes preciosidades!

Dito isto, voou para ele, para o lado direito, uma ave: era uma águia, que do pátio arrebatara nas garras um ganso doméstico, branco, muito grande. Seguiam-na, soltando gritos estridentes, homens e mulheres; e, quando estava perto deles, lançou-se para a direita, em frente dos cavalos. Todos se alegraram, ao vê-la, e nos peitos alvoraçaram-se os corações. Pisístrato, filho de Nestor, começou a falar assim:

— Menelau, aluno de Zeus, chefe de guerreiros! Olha se foi para nós dois que um deus fez aparecer este prodígio, ou se para ti só.

Assim disse; e Menelau, querido de Ares, pensava na conveniente resposta que lhe daria; mas Helena, de longo peplo, falou primeiro que ele:

— Escutai-me! Vou anunciar-vos o que os imortais inspiram ao meu coração e que, como eu julgo, terá cumprimento. Como a águia vinda do monte, onde nasceu e tem os filhos, apanhou o ganso doméstico, assim Ulisses, depois de suportar trabalhos sem conta e correr muitas terras, há-de volver a sua casa e vingar-se. Talvez até já lá esteja, a cogitar no extermínio de todos os pretendentes.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Que Zeus, o trovejante esposo de Hera, o disponha assim! Eu de lá dirigir-te-ei os meus votos como a uma deusa.

Disse; e com o chicote incitou os cavalos, que

3, *lado direito*. Para os adivinhos gregos o lado direito era indicação de favorável.

arrancaram fogosos para a planície, através da cidade. E, durante todo o dia, não deixaram de agitar o jugo, que sustinham pelas extremidades. Pusera-se o Sol e todos os caminhos iam escurecendo quando chegaram a Feras, ao palácio de Diocles, filho de Orsítoco que tinha por pai a Alfeu. Ali pernoitaram e ele ofereceu-lhes os dons da hospitalidade. Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, tendo atrelado os cavalos e subido para o carro de variados ornatos, guiaram-no para fora do vestíbulo e do pórtico retumbante. E Pisístrato com o chicote pôs em andamento os corcéis, que corriam com ardor e logo atingiram a alta cidade de Pilos. Então, disse Telémaco para o filho de Nestor:

— Como cumprirás, filho de Nestor, a promessa que me fizeste? Nós orgulhamo-nos de ser perpètuamente hóspedes um do outro, em virtude da amizade de nossos pais e por termos a mesma idade; além disso, esta viagem estreitará ainda mais a nossa união. Não me leves, portanto, para além da nau, aluno de Zeus; deixa-me onde ela está. Receio que o ancião, desejando obsequiar-me, me detenha em sua casa contra minha vontade; e eu preciso de chegar depressa.

Assim falou; e o filho de Nestor ponderava em seu coração como cumpriria convenientemente a promessa que lhe fizera. Depois de ter reflectido, pareceu-lhe que seria melhor deste modo: fez voltar os cavalos para a nau ligeira e para a praia do mar; em seguida, levou do carro para a popa da nave os presentes magníficos, — os vestidos e o oiro, que Menelau lhe dera; e, exortando a Telémaco, disse estas aladas palavras:

— Apressa-te agora a embarcar e ordena também isso a todos os companheiros, antes que eu chegue a casa e o anuncie a meu pai. Eu conheço bem em meu espírito e no meu coração quanto o seu ânimo é violento; ele não te deixará partir, mas virá aqui chamar-te; e não creio que volte sem ti. De qualquer maneira, há-de ser grande a sua cólera.

Tendo dito isto, pôs em andamento os cavalos de belas crinas para a cidade de Pilos; e em breve chegou ao seu palácio. Mas Telémaco deu ordens aos companheiros, exortando-os com estas palavras:

— Companheiros, disponde os aparelhos na escura nau e embarcai, a fim de que levemos a termo esta viagem.

Assim falou; e eles escutaram-no e obedeceram-lhe: embarcando imediatamente, tomaram lugar nos bancos dos remadores.

Telémaco ocupava-se destas coisas e fazia votos e sacrifícios a Atena, junto da popa da nau, quando um estrangeiro se aproximou dele: era um adivinho que fugira de Argos, por ter matado um homem. Era descendente de Melampo, que habitou primeiro em Pilos, criadora de rebanhos, onde se distinguia por sua riqueza e tinha um palácio muito opulento. Mas depois foi residir noutra terra, fugindo de sua pátria e do magnânimo Neleu, o mais ilustre dos viventes, que um ano inteiro lhe reteve à força muitos dos seus bens. Melampo durante esse tempo esteve preso com duas cadeias no palácio de Fílaco, sofrendo cruéis aflições, por causa da filha de Neleu e do grave crime, a que o induzira uma deusa — Erínia, a serva das divindades terrestres.

Mas ele escapou ao destino e levou para Pilos os mugidores bois de Fílaco; e, para se vingar de Neleu, semelhante a um deus, por causa da sua acção vil, conduziu a donzela para casa, com o intuito de a entregar a seu irmão, e depois mudou de terra: foi para Argos, de boas pastagens para cavalos, porque era seu destino habitar aí e reinar sobre muitos Argivos. Ali casou, construiu um palácio de alto tecto e teve dois filhos valentes: Antífates e Mântio. Antífates gerou ao magnânimo Oicleu e este a Anfiarau, incitador dos guerreiros, a quem Zeus, portador da égide, e Apolo tinham extremado amor. Mas não chegou ao limiar da velhice; morreu em Tebas, por traição de sua mulher, corrompida com presentes. Alcmóon e Anfíloco foram seus filhos.

De sua parte, Mântio gerou a Polifides e a Clito, que a Aurora de áureo trono arrebatou, por causa de sua beleza, para que vivesse entre os imortais. Ao magnânimo Polifides Apolo fê-lo o adivinho mais excelente entre os mortais, depois de ter morrido Anfiarau. Como se irritasse contra seu pai, foi habitar para Hiperésia, onde dava oráculos a todos os homens.

Ora foi um filho deste, de nome Teoclímeno, que então veio e se aproximou de Telémaco, quando estava a fazer libações e a orar, junto da ligeira e escura nave. E, dirigindo-se a ele, disse estas aladas palavras:

— Amigo, pois que te encontro sacrificando neste lugar, rogo-te por essas oferendas e pelo deus, bem como por tua cabeça e pelos companheiros que te seguem, que respondas com verdade à minha pergunta e que não me ocultes nada. Quem és tu?

Qual é a tua terra? Onde fica a tua cidade? Teus pais onde moram?

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Vou responder-te, pois, estrangeiro, com toda a sinceridade. Minha família é de Ítaca; e tive por pai a Ulisses, se algum dia existiu; agora já deve ter sofrido uma lamentável morte. E vim com os companheiros na escura nave em busca de informações a respeito dele, há muito ausente.

O deiforme Teoclímeno tornou-lhe então:

— Também eu saí da pátria, onde matei um homem da minha família, cujos irmãos e parentes são muitos em Argos, de boas pastagens para cavalos, e têm grande poder sobre os Aqueus. Fugi deles, para evitar a morte e o negro destino; porquanto está determinado que ande errante entre os homens. Leva-me na tua nau; é um fugitivo que to implora; não suceda que me matem, pois parece-me que andam em minha perseguição.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Não te expulsarei da nau igual, visto desejares ir connosco. Segue-me; e em minha pátria terás bom acolhimento, conforme nos for possível.

Dito isto, recebeu a sua brônzea lança, que colocou ao comprido sobre a coberta da nau movida a remos de ambos os lados. Depois subiu ele para a nave sulcadora do mar e foi assentar-se na popa, oferecendo a Teoclímeno um assento à sua beira. Os companheiros então desataram as amarras; e Telémaco, exortando-os, ordenou-lhes que lançassem mão aos aparelhos. Eles obedeceram-lhe com diligência. Levantado o mastro de pinho ao alto, introduziram-no no encaixe do travessão; em seguida, prenderam-no com os estais e içaram a bran-

ca vela, por meio das adriças de bem torcido coiro. E Atena de olhos brilhantes fez vir um vento favorável, que se lançava com ímpeto, pelo éter, para que a nau correndo sobre a água salgada, terminasse a viagem, o mais depressa possível. Eles passaram ao lado das Fontes e de Cálcis de bela corrente.

Pusera-se o Sol e todos os caminhos iam escurecendo, quando a nau, impelida com vigor pela monção de Zeus, se aproximava de Feias, costeando a brilhante Élide, onde os Epeus dominam. Então Telémaco navegou em direcção às ilhas Agudas, preocupado com a ideia de escapar à morte ou de ser preso.

Entretanto, ceavam na choupana Ulisses e o exímio porqueiro, juntamente com os outros pastores. Mas, depois de saciarem a vontade de beber e de comer, Ulisses, para provar se o porqueiro continuaria a dar-lhe generoso acolhimento e o convidaria a ficar aí, na sua malhada, ou se o incitaria a ir para a cidade, falou-lhe assim:

— Escutai-me agora, Eumeu e todos os demais companheiros. De manhã, desejo dirigir-me à cidade, a mendigar, para não te esgotar as provisões a ti e aos companheiros. Aconselha-me bem e dá-me um bom guia que me conduza lá. Depois, serei constrangido a errar pela cidade, em busca de quem me dê de beber e de comer. E, indo ao palácio do divino Ulisses, darei notícias à prudente Penélope e misturar-me-ei com os soberbos pretendentes, a

---

6. *Cálcis*. Cidade da ilha de Eubeia, em cujos arredores existiam a fonte de Aretusa e outras.

ver se me dão de jantar, visto terem mantimentos inexauríveis. Eu poderia executar entre eles, com desembaraço e perfeição, tudo quanto quisessem. Vou dizer-te uma coisa; e tu atende e escuta-me. Com ajuda do mensageiro Hermes, que dá graça e glória às acções de todos os homens, nenhum mortal seria capaz de rivalizar comigo em qualquer trabalho, tanto em amontoar com habilidade lenha para o fogo e em rachar paus secos, como em trinchar, assar, ou servir o vinho — serviços que os criados fazem aos senhores.

Tu, porqueiro Eumeu, respondeste-lhe muito indignado:

— Ai, meu hóspede! Como te veio essa ideia à cabeça? Sem dúvida, estás de todo resolvido a perecer lá, tendo esse desejo de ir para entre a turba dos pretendentes, cujo atrevimento e violência chegam ao férreo céu. Os criados deles não são como tu. São jovens bem vestidos, de manto e túnica, sempre de cabelo luzidio e belas faces; e as mesas bem polidas estão cheias de pão, de carne e de vinho. Fica, portanto, connosco, que a ninguém molesta a tua presença; nem a mim nem a nenhum dos companheiros que eu tenho. Depois, quando voltar o caro filho de Ulisses, ele dar-te-á vestidos, um manto e uma túnica, e conduzir-te-á para onde o coração e o desejo te impelirem.

Disse-lhe em resposta o paciente Ulisses:

— Oxalá, Eumeu, tu sejas tão caro ao pai Zeus como a mim, por fazer terminar o meu errante fadário e a minha aflição cruel! Nada é pior para os mortais do que a vida vagabunda. O funesto ventre, porém, é que os constrange a padecerem trabalhos difíceis; e lança os homens na vagabun-

dagem, no infortúnio e nas dores. Mas agora, visto que me deténs e ordenas que espere o teu senhor, dize-me se a mãe do divino Ulisses e o seu pai, que ao partir, deixou no limiar da velhice, ainda vivem à luz do Sol, ou se já morreram e estão na morada do Hades.

Replicou-lhe o porqueiro, chefe dos pastores:

— Vou responder-te, pois, meu hóspede, com toda a sinceridade. Laertes ainda vive e roga de contínuo a Zeus que, em sua casa, lhe faça desaparecer a vida dos membros; pois lamenta muitíssimo a ausência do filho e a falta de sua legítima e prudente esposa, a qual, morrendo, lhe causou enorme aflição e o fez envelhecer antes do tempo. Ela teve uma morte triste, devida ao desgosto que sentiu por seu glorioso filho. Oxalá não tenha uma igual qualquer habitante desta terra, que me seja caro e me trate amigàvelmente.

Enquanto vivia, se bem que penalizada, eu gostava de saber dela algumas coisas e de lhe fazer perguntas, pois tinha-me criado juntamente com Ctímena de longo peplo, sua galharda filha, que foi a última que lhe nasceu; e, por isso, estimava-me quase tanto como a ela, por termos sido criados um com o outro. Quando, porém, chegámos ambos à alegre juventude, deram-na em casamento para Same, pelo que receberam presentes sem conta; mas a mim, depois de me dar vestidos muito belos, um manto e uma túnica, e calçado para os pés, ela enviou-me para o campo e fui ainda mais caro ao seu coração. Agora careço da sua ajuda; mas, em compensação, os deuses bem-aventurados fizeram luzir o trabalho, de que me ocupo; e dele como, bebo e dou acolhimento aos hóspedes respeitáveis.

Quanto à minha senhora, não é possível ouvir dela nenhuma palavra, nem receber uma prova de estima, desde que esses homens atrevidos lhe introduziram o infortúnio no palácio. E, sem embargo, os servos têm grande necessidade de falar com a senhora, de informar-se de tudo, de comer e de beber com ela e de levar para o campo aquelas dádivas, que aos criados alegram sempre o coração.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

— Ai, porqueiro Eumeu! Quanto não tiveste de vaguear longe da pátria e dos pais, sendo ainda criança! Mas responde-me e dize-me abertamente se foi destruída a cidade de largas ruas, onde teu pai e a veneranda mãe habitavam, ou se homens inimigos, quando estavas só, junto das ovelhas e dos bois, te cativaram e levaram para as suas naus e te vieram vender ao palácio deste varão, que por ti daria condigna paga.

Respondeu o porqueiro, maioral de pastores:

— Meu hóspede, já que me perguntas isso e o inquires de mim, ouve-me agora, calado; e, entretanto, vai-te deliciando a beber vinho, aí assentado. Estas noites não têm fim: há tempo para dormir e os que gostam têm tempo para ouvir falar. Tu não deves deitar-te cedo demais, porque o sono demasiado faz mal. Dos outros, aquele a quem o coração e a vontade lho demande, vá dormir; e, ao raiar da Aurora, depois de comer, saia com os porcos do patrão. Mas nós dois, con-

---

27. *o sono demasiado faz mal.* É aforismo de Hipócrates: o muito e o pouco sono são duas doenças.

solemo-nos com a lembrança de nossos deploráveis infortúnios, bebendo e banqueteando-nos dentro da choupana; porque o homem, que sofreu muito e andou por muitos caminhos, sente prazer em recordar seus trabalhos. Vou, pois, responder ao que me perguntas e de mim queres saber.

Existe uma ilha de nome Síria — talvez já ouvisses falar dela — situada acima de Ortígia, no lugar do Solstício, não muito populosa, mas boa e abundante em pastos, em ovelhas, em vinho e em trigo. A fome nunca entra nessa terra, nem alguma doença execranda sobrevém aos infelizes mortais. Quando envelhecem pela cidade as gerações dos homens, Apolo do argênteo arco chega com Ártemis e, aproximando-se deles, tira-lhes a vida com suas suaves flechas. Há na ilha duas cidades, que distribuíram entre si todo o território; e sobre elas reinava meu pai Ctésios Orménida, semelhante aos imortais.

Aí vieram uns fenícios, marinheiros célebres e homens velhacos, com inumeráveis brinquedos na escura nave. Ora, no palácio do meu pai, havia uma mulher fenícia, bela, alta e hábil em primorosos lavores, que os astutos fenícios seduziram. Um deles, primeiro, abusou dela, quando estava a lavar, junto da bojuda nau, fascinando-a com amorosas

---

7-8, Síria e Ortígia, são ilhas fabulosas.

19, *uns fenícios*. Os qualificativos de *marinheiros célebres* e *homens velhacos* não são apenas atribuídos a estes fenícios; são generalizados aos Fenícios. Efectivamente nos tempos homéricos a heróica nação de navegadores era a Fenícia. Nas rapsódias anteriores, XIII e XIV, aberrando da *verdade* homérica ou deixando fugir a língua para a verdade histórica, *Ulisses confessa ter feito* as suas viagens por altos, grossos e largos mares em naus

carícias, que é o que engana as mulheres, até as honestas. Depois, perguntou-lhe quem era e donde tinha vindo; e ela respondeu-lhe logo, apontando o alto palácio de meu pai:

«Orgulho-me de ter nascido em Sídon, onde abunda o bronze, e sou filha do muito rico Aribante. Os Táfios, gente pirata, raptaram-me, quando voltava do campo e, conduzindo-me para cá, vieram vender-me ao palácio deste varão, que por mim deu condigna paga».

Replicou-lhe o homem, que tinha às ocultas abusado dela:

«Não voltarias tu agora connosco para a pátria, a ver o palácio de alto tecto de teu pai e de tua mãe, assim como a eles ambos? Porquanto ainda vivem e têm fama de ricos».

A mulher disse-lhe estas palavras em resposta:

«Consentiria nisso, ó marinheiros, se vós me quisésseis garantir com juramento que me levaríeis indemne para a pátria».

Assim falou; e eles juraram todos, como a mulher exigia. Depois, apenas juraram e quando tinham de todo completado o juramento, tornou-lhes ela:

«Agora, silêncio! Nenhum dos vossos compa-

---

fenícias. Antes do tempo de Homero, diz Estrabão, os Fenícios apoderaram-se do melhor da Líbia e da Ibéria. A chegada destes marinheiros à Ibéria coloca-se geralmente no séc. XII a. C.: as suas naus percorriam o Mediterrâneo e o Atlântico, desde o Mar do Norte à Líbia. (Martins Sarmento). Quando se aportam dos mares da Grécia deixam os mares da fantasia, os *errores* de Ulisses sobrepõem-se aos roteiros fenícios. (Vide Martins Sarmento, *Os Argonautas*).

nheiros me dirija a palavra, se me encontrar na rua ou na fonte. Temo que alguém vá ao palácio contá-lo ao velho, e que este suspeitando de alguma coisa, me prenda com duros laços e seja causa da vossa perdição. Guardai na mente o combinado e não demoreis a compra das mercadorias.

Quando, porém, com elas tiverdes carregado a nau, fazei-me chegar logo a notícia ao palácio, que eu trarei comigo todo o oiro que me esteja às mãos. Dar-vos-ei de bom grado ainda outra coisa, em paga da viagem. No palácio do meu nobre senhor educo um menino, que é muito inquieto e corre atrás de mim pela porta fora. Ele virá comigo para a nau e vós podereis obter uma boa quantia em qualquer parte aonde o fordes vender, num país estranho».

Dito isto, encaminhou-se para o belo palácio; e os Fenícios permaneceram um ano inteiro junto de nós, na cidade, comprando muitas mercadorias, com que enchiam a côncava nau. Mas, quando a bojuda nave já estava carregada para a partida, então foi um mensageiro levar a notícia à mulher. Era um finório e trazia um colar de oiro, feito de electro entrelaçado, esse indivíduo, que se apresentou no palácio de meu pai. E, enquanto as escravas e minha veneranda mãe, na sala, examinavam com as mãos e contemplavam esse colar, propondo o preço da compra, o homem fez em silêncio sinal à mulher e pôs-se a caminho para a bojuda nau.

Depois a Fenícia, tomando-me pela mão, conduziu-me para fora do palácio. Como, porém, encontrasse no vestíbulo os copos e as mesas dos convivas, que assistiam a meu pai, os quais tinham

ido para a sessão e para o conselho do povo, levou consigo três taças, que imediatamente escondeu no seio; e eu, em minha simplicidade, fui-a seguindo.

Pusera-se o Sol e todos os caminhos iam escurecendo, quando nós chegámos, com estugado passo, ao porto célebre, onde estava a rápida nau dos Fenícios. Eles, depois de nos embarcar, subiram para a nave e fizeram-se à vela pelos líquidos caminhos, impelidos pela monção, que enviara Zeus. Navegámos durante seis dias e seis noites; mas, quando Zeus, filho de Cronos, tinha mandado o sétimo, a frecheira Ártemis feriu a mulher, fazendo-a cair no porão com estrondo, como gaivota do mar. Lançaram-na da nau, para ser pasto de focas e peixes, e eu fiquei de coração aflito. Depois o vento e as ondas trouxeram-nos a Ítaca, onde Laertes me comprou com os seus bens. E assim é que eu vi esta terra com os meus olhos.

Respondeu-lhe Ulisses da estirpe de Zeus com estas palavras:

— Ó Eumeu, na verdade, comoveste-me o coração no peito com a história minuciosa dos infortúnios, que teu ânimo suportou. Todavia Zeus, junto do mal, colocou-te um bem; porque, depois de muitos sofrimentos, arribaste ao palácio dum varão bondoso, que te dá comida e bebida em abundância, e levas uma vida cómoda; ao passo que eu só cheguei aqui depois de uma vida errante pelas numerosas cidades, que os mortais habitam.

Tal era o colóquio que tinham entre si. Finalmente foram dormir, mas não por muito tempo, porque a Aurora de belo trono despontou em breve.

Quanto aos companheiros de Telémaco, eles amainaram as velas junto da costa e, depois de

arrear o mastro com presteza, a remos conduziram a nau para o ancoradoiro. Aí lançaram as âncoras e puseram as amarras; em seguida desembarcaram na ressaca, prepararam a refeição e fizeram a mistura do rutilante vinho. Mas, depois de saciarem a vontade de beber e de comer, o prudente Telémaco começou-lhes a falar assim:

— Vós agora levai para a cidade a escura nau, que eu vou aos campos ter com os pastores. Só à tarde, quando tiver visto as minhas terras, é que baixarei à cidade. E amanhã de madrugada, oferecer-vos-ei, em paga da viagem, um bom festim de carne e de saboroso vinho.

O deiforme Teoclímeno disse-lhe então:

— Ó meu filho, para onde me devo dirigir? Para o palácio de que homem irei eu, de quantos imperam na rude Ítaca? Devo ir a direito para o teu palácio ter com tua mãe?

O prudente Telémaco replicou-lhe:

— Em outras circunstâncias mandar-te-ia para nossa casa, pois aí não há falta de recursos para acolher os hóspedes; mas agora serias mal sucedido, porque eu estou ausente e a minha mãe não será permitido ver-te. Ela em casa raras vezes se mostra aos pretendentes: ocupa-se a tecer uma teia, longe deles, no andar superior do palácio. Mas vou indicar-te um varão, com o qual podes ir ter: é Eurímaco, filho ilustre do prudente Pólibo, que os Itacenses, na actualidade, consideram como um deus. Ele é um homem excelente e tem grande ânsia de casar-se com minha mãe e de obter a dignidade régia de Ulisses. Mas Zeus Olímpico, que habita no éter, é que sabe, se antes das bodas, fará surgir para os pretendentes um dia funesto.

Dito isto, voou para ele, para o lado direito, uma ave: era um falcão, o rápido mensageiro de Apolo, que depenava uma pomba, presa nas garras, deixando cair as penas entre a nave e Telémaco. Então Teoclímeno chamou a este de lado e, apertando-lhe a mão, dirigiu-lhe a palavra, dizendo:

— Telémaco, não foi sem o concurso dum deus que esta ave voou para a tua direita. Eu, tendo-a olhado de frente, conheci que era pressagiadora. Não há em terras de Ítaca estirpe mais digna de reinar do que a vossa; e aí vós tereis sempre o poder.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

— Oxalá essa palavra se cumprisse, estrangeiro! Em breve conhecerias minha amizade e receberias de mim presentes em tão grande número, que serias considerado feliz por quantos te encontrassem.

Disse; e dirigindo-se a Pireu, seu fiel companheiro:

— Pireu, filho de Clítio, tu, que és em tudo o mais obediente dos companheiros, que foram comigo a Pilos, leva agora este hóspede para a tua casa; acolhe-o carinhosamente e honra-o até que eu chegue.

Pireu, célebre na lança, replicou-lhe:

— Telémaco, ainda que no campo te demores muito, eu cuidarei dele e não sentirá a falta dos dons da hospitalidade.

Dito isto, foi para a nau e ordenou aos companheiros que embarcassem e desprendessem as amarras, os quais, entrando, acto contínuo, para dentro, assentaram-se nos bancos dos remadores. Mas Telémaco ligou as belas sandálias aos pés e tomou da coberta da nau a sua forte lança de aguda e brônzea ponta, enquanto soltavam as amarras. Eles,

depois de impelir a nau para o alto mar, navegaram para a cidade, conforme o caro filho do divino Ulisses lhes ordenara. Entretanto, Telémaco encaminhou-se com ligeiro passo para a malhada, onde tinha grande quantidade de porcos, junto dos quais dormia o bom porqueiro, dedicado a seus senhores.

RAPSÓDIA XVI

Reconhecimento de Ulisses por Telémaco

Ulisses e o exímio porqueiro, tendo acendido o lume, ao romper da Aurora, preparavam o almoço na cabana, depois de despedir os pastores com as varas de porcos. Por este tempo, aproximava-se Telémaco; e os ladrantes cães iam dum lado para outro, fazendo carícias, sem soltar um latido. Notou o egrégio Ulisses o agitar das caudas e percebeu ruído de pés. Imediatamente disse a Eumeu estas aladas palavras:

— Eumeu, por certo vem aí algum teu companheiro ou outro conhecido, porque os cães não ladram, mas vão dum lado para o outro movendo a cauda, e ao mesmo tempo oiço passos.

Ainda não tinha acabado estas palavras quando o seu filho se deteve no vestíbulo. O porqueiro levantou-se estupefacto, deixando cair das mãos os vasos, com que lidava na mistura do rutilante vinho; e, tendo-se aproximado do seu senhor, beijou-lhe a cabeça, os olhos e ambas as mãos, e derramava copiosas lágrimas. Como o pai acolhe com amor ao seu único e muito amado filho, ao regressar de longes terras, depois duma ausência de dez anos, pelo qual sofrera tantas angústias, — assim o exímio porqueiro abraçava e beijava ao deiforme Telémaco como se o visse depois de ele ter escapado da morte. E, por entre suspiros, disse-lhe estas aladas palavras:

— Telémaco, minha doce luz, eis que, enfim, regressaste! Eu pensava que não te veria mais, depois que te fizeste à vela para Pilos. Mas entra

para dentro, meu filho, para que meu coração se sacie de contemplar-te, ao chegares agora doutras terras à minha cabana. Tu não vens muitas vezes ao campo e até junto dos pastores; preferes ficar na cidade, como se agradasse ao teu coração contemplar a perniciosa turba dos pretendentes.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Será assim, paizinho; mas por tua causa é que eu venho, para te ver com os olhos e ouvir de ti se a minha mãe ainda vive no palácio, ou se já se casou com ela algum dos pretendentes; e o leito de Ulisses, por falta de quem se deite aí, é ocupado por desprezíveis teias de aranha.

O porqueiro, chefe de pastores, respondeu-lhe:

— Ela continua em teu palácio, de paciente coração, e consome as tristes noites e os dias chorando sem cessar.

Dito isto, tomou-lhe a lança de bronze e ele avançou para dentro transpondo o limiar de pedra. Ulisses, seu pai, cedeu o lugar ao recém-vindo, mas Telémaco, de seu lado, recusou-lho, com estas palavras:

— Deixa-te estar assentado, estrangeiro. Nós encontraremos lugar em outra parte da nossa cabana; está aqui quem trate disso.

Assim falou; e seu pai foi assentar-se novamente. O porqueiro espalhou no chão ramos verdes e estendeu-lhes uma pele por cima, sobre a qual se assentou a caro filho de Ulisses. Depois serviu-lhes pratos de carne assada, que ficara da refeição da véspera; além disso, cogulou com desembaraço açafates de pão e fez numa escudela a mistura do melífluo vinho, indo enfim, assentar-se adiante do divino Ulisses. E eles estenderam as mãos para os

manjares colocados à sua frente. Mas, depois de saciarem a vontade de beber e de comer, disse Telémaco para o exímio porqueiro:

— Paizinho, donde te veio este hóspede e como o trouxeram os marinheiros a Ítaca? Quem afirmavam eles que eram? pois não creio que viesse para aqui a pé.

Tu, porqueiro Eumeu, replicaste-lhe:

— Vou dizer-te a verdade, filho. Ele orgulha-se de ser natural da vasta Creta e diz que tem andado errante pelas numerosas cidades que os mortais habitam, porque assim lho determinou um deus. Veio há pouco para minha malhada, fugido duma nau de Tesprotos. Deixo-o a teu cuidado; faze como quiseres; ele honra-se de ser teu suplicante.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— O que me contas, Eumeu, aflige-me, na verdade, o coração. Pois, como poderei receber o hóspede em casa? Sou jovem e não confio no meu braço para defesa do varão contra o primeiro que se mostrar seu inimigo; e minha mãe tem no peito o ânimo perplexo: não sabe se há-de ficar comigo, a cuidar da casa, em reverência ao leito de seu marido e receando a opinião do povo, ou se deve seguir o melhor dos Aqueus, que a pretende no palácio, e lhe oferece mais presentes. Mas, visto o estrangeiro ter chegado a tua casa, quero dar-lhe belos vestidos, um manto e uma túnica, bem como uma espada de dois gumes e sandálias para os pés; e depois enviá-lo-ei para onde o seu coração e sua vontade quiserem. Se te parece bem, cuida dele, conservando-o na malhada, que eu mandar-lhe-ei para aqui roupa e o alimento para que te não seja pesado nem aos teus companheiros. Não consinto,

porém, que se dirija aos pretendentes, que são doidos e atrevidos. Eram capazes de o insultar, o que me daria grande desgosto; pois que um homem, por forte que seja, não prevalece sobre muitos, porque de muitos, muita é também a sua força.

Disse-lhe o paciente e egrégio Ulisses:

— Amigo, visto ser-me lícito responder, escuta. Tu confranges-me o coração, quando te oiço falar dos crimes que os pretendentes intentam no palácio, mau grado teu e sendo tu quem és. Dize-me se voluntàriamente te deixas dominar, se pela terra o povo te odeia, em obediência a oráculo de qualquer deus, ou se tens queixas contra teus irmãos, com a ajuda dos quais um homem poderia ter confiança na vitória, ainda que se originasse forte contenda. Oxalá com o ânimo que tenho estivesse na tua idade! Fosse eu filho do irrepreensível Ulisses, ou então Ulisses em pessoa, que aqui chegasse, no termo de suas viagens maravilhosas! (E não são vãs as esperanças de que há-de chegar um día...) Juro que dava a cabeça ao cutelo do primeiro estranho que aparecesse, se ao chegar ao palácio de Ulisses, filho de Laertes, me não tornasse o flagelo exterminador dos insolentes! E se, por estar só, me dominasse o número deles, preferiria sucumbir, no meu palácio, às mãos dos assassinos, a ver de contínuo vergonhosas acções: maus tratos dados aos hóspedes, ultrajes de escravas e mulheres pelos belos aposentos, o esgotar do vinho e o devorar louco e interminável de mantimentos, numa empresa sem fim.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Vou responder-te, pois, com toda a verdade, estrangeiro. Eu não me tornei odioso ao povo, nem

ele me trata como inimigo; tão-pouco tenho queixas contra meus irmãos, com a ajuda dos quais um homem poderia ter confiança na vitória, ainda que surgisse uma grande contenda: pois se o filho de Cronos fez que em nossa família não houvesse mais que filhos únicos! Arcésio gerou a Laertes, que foi pai ùnicamente de Ulisses; e este, depois de me ter gerado, deixou a seu unigénito no palácio, sem tirar nenhum proveito de mim. Por esta razão, existem agora em minha casa inimigos sem conta. Os príncipes que dominam nas ilhas, em Dulíquio, Samos e na nemorosa Zacinto, bem como os que imperam na rude Ítaca, todos eles pretendem minha mãe e consomem-me a fazenda. E ela não recusa um casamento detestável, nem é capaz de terminar com este estado de coisas; entretanto, os pretendentes arruínam e devoram os meus bens e em breve acabarão também comigo. Mas o porvir está oculto no seio dos deuses.

Paizinho, vai depressa dizer à sensata Penélope que estou salvo e que cheguei de Pilos. Eu fico aqui; e tu volta, apenas lho tenhas anunciado a ela só, sem que algum dos Aqueus o saiba, pois são muitos os que maquinam males contra mim.

Tu, porqueiro Eumeu, replicaste-lhe:

— Entendo e fico a saber isso; manda-lo a quem tem juízo. Dize, porém, com toda a clareza se devo levar a notícia ao infeliz Laertes, o qual, ainda que se afligia muito por causa de Ulisses, contudo não deixava de ir ver os trabalhos e de beber e comer, em casa, com os criados, sempre que no peito lho pedia o coração; mas agora, desde que tu navegaste para Pilos, dizem que não come nem bebe, nem vigia os trabalhos; assenta-se e fica-se a lamen-

tar, por entre suspiros e lágrimas, e em volta dos ossos vai-se-lhe mirrando a pele.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Isso é mau; todavia deixemo-lo, ainda que nos cause pena. Se tudo sucedesse a arbítrio dos homens, escolheríamos primeiramente que surgisse o dia da chegada do meu pai. Depois de dar a notícia, volta e não vagueies pelos campos, em busca de Laertes. Dize a minha mãe que lhe mande, o mais depressa que puder e às escondidas, a despenseira; esta de tudo informará o ancião.

Disse; e fez caminhar o porqueiro que, tomando as sandálias com a mão, ligou-as aos pés e partiu para a cidade. Como não passasse despercebido a Atena a saída do porqueiro Eumeu de sua malhada, esta aproximou-se, na figura semelhante a uma mulher bela, alta e hábil em primorosos lavores. E parou adiante da porta da cabana, à vista de Ulisses, sem que Telémaco a visse de frente ou a notasse, porque os deuses não se manifestam claramente a todos. Viu-a Ulisses; os cães pressentiram-na, não ladraram, mas fugiram a ganir para outra parte, através da malhada. Atena fez um sinal com as sobrancelhas. Percebendo-o o egrégio Ulisses, saiu, passou o grande muro do pátio, deteve-se diante dela, que lhe falou assim:

— Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses, fecundo em recursos! Fala imediatamente com teu filho e nada lhe ocultes, para que, combinada a morte e a destruição dos pretendentes, vos dirijais à ilustre cidade. Eu não me conservarei muito tempo longe de vós, porque estou desejosa de entrar em combate.

Disse; e, ao contacto da varinha de oiro, Atena

pôs-lhe em volta do peito um manto bem lavado e uma túnica e tornou-o maior e mais jovem; e ele recobrou sua cor morena, alisaram-se-lhe as faces e uma barba preta cobriu-lhe o queixo. Terminado isto, afastou-se de novo e Ulisses volveu à choupana. Seu filho viu-o com admiração e, atónito, lançou os olhos para outra parte, supondo que fosse um deus. E, dirigindo-se a ele, disse estas aladas palavras:

— Ó estrangeiro, tu pareces-me agora diferente do que eras antes: tens outros vestidos e a tua pele não é a mesma. Por certo és um dos deuses, moradores do vasto céu. Sê-nos benévolo, para que te ofereçamos agradáveis sacrifícios e áureos presentes de artísticos lavores. Sê-nos benigno!

Respondeu-lhe o paciente e egrégio Ulisses:

— Eu não sou nenhum deus. Porque me assemelhas aos imortais? Teu pai é quem eu sou, por cuja causa, gemendo, tens sofrido muitas aflições e suportado violências dos homens.

Dito isto, beijou a seu filho e deixou que as lágrimas, que antes tinha sempre contido, corressem pelas faces para o chão. Mas Telémaco, não se convencendo de que ele fosse seu pai, respondeu de novo com estas palavras:

— Tu não és Ulisses, meu pai; um deus engana-me, para que ainda mais me lamente e suspire. Pois um homem mortal não poderia com seu espírito obrar essa mudança; só um deus, aproximando-se dele, poderia, a seu bel-prazer, fazê-lo, sem dificuldade, novo ou velho. Há pouco eras um ancião e estavas vestido miseràvelmente; agora, porém, assemelhas-te aos deuses, moradores do amplo céu.

Disse-lhe o prudente Ulisses em resposta:

— Telémaco, não acho conveniente tanta admiração. Não é bem que te dês ares de assombrado por estar aqui teu pai. Em vão esperarás outro Ulisses: está presente, sou eu, que, depois de sofrer grandes trabalhos e de muito viajar, chego, depois de vinte anos, à terra pátria. As transfigurações que notas, são prodígios da expoliadora Atena. É poderosa e faz de mim o que lhe parece: ora um velho mendigo, logo garrido moço vestido a primor. Coisa fácil é aos deuses que habitam no amplo céu exaltar o homem ou vilipendiá-lo.

Tendo assim falado, assentou-se; e Telémaco começou a gemer e a derramar lágrimas e a abraçar seu nobre pai. A ambos veio o desejo de darem largas a suas queixas; por isso romperam num choro alto, semelhante ao ruído que fazem a águia estridente e o abutre de curvas garras quando os camponeses lhes roubam os filhos, antes de poderem voar: deste modo deixavam eles cair das pálpebras lágrimas que metiam pena. E esconder-se-ia a luz do Sol, estando os dois ainda a chorar, se Telémaco não dissesse de repente a seu pai:

— Em que nau, meu pai, te trouxeram agora os marinheiros a Ítaca? Quem diziam eles que eram? pois não creio que viesses para aqui a pé.

Respondeu-lhe o paciente e egrégio Ulisses:

— Vou dizer-te, pois, a verdade, filho. Trouxeram-me os Feácios, marinheiros célebres, que estão sempre prontos a reconduzir todos os homens, quando arribam à sua terra. Eles trouxeram-me numa ligeira nau e depuseram-me adormecido em Ítaca, depois de me ter dado bons presentes: bronze, oiro em abundância e bem tecidas vestes;

estas riquezas, por vontade dos deuses, estão guardadas numa gruta. E agora vim para aqui, por conselho de Atena, para deliberarmos sobre os meios de matar os nossos inimigos. Dize-me quantos são e quem são os pretendentes, para que saiba o seu número e os conheça; e, reflectindo em meu irrepreensível ânimo, eu entenderei se nós, sem ajuda de outros, lhes poderemos resistir, ou se devemos procurar quem nos auxilie.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Ó meu pai, é verdade que tenho ouvido sempre dizer à tua grande fama que tens braço para o combate da dança e prudência no conselho; mas é extraordinária essa tua pergunta e a admiração apodera-se de mim; porque não poderiam dois homens combater contra muitos e fortes. Os pretendentes não são uma dezena exacta nem duas apenas; são bem mais numerosos. Tu vais já saber o seu número. De Dulíquio há cinquenta e dois jovens de escol, que foram seguidos de seis criados; de Samos são vinte e quatro homens; de Zacinto vinte moços aqueus; e de Ítaca doze, todos ilustres. Além disso, estão com eles o arauto Medonte, um divino aedo e dois criados, que sabem trinchar como ninguém.

---

6. *o seu número*. Se Telémaco contou e não errou, o número dos pretendentes elevava-se a cento e oito. A parecer de V. Bérard, nunca o filho de Penélope se pôs a contar os cortejadores da mamã. O ilustre homerista, alegando a impossibilidade de se reunir tanta gente no «mégaron» (salão) de Ulisses, rejeita, de um traço, dez versos como espúrios. São conhecidos diversos «mégara» de Tirinto e Micenas: ao máximo, poderiam comportar em volta da mesa do banquete uns cinquenta convivas. Os srs. Médéric Dufour e Jeanne Raison respon-

Se nós investirmos contra eles, quando estiverem todos dentro do palácio, receio te vejas obrigado a suportar com horrível amargura as suas violências. Pensa antes se é possível alguma ajuda e lembra quem nos auxiliaria de boa vontade.

Respondeu-lhe o paciente e egrégio Ulisses:

— Vou então dizer-to; e tu ouve e atende bem às minhas palavras. Considera se nos bastaria Atena e o pai Zeus, ou se devo pensar em outro defensor.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Excelentes auxiliares são esses, que nomeias, ainda que residem no alto, nas nuvens: imperam sobre os homens e os deuses imortais.

Respondeu-lhe o paciente e egrégio Ulisses:

— Não ficarão os dois por muito tempo afastados da rude batalha, quando no palácio, entre os pretendentes e nós, o furioso Ares decidir. Tu vai para casa apenas desponte a Aurora, e mistura-te aos orgulhosos pretendentes; a mim guiar-me-á depois o porqueiro para a cidade, na figura de velho e miserável pedinte. Se eles me insultarem no palácio, aguente o coração que tens no peito os maus tratos de que eu for vítima; e, se me arrastarem pelos pés, através da casa, para fora da porta, ou me

---

deram-lhe que a epopeia não é necessàriamente a imagem fiel da realidade e tem plenos poderes para exagerar. De facto, ampliar um «mégaron» nas proporções de cinquenta para cento e oito não é motivo suficiente para a unhada crítica inutilizar dez versos. O que se antolha inverosímil até o absurdo é a voracidade dos príncipes comarcões de Ítaca: os cavalheiros eram capazes de comer a suposta viúva, mas não tinham nenhuma feição para a namorar.

ferirem com dardos, deixa correr, com dissimulação. Depois, com brandas palavras, exorta-os a que ponham termo a tais loucuras. É certo que te não hão-de prestar atenção alguma, porque já se avizinha deles o dia fatal.

Outra coisa te vou dizer, que deves guardar em teu espírito. Quando a bem avisada Atena me inspirar, eu far-te-ei um sinal de cabeça; e tu, tendo-o percebido, toma todas as armas de guerra, que estão na sala, e depõe-nas no recôndito de minha alta câmara. Se os pretendentes derem pela sua falta e te perguntarem por elas, ilude-os com mansas palavras, dizendo-lhes:

«Coloquei-as longe do fumo, porque já não pareciam as que Ulisses deixou um dia, ao partir para Tróia; já estavam bastante sujas, mais ou menos conforme lhes chegava a fumaceira. Além disso, o filho de Cronos inspirou-me outra razão mais forte: eu temo que, embriagados com o vinho, levanteis qualquer rixa entre vós e vos firais uns aos outros, desonrando assim o banquete e a classe dos pretendentes; pois que o ferro por si mesmo atrai o homem».

Deixa apenas para nós duas espadas e duas lanças, assim como dois escudos de pele de boi, que tomaremos com as mãos, ao investir contra nossos adversários: a cargo de Palas Atena e do sapientíssimo Zeus fica o fazê-los desvairar.

Outra coisa te recomendo, que deves guardar em teu espírito. Se verdadeiramente és meu filho e descendes de meu sangue, ninguém oiça dizer que Ulisses está dentro do palácio: que Laertes o não saiba, nem o porqueiro, nem algum dos criados, nem mesmo Penélope. Só tu e eu procuremos co-

nhecer a inclinação das mulheres e ponhamos à prova cada um dos escravos, para vermos quais nos honram e temem em seu coração e quais se não importam connosco e te desprezam, sendo tu quem és.

Seu ilustre filho disse-lhe em resposta:

— Ó meu pai, creio que em breve conhecerás o meu ânimo e que não sou um autómato da irreflexão. Eu penso que esse projecto não nos será útil e exorto-te a reconsiderar. Desse modo, perderias muito tempo a provar a cada um e a ir aos campos; entretanto, no palácio vão os pretendentes, em sua petulância, devorando com sossego os nossos bens, sem poupar nada. Eu exorto-te antes a investigar quais são as mulheres que te desonram e quais as inocentes. Quanto aos homens preferiria que não fôssemos pelas malhadas a fazer prova deles; ocupar-me-ia disso mais tarde, se realmente Zeus, portador de égide, te manifestou algum sinal.

Tal era o colóquio que eles tinham entre si. Entretanto, aportava a Ítaca a bem construída nave, que trouxera de Pilos a Telémaco com os seus companheiros. Apenas estes entraram no profundo porto, arrastaram para terra a escura nau e os servos ousados transportaram os aparelhos. Em seguida, foram levar a casa de Clítio as magníficas dádivas. Mas ao palácio de Ulisses enviaram um arauto, a dar à sensata Penélope a notícia de que Telémaco ficava no campo e lhes ordenara que a nau seguisse para a cidade, a fim de que a nobre rainha não se afligisse em seu coração e fizesse cessar as suas lágrimas. Encontraram-se o arauto e o exímio porqueiro, que iam ambos levar à senhora idêntica mensagem; e logo que chegaram ao

palácio do divino rei, disse o arauto no meio das escravas:

— Rainha, o teu filho já chegou de Pilos.

E o porqueiro, aproximando-se de Penélope, comunicou-lhe tudo quanto Telémaco lhe ordenara que dissesse. Depois de informá-la de tudo que lhe foi mandado, pôs-se a caminho para junto dos porcos, deixando o pátio e o palácio.

Os pretendentes, tristes e abatidos, deixaram a sala e, saindo para fora do grande muro do pátio, foram assentar-se adiante da porta. Entre eles Eurímaco, filho de Pólibo, começou a falar assim:

— Ó amigos, esta viagem, a grande façanha, foi com audácia levada a cabo por Telémaco! E dizíamos-lhe que não a havia de realizar! Eia! arrastemos para as ondas uma escura nau, a melhor de todas, e reunamos marinheiros para remarem, os quais vão o mais depressa possível dizer aos outros que voltem sem demora para casa.

Ainda não tinha acabado de falar, quando Anfínomo, voltando a cabeça, viu a nave dentro do profundo porto e os marinheiros a ferrarem as velas e com os remos nas mãos. Com um doce sorriso, disse aos seus camaradas:

— Não lhes enviemos nenhuma mensagem, porque eles já estão no porto. Um deus avisou-os ou então viram passar a nau, que não puderam alcançar.

Assim disse; e, levantando-se, foram para a praia do mar. Imediatamente arrastaram para terra a escura nau e os servos ousados transportaram os aparelhos. Em seguida dirigiram-se todos juntos para a água, não deixando nenhum outro, novo ou velho, assentar-se no meio deles. Antínoo, filho de Eupites, falou assim:

— Ai, como os deuses livraram a este homem da morte! Durante o dia as sentinelas, rendendo-se sem interrupção, estavam assentadas nos cimos expostos aos ventos; e, quando se punha o Sol, nunca passávamos a noite na terra firme, mas íamos navegando pelo mar na ligeira nau, à espera da brilhante Aurora e espreitando a vinda de Telémaco, para o podermos prender e matar. Pensemos aqui na sua ruína deplorável; e que não nos escape; pois, enquanto viver, não creio que se realizem os nossos projectos. Ele distingue-se em conselho e em inteligência e a nós o povo não nos é inteiramente favorável.

Mãos à obra, antes que reúna os Aqueus na ágora, porque eu julgo que não desistirá disso; e, persistindo em sua cólera, levantar-se-á no meio de todos para dizer que urdimos contra ele uma cruel morte, sem o termos podido encontrar. E o povo, depois de o ouvir, não louvará as nossas criminosas acções. Pode suceder até que nos faça mal e nos expulse da nossa terra, tendo nós de ir para outro país. Por isso, antecipemo-nos a dar-lhe a morte no campo, longe da cidade, ou no caminho para cá; depois apoderemo-nos de seus bens e de suas riquezas e distribuamo-los entre nós, como é justo, deixando a posse da casa a sua mãe e a quem a tomar por esposa.

Se, porém, esta proposta vos desagrada e preferis que Telémaco viva e possua todo o património, então não nos reunamos no palácio e não lhe devoremos sem medida os bens que alegram o coração; retiremos, cada qual para sua casa; quem pretender Penélope, mande-lhe bons presentes. E ela de-

pois que se case com quem lhos oferecer em mais abundância e tiver esse destino.

Assim falou; e todos se conservaram tranquilos e em silêncio. Então, entre eles, tomou a palavra Anfínomo, o filho preclaro do rei Niso Aretíada, que era chefe dos pretendentes de Dulíquio, abundante em trigo e em erva, e que por suas palavras mais agradava a Penélope, porque tinha bons sentimentos. Este, pois, falou-lhes com moderação, dizendo:

— Ó amigos, eu não desejaria matar a Telémaco, por ser coisa funesta extinguir a descendência dum rei. Consultemos antes a vontade dos deuses. Se os decretos do grande Zeus determinam, eu próprio o matarei e exortarei a isso todos os outros; mas, se os deuses nos demoverem desse propósito, aconselho-vos a desistir.

Assim falou Anfínomo; e suas palavras agradaram aos pretendentes. Estes, levantando-se logo, foram para o palácio de Ulisses, onde, depois de chegar, se assentaram em polidas cadeiras.

Mas a sensata Penélope concebeu outro projecto: apresentar-se aos pretendentes, insolentes e orgulhosos. Do arauto Medonte, que ouviu a conjura, soubera que se planeava no palácio a morte de seu filho. Ela dirigiu-se para a sala com as escravas. E, quando chegou junto dos pretendentes, a mulher preclara, de faces cobertas com um precioso véu, deteve-se, ao pé dum pilar do sólido tecto e censurou a Antínoo, dirigindo-lhe estas palavras:

— Insolente Antínoo, maquinador de desgraças! Dizem em terras de Ítaca que te distingues, entre os jovens da tua idade, no conselho e nas palavras; mas não és tal, como se julga. Louco! Porque

intentas tu a morte e um funesto destino contra Telémaco, não fazendo caso dos suplicantes, que são protegidos de Zeus? Não é lícito aos homens, segundo o direito divino, premeditarem maldades, uns contra os outros. Porventura não sabes que teu pai se refugiou aqui, por temor do povo, que estava muito irado contra ele, porque, condescendendo com os piratas Táfios, tinha feito mal aos Tesprotos, nossos aliados? Queriam, depois de o ter matado, roubar-lhe o coração e devorar-lhe os abundantes bens, que eram sua alegria. Ulisses, porém, deteve o povo e não permitiu que realizassem o seu desejo. E agora tu devoras, sem compensação alguma, a casa dum tal homem, pretendes-lhe a esposa, queres matar seu filho e dás causa à minha grande aflição! Eu rogo-te que ponhas termo a tais desmandos e que ordenes o mesmo aos outros.

Replicou-lhe Eurímaco, filho de Pólibo:

— Filha de Icário, sensata Penélope! Ânimo, e não se aflija o teu coração! Não existe aqui nem existirá ninguém, nem há-de nascer o homem que ponha as mãos em Telémaco, teu filho, enquanto eu viver e não fechar os olhos sobre a terra. Assim o afirmo e assim se cumprirá. Bem cedo o escuro sangue dum tal correria em volta da minha lança, porque muitas vezes Ulisses, o assolador de cidades, assentando-me em seus joelhos, me colocou nas mãos carne assada e me ofereceu do seu vinho tinto. Por isso, Telémaco é-me muito mais caro que todos os homens e exorto-o a não temer que da parte dos pretendentes lhe venha a morte; mas da que lhe enviem os deuses não poderá escapar.

Assim disse Eurímaco, animando-a; mas ele próprio conspirava contra Telémaco. E Penélope subiu

ao esplêndido aposento, no andar superior da casa, onde, em seguida, se pôs a chorar por Ulisses, seu marido, até que Atena de olhos brilhantes lhe difundiu sobre as pálpebras um sono delicioso.

Pela tarde, o exímio porqueiro veio para junto de Ulisses e de seu filho, os quais, tendo sacrificado um porco dum ano, com ele preparavam boa ceia. Mas Atena aproximou-se de Ulisses, filho de Laertes, e ferindo-o com sua varinha, transformou-o de novo em ancião, cujo corpo vestiu com vis andrajos, para que o porqueiro, ao encará-lo, o não conhecesse e não fosse levar a notícia à prudente Penélope, em vez de guardar segredo. Telémaco foi o primeiro que lhe dirigiu a palavra, dizendo:

— Eis que chegaste, excelente Eumeu! Que consta pela cidade? Os arrogantes pretendentes já estão no palácio, vindos da emboscada, ou ainda espreitam a minha volta à pátria?

Tu, porqueiro Eumeu, disseste-lhe em resposta:

— Não tive cuidado de sondar isso e de o perguntar, enquanto andei pela cidade; apenas dei o recado, o desejo incitou-me a voltar, e vim o mais depressa que pude. Encontrou-se comigo um arauto, o rápido mensageiro de teus camaradas, que foi quem primeiramente deu a notícia a tua mãe. Outra coisa ainda sei, por tê-la visto com os meus olhos. De volta, quando estava mais alto que a cidade, na colina de Hermes, vi uma ligeira nau entrar no nosso porto com muitos homens, que vinha carregada com escudos e lanças de duas pontas. Pensei que seriam eles, mas não o afirmo.

30-31, *duas pontas*. Das duas pontas que a lança podia ter, a da parte inferior, de ferro, era para cravar no

Assim disse; e o forte Telémaco, com um sorriso, lançou os olhos para seu pai, de maneira que o não notasse o porqueiro.

Logo que concluíram o trabalho e estava preparado o banquete, eles puseram-se a comer e a ninguém faltou uma boa ração. Mas, depois de satisfazerem a vontade de beber e de comer, pensaram em ir para a cama e adormeceram.

---

chão. Em caso de necessidade, servia também para combater. Alguns traduzem: lanças de duplo fio.

RAPSÓDIA VII

Regresso de Telémaco a Ítaca

Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, Telémaco, o caro filho do divino Ulisses, ligou belas sandálias aos pés, tomou a forte lança, que se adaptava bem à sua mão, e, disposto a partir para a cidade, disse ao seu porqueiro:

— Paizinho, eu vou à cidade, para que a mãe me veja, pois não creio que deixe o triste pranto, nem seus lacrimosos gemidos, antes de pôr os olhos em mim. Deixo-te as minhas ordens. Guia o infeliz estrangeiro para a cidade. Ele que mendigue por lá o seu sustento. Quem quiser dar-lhe-á de comer e de beber; eu tenho o coração cheio de penas e não posso encarregar-me de todos os homens. Se levar isto muito a mal, pior para ele; eu gosto de dizer a verdade.

Disse-lhe em resposta o precavido Ulisses:

— Ó amigo, eu não preciso de ser empurrado; por mim próprio já me ponho a girar. Para um pobre não há outra geira senão ir pela cidade e pelos campos mendigar o seu sustento. Quem quiser dar-mo-á. Eu já não estou na idade de me obrigar nas malhadas a mandados de um patrão. Vai, pois! Este homem, a quem tu o ordenas, conduzir-me-á, logo que me tenha aquecido ao lume e o calor do Sol vier, porque são lastimosamente ténues os vestidos que tenho e receio que me entorpeça o frio matinal; pois a cidade, como afirmais, fica distante.

Assim disse. Telémaco atravessou a malhada a largos passos, meditando na ruína dos pretendentes. Quando chegou à confortada habitação, pôs a lança

encostada a uma alta coluna e entrou para dentro, transpondo o limiar de pedra.

Euricleia, sua ama, que andava a cobrir com velos as bem lavradas cadeiras, foi a primeira que o viu; e, chorando, correu logo ao seu encontro. As outras escravas do animoso Ulisses juntaram-se em volta dele e saudavam-no, beijando-lhe a cabeça e os ombros. A sensata Penélope veio igualmente de seu aposento, semelhante a Ártemis ou à áurea Afrodita, e, lacrimosa, lançou os braços em volta de seu filho, cuja cabeça e olhos belos osculou; depois, proferiu entre suspiros estas aladas palavras:

— Telémaco, minha doce luz, eis que, enfim, regressaste! Eu pensava que não te veria mais, depois que te fizeste à vela para Pilos, às ocultas e contra minha vontade, em busca de notícias de teu pai. Conta-me como tu o viste.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Minha mãe, ainda escapei a uma terrível morte, não me faças chorar, nem me excites o coração no peito. Mas banha-te e, envolvido o corpo em vestes asseadas, sobe com as escravas ao teu aposento, no andar superior da casa, e promete a todos os deuses que oferecerás as sagradas hecatombes, se um dia Zeus levar a efeito a nossa vingança. Entretanto, vou à ágora chamar um hóspede, que me acompanhou de Pilos até aqui. Eu enviei-o com os companheiros semelhantes aos deuses e roguei a Pireu que o levasse para casa, o cer-

---

1, *para dentro.* Telémaco deixa a lança na sala dos homens e entra na das mulheres, que comunicava com aquela por uma porta.

casse aí de todos os carinhos e o honrasse até que eu pudesse voltar.

Assim disse; e Penélope deu atenção às suas palavras. Tomou banho e, envolvido o corpo em vestes convenientes, prometeu a todos os deuses o sacrifício das rituais hecatombes, se Zeus um dia concedesse o êxito da vingança.

Mas Telémaco saiu do palácio com a lança na mão, acompanhado de dois cães, que o seguiam correndo. E, como Atena difundisse sobre ele uma graça maravilhosa, todo o povo com admiração o via caminhar. Os pretendentes orgulhosos rodearam-no logo e dirigiam-lhe afectuosas palavras, enquanto no fundo de seus corações maquinavam a sua desgraça. Telémaco evitou o denso bando formado pelos pretendentes e foi assentar-se onde estavam Mentor, Antipo e Haliterses, desde tempos antigos companheiros de seu pai, que lhe pediram informações minuciosas. A este último grupo foi logo juntar-se Pireu, célebre na lança, que, através da cidade, conduzira o hóspede para a ágora; e Telémaco não se manteve afastado dele muito tempo, mas foi para a sua beira. Pireu, tomando a palavra antes de todos, disse:

— Telémaco, manda depressa as mulheres a minha casa, para te levarem os presentes que Menelau te deu.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Pireu, nós não sabemos como as coisas sucederão. Se os orgulhosos pretendentes me assassinarem no palácio, à traição, e distribuírem entre si todo o meu património, desejo que fiques com essas dádivas e que as gozes antes tu do que eles; mas, se consigo sua derrota e extermínio, então

quero que tenhas a alegria de mas trazer a casa, para minha satisfação.

Dito isto, guiou o infeliz estrangeiro para o palácio. Apenas chegaram à sua confortável casa, depuseram os mantos sobre tronos e cadeiras e foram banhar-se às bem polidas banheiras. Depois de banhados e ungidos com óleo pelas escravas, e vestidas as túnicas e sobrepostos pelos ombros os mantos, foram assentar-se em suas cadeiras. Uma escrava, trazendo um belo jarro de oiro, deitou-lhes água nas mãos sobre uma argêntea bacia; e pôs em seguida uma polida mesa adiante deles.

Uma despenseira venerável serviu-lhes pão, além de muitos outros manjares existentes de reserva, dos quais distribuía com gosto. Penélope veio assentar-se junto deles, contra um pilar da sala; e, um pouco inclinada, ia fiando preciosa lã. E eles estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente. Depois de saciarem a vontade de beber e de comer, a sensata Penélope começou a falar-lhes assim:

— Telémaco, eu subirei ao andar superior da casa e deitar-me-ei no leito, que tem ouvido os meus gemidos e de contínuo banho de lágrimas, desde que Ulisses partiu para Ílion com os Atridas; e tu não te resolves a dizer-me com clareza, antes que os soberbos pretendentes entrem para este palácio, se ouviste algures falar do regresso de teu pai.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Vou dizer-te, pois, a verdade, minha mãe. Nós fomos a Pilos ter com Nestor, chefe dos povos, que, acolhendo-me no seu alto palácio, me tratou com muito agrado, como um pai recebe a seu filho, que, depois de longa ausência, acabasse de chegar

de distantes terras. Tal foi o carinho, com que ele e seus gloriosos filhos me trataram. Mas, quanto ao paciente Ulisses, afirmava que nunca tinha ouvido dizer a *nenhum* dos habitantes da terra que estivesse vivo ou morto. Todavia enviou-me num carro tirado a cavalos para Menelau Atrida, célebre na lança, junto de quem vi a argiva Helena, que deu causa a Argivos e Troianos se degladiarem por vontade dos deuses. Logo Menelau, valente no combate, me perguntou por que razão ia à ilustre Lacedemónia. Eu expus-lhe toda a verdade; e então ele respondeu-me com estas palavras:

«Oh, é pois certo que esses imbecis pretendem deitar-se no leito do varão de ânimo ousado! Vá a corça pôr suas crias a dormir em cova de leão e quede-se a farejar outeiros e ervosos vales; venha o leão e mate a corça mais os filhos, que lhe invadiram a cama: — assim Ulisses dará morte vil aos pretendentes. Quem dera, pai Zeus e vós, Atena e Apolo, que o mesmo, que um dia, na bem construída Lesbos, levantando-se, combateu com Filomelida, depois duma querela e, com alegria de todos os Aqueus, o deitou com violência ao chão — quem dera que esse mesmo Ulisses arremetesse contra os pretendentes! Eles teriam, então, morte prematura e bodas enlutadas.

A respeito da tua pergunta e do que me pedes, eu não me afastarei da verdade, nem te enganarei; mas quero revelar-te tudo, sem omitir uma palavra sequer, quanto me contou o verídico ancião do mar. Este afirmou que o tinha visto acabrunhado por grandes aflições, numa ilha, no palácio da ninfa Calipso, que aí o retém contra sua vontade; e ele não pode vir para a sua pátria terra, porque

lhe faltam naus providas de remos e companheiros, que o conduzam por sobre o vasto dorso do mar».

Assim falou Menelau Atrida, célebre na lança. Concluída a minha diligência, voltei; e os imortais enviaram-me vento favorável e reconduziram-me ràpidamente à pátria.

Tais foram as palavras de Telémaco, que comoveram o coração da mãe dentro do peito. Então disse o deiforme Teoclímeno:

— Ó venerável esposa de Ulisses, filho de Laertes! Esse não sabe nada com certeza; mas escuta as minhas palavras, que eu te farei sinceramente um vaticínio e não te ocultarei a verdade. Sejam testemunhas Zeus primeiramente, entre os imortais, e depois a mesa hospitaleira e o lar do irrepreensível Ulisses, a que cheguei, de que este já se encontra, sentado ou vagueando, na terra pátria, a tomar conta dos vergonhosos feitos dos pretendentes e a excogitar os meios de exterminá-los.

Foi-me dado a perceber este augúrio quando estava assentado na nau de boa coberta, e logo o comuniquei a Telémaco.

Respondeu-lhe a sensata Penélope:

— Oxalá essa palavra se cumprisse, estrangeiro! Em breve conhecerias minha amizade e receberias de mim presentes em tão grande número, que serias considerado feliz por quantos te encontrassem.

Tal era o colóquio que tinham entre si. Entretanto, os pretendentes divertiam-se a arremessar discos e venábulos, adiante do palácio de Ulisses, sobre o bem trabalhado pavimento, onde costumavam praticar suas insolências. Mas, quando já era tempo da refeição e as reses tinham chegado de toda a parte, dos campos, trazidas pelos pastores

habituais, Medonte, que era dos arautos o que mais agradava aos pretendentes e que assistia a seus festins, disse então para estes:

— *Jovens, depois de terdes com os jogos deleitado* o coração, entrai para o palácio, e preparai o banquete, porque é bom comer no devido tempo.

Assim disse; e eles, levantando-se, caminharam, obedientes à sua voz. Quando chegaram à confortável habitação, largaram os mantos sobre tronos e cadeiras e arranjaram o festim com grandes carneiros, gordas cabras, cevados porcos e uma novilha ainda não afeita ao jugo: tudo isto foi a sacrifício!

A tais horas, Ulisses e o exímio porqueiro dispunham-se a demandar a cidade. Entre eles, foi o porqueiro, maioral de pastores, que começou a falar:

— Meu hóspede, visto desejares ir já hoje para a cidade, como ordenou o meu senhor, vamos, então. Antes queria que tu ficasses aqui como guarda dos currais; mas respeito a sua ordem, temendo que depois me repreenda; não são nada agradáveis os ralhos dos amos. Partamos, pois, que a maior parte do dia já passou e, em breve, com a tarde virá o frio.

O precavido Ulisses respondeu:

— Compreendo e fico a saber isso; tu manda-lo a quem possui entendimento. Vamos e guia-me por todo o caminho. Se acaso tens para aí um pau cortado que sirva de bordão, dá-mo para me apoiar; segundo dizeis, o chão é muito escorregadio.

Disse; e lançou em volta dos ombros o seu alforje desprezível e esfrangalhado, suspenso de uma correia velha; e Eumeu deu-lhe o desejado pau. Os

dois então partiram, ficando os cães e os pastores a guardar a malhada, enquanto Eumeu conduzia para a cidade a seu senhor desfigurado em miserável e velho pedinte, que se apoiava a um pau e cujo corpo se cobria de vis andrajos.

Avançando pelo áspero caminho, chegaram, perto da cidade, à mui celebrada fonte, de bela corrente, onde iam buscar água as cidadãs, — obra de Ítaco, Nérito e Políctor. Rodeava-a em toda a volta um bosque sagrado de álamos negros, que se nutrem de humidade; e a fresca água decorria duma rocha, sobre a qual tinham construído um altar, em honra das ninfas, onde todos os transeuntes costumavam oferecer-lhes sacrifícios. Neste sítio encontrou-se com eles Melântio, filho de Dólio, que, acompanhado de dois pastores, conduzia para a refeição dos pretendentes as melhores cabras de todos os rebanhos. Ele, vendo-os, injuriou-os e disse palavras tão violentas e tão feias que o coração de Ulisses se... consolou:

— Ali vai um biltre a puxar outro biltre, porque sempre um deus ajunta os que se assemelham. Aonde levas tu, ó mísero porqueiro, esse glutão e importuno mendigo, enxovalho de banquetes? Ele roçará as costas às ombreiras de muitas portas, pedindo não espadas e bacias, mas o bocado de pão. Se mo desses para guarda da malhada e para moço de curral e para trazer ervanços aos cabritos, havia de fazer medrar-lhe as ancas, dando-lhe a beber o soro de leite. Mas, como é mestre em patifarias, não quererá ir para o trabalho; prefere andar, todo encolhido, a pedir pela terra, para encher o ventre insaciável. O que vou dizer-te há-de ter cumprimento: se for ao palácio do divino Ulisses, estrados

e escabelos hão-de voar-lhe sobre a cabeça e quebrar-lhe as costelas.

Assim falou; e, quando Ulisses passava, o louco alçou a perna e deu-lhe um coice no vazio; não o lançou, porém, fora do carreiro. Ulisses continuou a marcha com passo firme. Um momento ainda pensou: se seria bem descarregar-lhe uma paulada e deixá-lo aos corvos, ou se lhe quebraria a cabeça contra o solo, depois de o ter alevantado ao ar. Mas suportou a ofensa e conteve-se em seu coração. E o porqueiro, encarando Melântio, increpou-o; depois, de mãos erguidas, bradou:

— Ninfas das fontes, filhas de Zeus! Se algum dia Ulisses queimou coxas de cordeiro e de cabrito em vossa honra, cobertas de espessa gordura, cumpri este meu voto: Oxalá regresse aquele varão, trazido por uma divindade! Ele dissiparia todo esse orgulho, que te faz agora insolente e com que atravancas a cidade, enquanto maus pastores matam os rebanhos.

Melântio, o pastor de cabras, replicou-lhe:

— Oh! que palavra disse este cão, que só pensa em coisas perniciosas? Eu, um dia, hei-de levá-lo numa escura nau de boa coberta para longe de Ítaca, onde, vendendo-o, lucrarei uma boa soma. Oxalá Apolo, do argênteo arco, ferisse hoje mesmo a Telémaco no palácio, ou fosse morto pelos pretendentes, assim como é verdade que Ulisses pereceu longe daqui, sem ver o dia do regresso!

Depois de ter assim falado, deixou atrás os dois, que andavam devagar; e ele, continuando seu caminho, chegou bem depressa ao palácio do senhor. Entrou logo e foi assentar-se no meio dos pretendentes, adiante de Eurímaco, que era quem mais o

estimava. Os que serviam puseram logo uma ração de carne à sua frente e uma grave despenseira trouxe-lhe pão.

Ulisses e o exímio porqueiro detinham-se, entretanto, perto do palácio, donde ia até eles o som da côncava cítara, porque o Fórmio começava a cantar entre os pretendentes.

Ulisses, tomando a mão do porqueiro, disse:

— Eumeu, certamente este é o belo palácio de Ulisses. Ele seria fácil de conhecer, ainda que fosse visto entre muitos outros. Tem mais que um andar, o pátio é rodeado por um muro com suas ameias e as portas bem trabalhadas são de dois batentes; ninguém, à força de armas, poderia tomar esta casa. Há dentro banquete magnífico: assim o denuncia o cheiro a gorduras; e oiço sons de cítara, que os deuses fizeram companheira dos festins.

Tu, porqueiro Eumeu, disseste-lhe em resposta:

— Atinaste logo de quem é o palácio, e não admira, porque também para as outras coisas não és falho de esperteza. Mas pensemos no que devemos fazer. Ou entra tu primeiro no belo palácio e mistura-te com os pretendentes, enquanto eu fico aqui; ou, se queres, fica atrás, que eu irei adiante; mas não te demores, não suceda que alguém, vendo-te fora, te dê pancada ou te venha correr daqui. Peço-te que resolvas depressa.

O paciente e egrégio Ulisses respondeu-lhe:

— Compreendo e fico a sabê-lo; tu manda-lo a quem possui entendimento. Vai tu adiante, en-

---

14-15, *tomar esta casa*. Assim Aristarco. Outros lêem: *proceder com insolência*.

quanto eu permaneço aqui, porque estou acostumado a golpes e a feridas e tenho um ânimo paciente, que nas ondas e na guerra sofreu muitas desventuras. Venha, pois, mais esta ajuntar-se às outras. Não é possível dissimular a avidez do ventre funesto, que aos homens tantos males origina e por cuja causa se armam as naves de bons bancos para os remadores, que, por sobre o mar estéril, levam a desgraça aos inimigos.

Tal era o colóquio que eles tinham entre si. E um cão, que estava deitado, levantou a cabeça e arrebitou as orelhas: era o *Argos*, que o paciente Ulisses tinha criado antes de ir para a guerra e, quando partiu, ainda lhe não tinha dado mostras do seu préstimo. Depois foi uma ou outra vez à caça, levado pelos rapazes que o açulavam às cabras selvagens e aos gansos, e teve o gosto de correr algumas lebres; agora, porém, na ausência do seu senhor, por ali andava ao abandono pelas rimas de estrume de mulos e de bois, acumulado junto das portas até ser removido para adubar os campos de Ulisses. Este *Argos*, pois... já muito velho e comido das carraças, vendo aproximar-se Ulisses, agitou a cauda e baixou a cabeça numa vénia ao seu senhor; este entendeu a saudação e enxugou uma lágrima furtiva, despercebida ao companheiro.

Ulisses observou ao porqueiro:

— Eumeu, acho esquisito que este cão esteja deitado no estrume. Ele é belo de corpo; mas não sei se à beleza da estampa ajuntava a velocidade na carreira, ou se era um desses *senhores* cães, que certos patrões, por luxo, fazem seus comensais.

Tu, porqueiro Eumeu, replicaste-lhe:

— Este cão era dum homem que morreu não se

sabe onde. Se ele fosse no corpo e na vivacidade, tal como o deixou Ulisses, ao partir para Tróia, em breve admirarias sua força e ligeireza. Caça que perseguisse nas proximidades da espessa floresta não lhe escapava: ele tinha um faro apuradíssimo para seguir-lhe o rasto. Agora, porém, está consumido de males; o senhor morreu longe da pátria e as mulheres negligentes não se importam com ele. Os servos não querem mais cumprir o seu dever, quando não mandam os patrões; porque o longividente Zeus tira ao homem metade do seu mérito, quando lhe sobrevém o dia da escravidão.

Dito isto, entrou no confortável palácio e foi direito à sala, para junto dos pretendentes. Então a negra morte apoderou-se de *Argos*, depois de ter visto Ulisses, passados vinte anos.

Muito antes que os outros, viu o deiforme Telémaco ao porqueiro caminhar pelo palácio; e, com um sinal, chamou-o para junto de si. Ele, olhando em redor, tomou uma cadeira que ali estava, na qual o trinchante ia assentar-se, quando cortava a carne abundante para os pretendentes, que na sala se banqueteavam; e foi pô-la junto da mesa de Telémaco, em frente deste, na qual depois se assentou. O arauto pô-lhe logo diante a sua ração, juntando-lhe o pão que tirou dum canastrel.

Depois do porqueiro, entrou Ulisses em figura de um velho e miserável mendigo, apoiando-se a um pau e coberto de vis andrajos. Foi assentar-se na parte junto da porta, no limiar de freixo, encostando-se à umbreira de cipreste, que outrora um artífice polira hàbilmente e endireitara, por meio dum fio. Telémaco, então, chamando Eumeu, disse-lhe, depois de tomar um pão inteiro do lindo ca-

nastrel e tanta carne quanta podiam apanhar as suas mãos:

— Vai dar esta comida ao estrangeiro e exorta-o a que mendigue, aproximando-se de todos os pretendentes, pois não convém que o varão necessitado se envergonhe.

Assim disse; e o porqueiro, ouvida a ordem, retirou-se; depois, parando ao pé de Ulisses, dirigiu-lhe estas aladas palavras:

— Estrangeiro, Telémaco dá-te esta comida e exorta-te a que mendigues, aproximando-te de todos os pretendentes, pois não convém, diz ele, a um pedinte ser envergonhado.

Respondeu-lhe o reservado Ulisses:

— Soberano Zeus, permite que Telémaco seja feliz entre os homens e que lhe suceda tudo quanto o seu coração desejar!

Disse; e com ambas as mãos recebeu a comida, que pôs adiante dos pés, sobre o seu vil saco. E começou a comer, enquanto, na sala, o aedo cantava; quando, porém, acabou a refeição, também terminava o divino aedo seu canto. Os pretendentes, depois, levantaram tumulto no palácio. Mas Atena, acercando-se de Ulisses, filho de Laertes, incitou-o a que fosse pedir-lhes bocados de pão, para conhecer quais eram justos e quais injustos; mas, que desse ou não desse a esmola, não estava ela disposta a deixar escapar à morte nenhum desses homens. Ulisses foi, pois, mendigar e, começando pela direita, estendia a mão a cada um dos varões, como se fosse um pedinte já antigo. E os pretendentes compadecidos, davam-lhe esmola e perguntavam uns aos outros, olhando-o com estranheza, quem seria e donde teria vindo o mendigo.

Melântio, porém, o pastor de cabras, falou-lhes assim:

— Escutai-me, pretendentes da muito afamada rainha, acerca deste estrangeiro, que eu já vi antes. Quem o conduziu para aqui foi o porqueiro, com certeza; mas a ele não o conheço, nem sei de que família se orgulha de ser.

Assim disse; e Antínoo increpou o porqueiro com estas palavras:

— Ó *formosíssimo* porqueiro, porque trouxeste tu a este para a cidade? Porventura não temos vadios bastantes, mendigos importunos, perturbadores de banquetes? Queixas-te de que a gente, que se reúne aqui, devore os bens do teu senhor; e, vais chamar ainda este homem eu sei lá aonde!

Tu, porqueiro Eumeu, disseste-lhe em resposta:

— Antínoo, apesar de nobre, não falas com cortesia. Quem iria chamar a algures a um estrangeiro, que não fosse perito em algum mester público, como um adivinho, um médico, um carpinteiro ou um aedo inspirado dos deuses, que nos deleitasse com seus cantos? Estes são, sobre a terra imensa, os mortais que se mandam vir, e ninguém chamaria um pobre, para arruinar o que o chamou. Tu sempre foste, de todos os pretendentes, o mais adverso aos escravos de Ulisses, sobretudo a mim. Mas eu não faço caso disso, enquanto a sensata Penélope e o deiforme Telémaco viverem no palácio.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Cala-te; e não lhe respondas com tão longo dis-

10, *formosíssimo*. Evidentemente, Antínoo está a troçar do porqueiro.

curso! Antínoo tem o hábito de irritar-nos com suas palavras ofensivas e de incitar os outros a fazerem o mesmo.

Disse; e a Antínoo dirigiu estas aladas palavras:

— Antínoo, tu, na verdade, tens tanto cuidado comigo como um pai de seu filho, ao exortar-me com palavras violentas a pôr o estrangeiro fora do palácio. Mas um deus não permita isso! Pega nalguma coisa e dá-lha! Eu não to proíbo; pelo contrário, convido-te a fazê-lo. Não temas minha mãe, nem algum dos servos, que vivem no palácio do divino Ulisses. Mas não é este o propósito que abrigas no teu peito; a dar qualquer coisa a outrem tu preferes comer.

Em resposta disse Antínoo:

— Telémaco, de falar altivo e de ânimo indomável! Que disseste tu? Se todos os pretendentes lhe dessem tanto como eu, ficaríamos livres dele, pelo menos uns três meses.

Assim disse; e mostrou-lhe, tirando-o de sob a mesa, o escabelo, sobre que apoiara no banquete seus pés brilhantes. Todos os outros, porém, deram a Ulisses e encheram-lhe o saco de pão e de carne. E já ele se retirava para o seu lugar e parecia disposto a saborear as iguarias esmoladas entre os Aqueus. Mas parou junto de Antínoo, e disse-lhe estas palavras:

— Dá-me, amigo, alguma coisa! Tu não me pareces o pior dos Aqueus; ao contrário, julgo que és o melhor, visto que te dás os ares de um rei. Por isso deves dar-me ainda mais pão que os outros, que eu glorificar-te-ei pela terra imensa. Eu fui também outrora feliz entre os homens, como habitava uma casa opulenta, dei muitas vezes esmola

ao pobre, fosse ele quem fosse e por qualquer necessidade que viesse. Tinha inumeráveis escravos e muitas outras riquezas, com as quais os homens vivem regaladamente e, têm, por isso, o nome de ricos. Mas Zeus, filho de Cronos, fez-me cair em ruína; pois assim o quis, sem dúvida, quando me levou a aventurar-me com uns errantes piratas a uma longa viagem ao Egipto, para minha perdição.

No rio Egipto mandei parar as naus movidas a remos de ambos os lados. Então recomendei aos meus caros companheiros que ficassem ali, junto das naves, e as guardassem; e aos espias exortei-os a subir às atalaias. Mas, seguindo seu próprio impulso, deram-se a actos de violência: começaram logo a devastar os magníficos campos dos Egípcios, a arrebatar-lhes as mulheres e as tenras crianças e a matar os homens.

Em breve chegou o clamor à cidade. Os Egípcios, ouvindo a gritaria, acorreram ao despontar da aurora, enchendo-se toda a planície de peões, de cavalos e dos fulgores do bronze. E Zeus, que se compraz no raio, lançou em cobarde fuga os meus companheiros, que não ousaram resistir, rodeados de calamidades por toda a parte. Ali foram mortos com o afiado bronze muitos dos nossos; e a outros levaram-nos vivos, para serem obrigados a trabalhar. A mim, porém, deram-me a um hóspede que se encontrava entre eles, a Dmetor, filho de Iaso, para me levar para Chipre, de que era poderoso rei. E dali vim para esta terra, depois de sofrer minhas penas.

Disse-lhe Antínoo em resposta:

— Que divindade nos mandou este flagelo, esta praga dos banquetes? Conserva-te aí no meio, a

distância de minha mesa, tem cautela, não vás parar bem depressa ao amargo Egipto ou a Chipre, por causa da tua ousadia e desvergonha. Tu aproximas-te de todos, de cada um por sua vez; todos te dão loucamente, sem se saber moderar, nem sentir pena de distribuir à larga dos bens de outrem, que têm em abundância adiante de si.

Replicou-lhe o concentrado Ulisses, retirando-se:

— Pelos deuses! Os dotes do teu espírito andam muito por baixo da beleza do teu corpo! Não darias de tua casa a um mendigo nem sequer um pouco de sal, quando agora, assentado junto de bens alheios, não queres tomar um bocado de pão da mesa e dar-mo, se bem que tenhas grande cópia de manjares à tua frente.

Assim falou; e Antínoo, irritado ainda mais em seu coração, olhando-o de soslaio, disse-lhe estas rápidas palavras:

— Julgo que neste palácio ainda há vergonha que baste, para que não saias sem castigo do que disseste.

Dito isto, tomou um escabelo e descarregou-lhe uma pancada sobre a cerviz e feriu-o no ombro direito. Ulisses manteve-se firme como uma rocha, sem que o golpe de Antínoo o fizesse vacilar; mas, agitando a cabeça em silêncio, adensava pensamentos sinistros no fundo do coração. Depois, voltou para o seu lugar e assentou-se; e, tendo, posto no chão o saco bem cheio, disse aos pretendentes:

— Ouvi-me, pretendentes da muito afamada rainha, para que vos declare o que me inspira o ânimo dentro do peito. Nenhuma dor ou pesar sente o coração do homem, quando é ferido a pugnar por seus bens, pelos bois ou pelas brancas ovelhas;

mas Antínoo feriu-me por causa do maldito e funesto ventre, que aos homens tantos males origina. Se porventura existem deuses e Erínias para os mendigos, Antínoo há-de ser apanhado pela morte antes que realize as suas bodas.

Respondeu-lhe Antínoo, filho de Eupites:

— Come, estrangeiro, e está calado! Aliás, vai-te para outra parte, não suceda que os jovens, em paga do que dizes, te arrastem por um pé ou por um braço, através da casa, e te dilacerem o corpo todo.

Tais foram suas palavras; e todos se indignaram sobremaneira. Alguns daqueles jovens arrogantes diziam assim:

— Antínoo, tu não fizeste bem, ferindo o desgraçado mendigo. Homem pernicioso! E se ele fosse, porventura, um deus celeste? Também os deuses andam, como estrangeiros vindos de outras terras, pelas cidades, sob diferentes aspectos, para observarem a violência e a justiça dos homens.

Assim falavam os pretendentes; Antínoo, porém, não fazia caso de suas palavras. De sua parte, Telémaco sentiu grande dor em seu peito, por causa da pessoa que sofrera o golpe. Não obstante, de suas pálpebras não rolara nenhuma lágrima para a terra; mas, agitando a cabeça em silêncio, revolvia pensamentos sinistros no fundo de seu coração.

Como a sensata Penélope ouvisse dizer que o pedinte tinha sido ferido no palácio, falou para as escravas:

— Oxalá Apolo, célebre no arco, assim te ferisse a ti!

E a despenseira Eurínoma disse por sua vez:

— Quem dera que se cumprissem nossos votos!

Nenhum daqueles jovens chegaria então a ver a Aurora de belo trono.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

— Ama, eu a todos detesto por causa de suas perversas maquinações; mas Antínoo assemelha-se mais que nenhum à negra morte. Um infeliz estrangeiro, obrigado por sua pobreza, anda pela sala a pedir esmola aos convivas; e todos lhe enchem o saco com suas dádivas; mas este fere-o com o escabelo, no extremo da espádua direita!

Assim falara Penélope no seu aposento, assentada no meio das escravas, enquanto o egrégio Ulisses comia. Depois, chamando junto de si ao exímio porqueiro, disse-lhe:

— Vai ter com o estrangeiro, excelente Eumeu, e manda-o vir aqui, para lhe dar as boas-vindas e perguntar-lhe se algures teve notícias de Ulisses, de ânimo paciente, ou se o viu com seus próprios olhos; pois ele parece ter andado por muitas terras.

Tu, porqueiro Eumeu, disseste-lhe em resposta:

— Oxalá, rainha, os Aqueus fossem mudos para ti! Tais coisas conta este estrangeiro, que o teu coração há-de ficar encantado. Porquanto já o tive três noites e três dias na minha cabana, onde primeiro foi ter, ao fugir da nau, e ainda não acabou de referir-me a sua desventura. Como a gente olha para um aedo, que, instruído pelos deuses, canta aos mortais histórias muito lindas e, quando canta, todos desejam ouvi-lo sempre: assim ele me encantava, quando estava em minha casa, assentado ao pé de mim. Diz que é hóspede familiar de Ulisses e que é natural de Creta, onde vive a descendência de Minos. Dali veio para esta terra, depois de sofrer suas penas e de andar errante de país em país. Afir-

ma que ouviu dizer perto daqui, na fecunda terra dos Tesprotos, que Ulisses estava vivo e traz para sua pátria muitas preciosidades.

Retorquiu-lhe a sensata Penélope:

— Vai, chama-o cá, para que ele próprio conte isso em minha presença. Os outros que se divirtam assentados às portas ou dentro do palácio, visto terem alegre o coração. Porquanto, em suas casas, conservam-se intactos os seus bens, o pão e o saboroso vinho, dos quais vivem os criados; ao passo que eles, nas suas visitas de todos os dias ao nosso palácio, sacrificam bois, ovelhas e gordas cabras e, nos banquetes que fazem, bebem inconsideradamente o rutilante vinho. Assim devoram-nos a maior parte da fazenda, na falta dum varão, tal como Ulisses, para defender da ruína a nossa casa. Se Ulisses voltasse à terra pátria, depressa se vingaria, ajudado por seu filho, das violências de tais homens.

Assim disse ela; e Telémaco deu um espirro tão forte, que o palácio ressoou em volta horrìvelmente. Riu-se Penélope e, em seguida, dirigiu a Eumeu estas aladas palavras:

— Vai e chama o estrangeiro à minha presença! Não vês que meu filho espirrou a todas as minhas palavras? Por isso, há-de ser um facto a morte de todos os pretendentes, sem que algum possa escapar a ela e ao seu destino. Outra coisa te vou dizer, que deves guardar em teu espírito. Se eu chego ao conhecimento de que tudo quanto ele disser é ver-

---

25, *espirrou*. Como o leitor vê, o espirro era para os gregos uma espécie de *apoiado* de um deus invisível às palavras acabadas de pronunciar.

dade, oferecer-lhe-ei belos vestidos, um manto e uma túnica.

Assim falou; e o porqueiro, ouvindo o recado, partiu; aproximando-se depois de Ulisses, disse-lhe estas aladas palavras:

— Bom hóspede, a sensata Penélope, mãe de Telémaco, chama-te. Apesar das aflições que sofre, seu coração incita-a a inquirir a respeito de seu esposo. E se ela chega ao conhecimento de que tudo quanto disseres é verdade, dar-te-á um manto e uma túnica, de que bem precisas. Em seguida, indo pela terra a pedir pão, poderás encher teu estômago; e quem quiser dar-te-á esmola.

O paciente e egrégio Ulisses replicou-lhe:

— Eumeu, eu diria imediatamente toda a verdade à filha de Icário, à sensata Penélope, pois estou bem informado a respeito de seu marido, visto ter sido igual o nosso infortúnio; todavia receio a turba dos molestos pretendentes, cuja petulância e violência chegam ao férreo céu. Porquanto, como eu andasse agora pela casa, sem fazer algum mal, este homem feriu-me, causando-me dores; e nem Telémaco, nem outro qualquer impediu isso. Portanto, exorta Penélope a que espere na sala, apesar da sua impaciência, até ao pôr do sol. Então interrogue-me a respeito do dia do regresso de seu marido, fazendo-me assentar mais perto do fogo, por causa dos miseráveis vestidos que tenho, como sabes, pois foste o primeiro, a quem supliquei.

Assim disse; e o porqueiro afastou-se, ouvidas estas palavras. Ao transpor o limiar, falou-lhe Penélope deste modo:

— Não o trazes, Eumeu? Que é que pensa o mendigo? Tem muito medo de alguém, ou enver-

gonha-se no palácio, por outra qualquer razão? Mau é que um mendigo seja envergonhado.

Tu, porqueiro Eumeu, disseste-lhe em resposta:

— Ele diz coisas acertadas e outro qualquer pensaria e faria do mesmo modo, para evitar a turbulência dos moços atrevidos. Pede que o esperes até ao pôr do Sol. E para ti é muito melhor, ó rainha, falar só com o estrangeiro e ouvir o que ele diz.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

— Não parece desajuizado o estrangeiro; prevê o que poderá acontecer; porque nenhum dos homens insolentes que existem entre os mortais, em qualquer outra parte, seria capaz de fazer o que intentam os desta terra.

Assim falou ela; e o porqueiro exímio, depois de lhe ter comunicado tudo, retirou-se para o meio da turba dos pretendentes. Logo, aproximando a sua cabeça de Telémaco, para que os outros não o ouvissem, disse-lhe estas aladas palavras:

— Amigo, eu vou guardar os porcos e o demais, que te pertence a ti e a mim. Cuida tu de quanto aqui há. Mas primeiro salva-te a ti próprio e olha que não venhas a sofrer algum mal, porque muitos dos Aqueus têm maus propósitos. Extermine-os Zeus, antes que a desgraça caia sobre nós.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

— Assim há-de suceder, paizinho! Mas parte, que já é tarde; e de manhã traze formosas vítimas. A respeito de todos estes haveres, eu e os imortais cuidaremos deles.

Depois das palavras de Telémaco, Eumeu sen-

28, *é tarde*. Segundo outros: parte, que já *se acabou a ceia*.

tou-se de novo na bem polida cadeira; e, satisfeita a vontade de comer e de beber, pôs-se a caminho para junto dos porcos, deixando o pátio e o palácio, cheio de convivas. Estes deleitavam-se com a dança e o canto, porque já declinava o dia.

RAPSÓDIA XVIII

Pugilato de Ulisses com Iro

Chegou da terra um mendigo, que pedia esmola pela cidade de Ítaca, famoso por seu ventre glutão, o qual jamais se saciava de comer e de beber; e, ainda que tinha um aspecto corpulento, contudo não era forte nem vigoroso. Arneu era o nome, que sua veneranda mãe lhe pusera, ao nascer. Todos os jovens, porém, lhe chamavam Iro, porque ele ia a recados, quando o incumbiam disso. Entrando no palácio, procurou expulsar Ulisses da sua própria casa, e, insultando-o, dirigiu-lhe estas aladas palavras:

— Retira-te do vestíbulo, velho, para eu não ser obrigado, dentro de pouco, a arrastar-te daí por uma perna. Não vês que todos me piscam os olhos, animando-me a expulsar-te? Sem embargo, eu envergonho-me de o fazer. Levanta-te, pois, e vai-te; senão, em breve teremos de discutir com os punhos.

Olhando-o de soslaio, o sempre prevenido Ulisses retorquiu-lhe:

— Desgraçado! Eu não te faço mal algum, nem te ofendo com minhas palavras; e não tenho inveja de que te dêem, ainda que recebas muito. Nesta soleira cabemos ambos e não deves ser invejoso dos bens de outrem. Tu pareces-me ser um mendigo como eu; se queres ser opulento, com os deuses te hás-de entender; são eles que distribuem as riquezas. Mas não me incites à briga, nem me faças irritar, se não queres que eu, não obstante ser ve-

---

7. *Iro*. Pela etimologia, significa, «mensageiro».

lho, te ponha o peito e os lábios em sangue. Assim, teria amanhã mais sossego, porque julgo que não voltarias pela segunda vez ao palácio de Ulisses, filho de Laertes.

O mendigo Iro respondeu-lhe, encolerizado:

— Irra! O glutão tem a fala expedita, como enfarruscada, velhusca padeira! Mas eu pensarei em dar-lhe a paga, espancando-o com ambas as mãos, de sorte que lhe saltem dos queixos todos os dentes para o chão, como de marrã que devastou uma seara. Cinge-te imediatamente, para que todos estes vejam os lutadores. Todavia, como poderás combater com um varão menos velho que tu?

Assim, diante da alta porta, sobre a soleira polida, os dois respiravam cólera, irritados um contra o outro. Reparou no caso o forte Antínoo e disse para os pretendentes com um sorriso todo blandícias:

— Amigos, nunca antes sucedeu maravilha tal como o divertimento que um deus trouxe para esta casa. O estrangeiro e Iro disputam um com o outro e estão para se arrepelar. Façamo-los combater sem demora.

A estas palavras, levantaram-se todos às gargalhadas e reuniram-se em volta dos rotos mendigos. Antínoo, filho de Eupites, falou-lhes assim:

— Escutai, ilustres pretendentes, o que vou dizer! Os buchos de cabra estão ao fogo, onde os pusemos, cheios de gordura e de sangue para a ceia. Quem vencer e for mais forte escolha deles

---

10, *como de marrã*, etc. O proprietário lesado tinha o direito de quebrar os dentes ao porco que lhe causou o dano. *(A. Pierron)*.

qual quiser; e, no futuro, comerá connosco e não permitiremos que outro mendigo entre a pedir ao meio de nós.

Assim disse Antínoo; e a todos agradou a proposta. Então o precatado Ulisses falou-lhes astutamente:

— Amigos, não é possível que um velho oprimido pela desgraça combata com um homem menos velho; todavia o ventre, este causador de nossos males, incita-me à luta, para que morra talvez sob os golpes do outro. Prestai-me, porém, todos juramento solene de que nenhum de vós, tomando o partido de Iro, me ferirá criminosamente com sua poderosa mão, nem usará da força para eu ser vencido por ele.

Assim disse; e todos fizeram juramento, conforme exigia. Depois, apenas juraram e quando tinham completado o juramento, tomando o forte Telémaco a palavra, falou assim:

— Estrangeiro, se teu coração e teu ousado ânimo te incitam a defender-te desse homem, não temas a nenhum dos Aqueus, porque teria de combater com muitos aquele que te tocasse. Eu sou o hospedeiro; e os reis Antínoo e Eurímaco, ambos prudentes, dão-me seu apoio.

Tais foram suas palavras; e todos aprovaram. Ulisses, em seguida, cingiu os rins com seus andrajos e desnudou as coxas belas e robustas; descobriu também os largos ombros, o peito e os braços fortes; e Atena, aproximando-se, fez parecer de mais elevada estatura o pastor de povos. Admiraram-se

---

24, *reis*. Termo de excessiva cortesia. *Chefes* ou *cabeças* dos *procos* ou *pretendentes*.

sobremaneira todos os pretendentes e alguns diziam assim para os que lhes ficavam mais próximos:

— Em breve a Iro, ao desventurado Iro, amarfanhará a desgraça, que ele próprio procurou; — tais coxas pôs ao léu o velho, depois de levantar os farrapos!

Assim diziam eles; e o ânimo de Iro perturbou-se. Mas apesar disso, os servos cingiram-no à força e o trouxeram cheio de susto, com tremuras em todos os seus membros. E Antínoo, congestionado de raiva, rebentou nestas descomposturas:

— Nunca tu tivesses aparecido nem fosses coisa alguma, fanfarrão, visto que tens medo e ficas a tremer diante do velho já quase derrubado pelos males que lhe caíram em cima! O que te vou dizer é para se fazer e não vã ameaça: se ele te vencer e se mostrar mais forte do que tu, agarro em ti, meto-te num escuro barco, e vais para o Épiro, de presente ao rei Équeto, peste de todos os viventes; ele

---

3. *desventurado Iro*. Literalmente: *Iro que já não é Iro*. É como quem diz: «o homem está aqui está morto»!

19. *Équeto*. Significa *carcereiro*. A palavra, mitificada, deu a terrível personagem. Há no mito, como é evidente pelo a-propósito em que vem, um intuito de ordem social ou policial. *Équeto* era o *terror* dos vadios, mendigos, lutadores sem coragem, etc., como entre nós o *Papão* é o *medo* das crianças, o *Capador* o *pânico* dos rapazitos. — O último paralelo é mais *gráfico*, atentas as grosseiras barbaridades com que ameaçavam o desgraçado Iro.

A cruel *entidade* residia no Epiro, diz a *tradição*; diz bem, por acaso. Homero não emprega a palavra como nome próprio: *épiro (êpeiros)* é a terra firme, em oposição ao mar ou ilhas A terra firme, em relação a Ítaca, é o Épiro.

com o afiado bronze te cortará o nariz e as orelhas, te arrancará as partes vergonhosas e, sangrentas, as lançará aos cães.

Assim disse; e um tremor ainda mais forte apoderou-se dos membros de Iro. Foi conduzido para o meio da liça. Os combatentes ergueram os braços um para o outro. O paciente e egrégio Ulisses ficou um momento perplexo: se conviria subjugar ràpidamente o adversário, prostrá-lo de modo que a alma o abandonasse ali logo e ali mesmo; ou se o estenderia no chão a botes menos duros. Preferiu não dar a matar, tanto mais que o desembaraço na maneira forte o podia denunciar a ele, Ulisses, aos olhos dos Aqueus.

Estando eles, pois, com os braços levantados, Iro feriu a Ulisses no ombro direito; este ripostou-lhe com tal punhada na nuca, abaixo da orelha, que os ossos rangeram lá dentro e imediatamente o rubro sangue afluiu-lhe à boca, e caiu no pó, gritando, e batia os dentes uns contra os outros, ao mesmo tempo que feria a terra com o calcanhar.

Entretanto os pretendentes ilustres erguiam os braços, mortos de riso. Mas Ulisses, agarrando a Iro por um pé, arrastou-o através do vestíbulo, até chegar ao pátio, à entrada do pórtico, onde o assentou, reclinado contra a parede; e, depois de lhe pôr um ceptro na mão, dirigiu-lhe estas palavras velozes:

— Agora fica assentado, a guardar a casa dos porcos e dos cães; e, sendo tão fraco, não queiras ser o senhor dos estrangeiros e dos mendigos, porque te poderá acontecer ainda pior.

Dito isto, lançou-lhe em volta dos ombros o saco desprezível e esfrangalhado, preso de uma correia

retorcida e velha, e foi sentar-se no seu lugar. Os pretendentes, que reentraram também, rindo à vontade, felicitaram a Ulisses com estas palavras:

— Estrangeiro, Zeus e os outros deuses imortais te dêem o que mais desejas e é grato ao teu ânimo, por teres conseguido que esse glutão deixe de mendigar pela terra, pois em breve o transportaremos para o continente, para junto do rei Équeto, flagelo de todos os mortais.

Assim disseram; e o egrégio Ulisses alegrou-se do presságio. Em seguida, Antínoo pôs adiante dele o grande chouriço de gordura e de sangue; e Anfínomo serviu-lhe dois pães, que tomou dum açafate; e, saudando-o com um copo de oiro na mão, disse:

— Salve, bom hóspede! Que tu, a quem agora oprimem tantos males, venhas no futuro a ser feliz!

Respondeu-lhe o circunspecto Ulisses:

— Na verdade, Anfínomo, pareces-me muito sensato e mostras ser filho dum pai, qual era Niso de Dulíquio, varão probo e opulento, como apregoou sua fama ilustre. Dizem que tu és filho dele; e tua aparência é dum homem ajuizado. Por isso, atende e escuta o que te vou dizer. Entre todos os seres, que respiram e rastejam sobre o solo, nenhum cria a terra mais fraco do que o homem. Pois ele não pensa que haja de vir a sofrer misérias no futuro, enquanto os deuses lhe concedem seus dons e se movem seus joelhos; quando, porém, os bem-aventurados deuses lhe enviam a desgraça, então suporta-a, ainda que contra a sua vontade, de ânimo paciente. Porquanto o espírito dos homens sobre a terra é vário como os dias, que lhes manda o pai dos homens e dos deuses.

Também eu algum tempo devia ser feliz entre os homens; mas cometi muitas injustiças, abusando da minha força, pratiquei violências, confiado em meu pai e em meus irmãos. Portanto, nenhum jamais seja injusto na mínima coisa. Goze em silêncio os favores que os deuses lhe outorgarem. Quantas acções iníquas eu vejo que cometem os pretendentes, consumindo os bens e ultrajando a esposa dum homem que se não conservará muito mais tempo ausente dos amigos e da terra pátria! Eu vo-lo afirmo, e mais vos digo que já se encontra perto! Oxalá um deus te leve para tua casa e não te encontres com ele, quando regressar à sua pátria terra! Não é de supor que seja de todo incruenta a luta que se vai travar entre os pretendentes e Ulisses, quando este entrar em sua casa.

Assim falou; e, feita a libação, bebeu o melífluo vinho, entregando depois o copo ao chefe dos pretendentes. E este começou a divagar pelo palácio, já de coração agitado e sacudindo a cabeça, porque pressentia a desventura. Mas nem por isso escapou à morte: Atena constrangeu-o a ficar ali, para ser subjugado pelas mãos de Telémaco e por sua poderosa lança. Em seguida voltou a assentar-se na cadeira, donde se erguera.

Entretanto Atena, a deusa de olhos brilhantes, sugeriu ao coração da filha de Icário, à sensata Penélope, que se mostrasse aos pretendentes, para que o coração deles se dilatasse e ela fosse mais honrada, do que antes era, por seu esposo e pelo filho. Rindo-se contrafeita, pronunciou estas palavras:

— Eurínoma, o meu coração deseja o que antes nunca desejou: quer que me mostre aos pretendentes, não obstante eu os detestar. Também dese-

java fazer uma recomendação a meu filho, que lhe será útil: — de não conversar de contínuo com os orgulhosos pretendentes, que lhe dizem palavras amáveis, mas estão conjurados para sua destruição.

A despenseira Eurínoma replicou-lhe:

— Sim, filha, tudo quanto dizes é muito acertado. Vai, pois, e fala a teu filho, sem lhe ocultar nada. Mas primeiro lava o teu corpo e unge as faces; e não apareças assim, de rosto desfigurado pelas lágrimas. Vai, que não é bom estar de contínuo em aflições. Teu filho já chegou à idade viril; e o que pedias com maior ardor aos imortais não era que to deixassem ver com barba?

Respondeu-lhe a sensata Penélope:

— Eurínoma, que a tua solicitude me não aconselhe a lavar o corpo e a ungir-me com óleo. Os deuses, que habitam no Olimpo, privaram-me do esplendor da beleza, depois que meu Ulisses partiu nas bojudas naus. Mas manda vir aqui a Autónoa e a Hipodamia, para que estejam a meu lado na sala. Eu não vou só para o meio dos homens, porque me envergonho.

Assim disse; e a velha foi através da sala transmitir a ordem às mulheres e apressá-las a irem ter com Penélope.

Atena, a deusa de olhos brilhantes, concebeu então outro plano. Fez vir um doce sono sobre a filha de Icário, a qual se recostou para dormir, tornando-se frouxos todos os seus membros, ali, na cadeira onde estava. Entretanto, a deusa preclara adornou-a com dons imortais, para que os Aqueus a admirassem. Espalhou-lhe, primeiramente, sobre as formosas faces uma beleza divina, igual àquela, com que a Citereia da bela coroa se unge, quando

vai para o amável coro das Cárites. Depois fê-la parecer mais alta e majestosa e mais branca que recém-cortado marfim. Acabado este primor, afastou-se a deusa preclara.

Chegaram então da sala, conversando, as escravas de níveos braços; e o doce sono deixou a Penélope, que disse, enquanto apertava o rosto entre as mãos:

— Em minha grande pena, apoderou-se de mim um agradável entorpecimento. Oxalá a casta Ártemis me desse neste momento uma tão suave morte, para que não passasse a vida a consumir o coração com saudades do meu marido, que era exornado de todas as virtudes e o melhor entre os Aqueus!

Dito isto, desceu do seu magnífico aposento, no andar superior, acompanhada de duas criadas. E, quando chegou junto dos pretendentes, a mulher preclara, com o rosto coberto de um véu precioso, deteve-se, ao pé dum pilar do sólido tecto; e as criadas foram-se postar, graves e dignas, uma de cada lado. E cada um dos pretendentes, lá onde quer que estava, contemplando a formosa mulher, sentia vergarem-se-lhe os joelhos e, o coração transportado de amor, queria tê-la por esposa. Mas ela falou a seu amado filho:

— Tu não tens espírito firme e teu pensamento divaga incerto. Tinhas mais tino quando eras mais pequeno. Agora que és grande e chegaste à idade viril, quando um estrangeiro, vendo tua estatura e tua beleza, diria seres filho dum varão ditoso, não mostras ter um espírito justo, nem reflexão. Que crime não se cometeu nesta sala, onde consentiste que se tratasse um hóspede tão indignamente! Que nos sucederá a nós, se um estrangeiro em nossa casa é objecto de tão mau tra-

tamento? A vergonha e o opróbrio assinalar-te-ão entre os homens.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Minha mãe, eu não te censuro por estares encolerizada. Em meu espírito compreendo e sei o que é bom e o que é mau, pois já não sou menino. Mas, como ainda há pouco o era, não posso andar já em tudo com prudência e acerto. Além disso os que se assentam em volta de mim fazem-me perder a serenidade; eles premeditam a minha perda e eu não tenho quem me ajude. Quanto à luta entre o estrangeiro e Iro, não foi ...ou não ficou sendo obra dos pretendentes: este nosso hóspede foi quem prevaleceu. Oxalá, pai Zeus, Atena e Apolo, os pretendentes, vencidos já em nosso palácio, estivessem uns no pátio, outros dentro da casa, de cabeça baixa e os membros desconjuntados assim como Iro, que está às portas do pátio movendo a cabeça, semelhante a um bêbado, e não se pode conservar direito sobre os pés nem ir para casa, como desejaria, porque tem quebrantados os membros!

Tal era o colóquio que tinham entre si. Mas Eurímaco dirigiu a Penélope estas palavras:

— Filha de Icário, sensata Penélope! Se todos os Aqueus de Argos de Iásio te vissem, ainda mais pretendentes, desde o romper da Aurora, se banqueteariam em vosso palácio, pois que tu és superior a todas as mulheres, em beleza, estatura e em equanimidade.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

— Eurímaco, os meus dotes — a beleza e o aspecto do corpo — destruíram-nos os imortais, quan-

---

25, *Idsio*. O Peloponeso.

do os Argivos embarcaram para Ílion e entre eles foi Ulisses, meu esposo. Se este regressasse e cuidasse de minha vida, maior e mais bela seria então minha glória. Assim angustio-me, oprimida por tantos males, que um deus me enviou. Quando ele partiu da terra pátria, tomando-me pelo pulso da mão direita, disse-me:

«Mulher, eu não creio que os Aqueus de belas grevas voltem todos de Tróia sãos e salvos; porque, segundo dizem, os Troianos são homens belicosos, hábeis não só no manejo da lança e em atirar com o arco, mas também em montar cavalos velozes, os quais podem depressa decidir a sorte dum combate duvidoso. Por isso, não sei se um deus me deixará voltar, ou se perecerei aí, em Tróia. Toma, pois, cuidado de tudo quanto aqui fica. Lembra-te, em casa, de meu pai e de minha mãe, como até agora, ou ainda mais, durante minha ausência. E quando vires que o nosso filho já tem barba, casa-te com quem quiseres e abandona o teu palácio».

Assim falou ele; e todas as coisas se cumprem agora. Vai chegar a noite, em que eu, infeliz, a quem Zeus privou de ventura, celebrarei umas detestáveis bodas. Mas uma dor terrível aflige meu coração e meu espírito: os antigos usos dos pretendentes não são observados. Aqueles que pretendem uma mulher ilustre, filha dum varão opulento, e a disputam entre si, costumam levar à noiva bois e gordas ovelhas, para ela dar um banquete às pessoas que lhe são caras; e oferecem-lhe dádivas magníficas, em vez de consumir impunemente os bens de outrem.

Assim disse; e o paciente e egrégio Ulisses alegrou-se de que Penélope solicitasse dádivas e lison-

jeasse com meigas palavras o coração dos pretendentes. Entretanto seu espírito cogitava outros projectos.

Respondeu-lhe Antínoo, filho de Eupites:

— Filha de Icário, sensata Penélope! Aceita os presentes que te trouxer aqui cada um dos Aqueus, pois não te fica bem recusar uma dádiva. Além disso, nós não iremos para nossas ocupações nem para outra parte qualquer, sem primeiro te casares com o melhor de entre nós.

Assim disse Antínoo; e, agradando aos outros a proposta, cada um enviou seu arauto a buscar os presentes. O de Antínoo trouxe-lhe um grande e esplêndido peplo, bordado, com doze colchetes, todos de oiro, que se adaptavam a asas artisticamente recurvas. O de Eurímaco não tardou com um colar de oiro bem trabalhado, que tinha entrelaçamentos de electro e era como um Sol. Da parte de Euridamante, dois escravos trouxeram-lhe uns brincos com três pérolas, feitos com muito esmero e de gracioso brilho. Da casa do nobre Pisandro, filho de Políctor, um servo trouxe um colar, — ornato esplêndido. Enfim, cada um dos Aqueus mandou trazer outras magníficas dádivas.

A mulher preclara subiu, em seguida, à sua estância no andar superior com as escravas, que lhe levavam os belos presentes. E os pretendentes volveram a divertir-se com a dança e o canto delicioso, à espera de que viesse a noite. Quando porém anoiteceu, então eles, que se divertiam ainda, apressaram-se a colocar na sala, para a alumiar, três braseiros, em volta dos quais puseram lenha desde há muito seca e outra cortada recentemente com o bronze, e alguns acendalhos com que as servas do

paciente Ulisses iam atiçando o lume. A estas o refolhado Ulisses, da estirpe de Zeus, falou assim:

— Escravas de Ulisses, do senhor há muito ausente! Ide para a estância, onde está a rainha veneranda e, assentadas junto dela, distraí-a, fazendo girar os fusos, ou cardando a lã com as mãos, que eu cuidarei de alumiar a todos que se encontram aqui. Ainda que eles queiram esperar a Aurora de belo trono, não me cansarei, pois sou bastante rijo.

Assim disse; e elas puseram-se a rir, olhando umas para as outras. Mas Melanto, de belas faces, disse-lhe palavras descorteses. Esta era filha de Dólio e estava ao cuidado de Penélope, que a educara como filha e dava-lhe tudo quanto lhe alegrava o coração. Não obstante, ela não participava da sua dor e ajuntava-se com Eurímaco, de quem era amante. Esta escrava, pois, increpou a Ulisses com palavras injuriosas:

— Miserável estrangeiro, és doido varrido! Em vez de ir dormir a uma forja ou a qualquer abrigo público, tens a ousadia de dizer aqui, no meio de tantos homens, quanto te vem à cabeça, sem pinta de vergonha nessa cara! Bebeste de mais ou apanhaste o jeito de falar sempre torto. Andas talvez inchado, porque venceste o mendigo Iro? Mas pode ser que bem depressa topes outro mais forte do que Iro, que te quebre a cabeça com mãos mais pesadas e te ponha fora desta casa, depois de te ter posto todo a escorrer sangue.

O reconcentrado Ulisses, olhando-a de soslaio, replicou-lhe:

— Vou já dizer a Telémaco, cadela, qual o palavriado que sabes ladrar, para que ele venha aqui desfazer-te em postas.

Com esta resposta, as mulheres ficaram assustadas. E fugiram pela casa quase mortas de terror, porque tomaram a sério as ameaças de Ulisses. Ele foi colocar-se junto dos braseiros, tranquilo, cuidando de os manter acesos; mas tinha os olhos sobre os pretendentes e em seu peito amadurecia desígnios, que tinham de se cumprir.

Atena, porém, não permitiu que os pretendentes se abstivessem de injuriar cruelmente a Ulisses, filho de Laertes, para que a dor lhe penetrasse ainda mais no coração. Então, Eurímaco, filho de Pólibo, foi o primeiro que falou e escarneceu de Ulisses, provocando o riso dos companheiros:

— Ouvi-me, pretendentes da muito afamada rainha, para que nos declare o que no peito meu coração me inspira. Não foi contra a vontade dos deuses que este homem veio para o palácio de Ulisses. Como quer que seja, parece-me que a claridade do fogo sai da sua cabeça, que já não tem cabelos absolutamente nenhuns.

Disse; e logo dirigiu estas palavras a Ulisses, assolador de cidades:

— Estrangeiro, se eu te assalariasse, não aceitarias trabalhar no extremo de minhas terras? A paga não te faltaria — na colheita de espinhos para uma sebe e na plantação de grandes árvores. Eu fornecer-te-ia pão em abundância, vestir-te-ia e dava-te calçado. Mas, como és mestre em patifarias, não quererás ir para o trabalho; preferes andar, todo encolhido, a pedir pela terra, para encher o ventre insaciável.

O reconcentrado Ulisses disse-lhe em resposta:

— Eurímaco, eu ainda queria, na Primavera, quando os dias são maiores, ceifar feno ao desafio

contigo, tendo eu uma bem recurva foicinha e tu outra igual; e que contendêssemos ambos em jejum, até à noite, e o feno não faltasse. Também, se tivessem de ser guiados uns bois, dos melhores, grandes, ambos fartos de erva, da mesma idade, de igual força e muito fortes; e eu tivesse com eles de lavrar num dia quatro geiras, cujos terrões cedessem ao arado, então havias de ver como abria um não interrompido sulco. Igualmente, se hoje o filho de Cronos suscitasse em qualquer parte uma guerra e eu tivesse um escudo, duas lanças e um capacete todo de bronze, que se adaptasse bem às minhas fontes, ver-me-ias misturado com os combatentes das primeiras linhas e não me insultavas por causa do ventre. Tu, porém, portas-te com insolência e tens um coração duro, imaginando talvez que és grande e forte, por conviver com um reduzido número de homens, que não são valentes. Mas, se Ulisses viesse, se ele regressasse à sua terra pátria, estas portas, ainda que muito largas, seriam logo estreitas para tu fugires para fora, através do vestíbulo.

Assim falou; e Eurímaco, ainda mais irritado em seu coração, disse-lhe estas rápidas palavras, olhando-o de soslaio:

— Ah! Eu dar-te-ei em breve a paga desse teu palavriado, miserável, que tens a ousadia de dizer aqui, no meio de tantos homens, quanto te vem à cabeça, sem que teu espírito se perturbe. Certamente, bebeste de mais, ou tens o feitio assim, de dizer palavras ocas. Estarás, porventura, inchado, por ter vencido o mendigo Iro?

Dito isso, tomou um escabelo; mas, como Ulisses se desviasse do arremesso, indo sentar-se nos

joelhos de Anfínomo de Dulíquio, Eurímaco feriu o copeiro no braço direito: o jarro deu no chão com estrondo e o servente tombou de costas na poeira, com um gemido.

Os pretendentes andavam em tumulto naquelas estâncias, quase às escuras. Diziam alguns para quem os queria ouvir:

— Oxalá o estrangeiro se sumisse para sempre, depois de ter errado por outros sítios! Nunca ele tivesse vindo para o meio de nós! Não teria causado tão grande desordem. Nós deixamo-nos envolver em rixas de mendigos e não gozaremos mais do prazer dum bom festim, porque o pior é que prevalece.

Mas o forte Telémaco falou-lhes:

— Miseráveis! Vós estais loucos e, incitados certamente por um deus, já não podeis ocultar os efeitos da comida e da bebida. Visto vos terdes banqueteado bem, vá cada um dormir para sua casa, se a vontade lho demanda; eu não lançarei ninguém fora.

Assim disse; e eles todos morderam os lábios, admirados da ousadia, com que Telémaco falava. Anfínomo, porém, o filho ilustre do rei Niso Aretíada, falou-lhes, dizendo:

— Amigos, ninguém se indigne ou oponha razões contrárias à palavra justa de Telémaco; nem tão-pouco trateis mal ao estrangeiro ou a qualquer dos escravos, que vivem no palácio do divino Ulisses. Mas que o copeiro deite vinho nos copos, para fazermos a libação e ir cada um dormir para sua casa. Quanto ao estrangeiro, deixemo-lo em casa de Ulisses, a cuidado de Telémaco, já que ele para aqui se dirigiu.

Assim disse; e a todos agradou seu discurso. Então o herói Múlio, arauto de Dulíquio, que era servo de Anfínomo, misturou-lhes o vinho na cratera e distribuiu-o a todos por ordem; e eles libaram, primeiro, em honra dos bem-aventurados deuses e, em seguida, beberam do melífluo vinho. Feita a libação e depois de beberem quanto quiseram, partiram, cada um para sua casa, com vontade de se recolher ao leito.

RAPSÓDIA XIX

Colóquio de Ulisses e Penélope. — A lavagem dos pés

O egrégio Ulisses ficou na sala, a premeditar com Atena a morte dos pretendentes. De súbito disse a Telémaco estas aladas palavras:

— Telémaco, é necessário levar para dentro todas as armas de guerra; e, quando os pretendentes derem pela sua falta e te perguntarem por elas, ilude-os com palavras brandas, dizendo-lhes: «Coloquei-as longe do fumo, porque já não pareciam as que Ulisses deixou um dia, ao partir para Tróia; estavam deterioradas mais ou menos, conforme foram atingidas pela fumaceira. Além disso, um deus inspirou-me outra razão mais forte: eu temo que, embriagados com o vinho, levanteis uma disputa entre vós e vos firais uns aos outros, desonrando assim o banquete e a classe dos pretendentes, pois que o ferro por si mesmo atrai o homem.

Assim falou ele; e Telémaco, obediente a seu pai, chamou a ama Euricleia e disse-lhe:

— Ama, fecha-me as mulheres na sala, enquanto deposito na câmara as belas armas de meu pai, as quais estão aqui descuidadas e expostas ao fumo, desde que ele se ausentou. Eu, então, ainda era menino; mas agora quero colocá-las lá, para que a fumaceira as não atinja.

Euricleia, sua ama, respondeu-lhe:

— Oxalá, filho, tenhas enfim ganhado juízo, para poderes cuidar da casa e vigiar todos os teus bens! Mas quem te acompanhará com a luz, se

não deixas sair as escravas? Elas poderiam alumiar-te.

O prudente Telémaco replicou-lhe:

— Este hóspede; pois não tolero que esteja ocioso quem vive à minha custa, ainda quando tenha vindo de muito longe.

Assim disse; e Euricleia, que se não esquecera das ordens recebidas, foi fechar as portas da confortável sala. Mas os dois, Ulisses e seu ilustre filho, apressaram-se a transportar para dentro os elmos, os boleados escudos e as ponteagudas lanças, enquanto Palas Atena os precedia com um facho de oiro, que dava uma luz maravilhosa. Então, de súbito, disse Telémaco para seu pai:

— Ó meu pai, é extraordinária a maravilha que eu contemplo com meus olhos. As paredes da sala, os belos intercolúnios, as vigas de abeto e as colunas, que as sustentam, tudo isto a meus olhos tem luz própria, como de brasas vivas. Sem dúvida, há-de estar aqui dentro algum dos deuses, que habitam no vasto céu.

Disse-lhe em resposta o sábio Ulisses:

— Cala-te! Reprime o teu pensamento e não me faças perguntas. Os deuses, moradores do Olimpo, costumam proceder assim. Agora vai deitar-te, que eu ficarei aqui, para despertar ainda a curiosidade das escravas e de tua mãe, que, em sua dor, me fará muitas perguntas, descendo a muitas particularidades e pormenores.

Assim falou; e Telémaco foi através da sala, à luz das tochas, desejoso de se recolher ao aposento onde descansava, sempre que lhe sobrevinha o doce sono. Aí se deitou então, à espera da brilhante Aurora, enquanto o egrégio Ulisses ficava na sala a

combinar com Atena o morticínio dos pretendentes.

A sensata Penélope, porém, saiu do seu aposento, semelhante a Ártemis ou à áurea Afrodita. Para ela tinham colocado junto do fogo uma torneada cadeira com ornatos de marfim e de prata, na qual costumava assentar-se: — obra feita antigamente pelo artista Iemálio, que lhe adaptara por baixo um escabelo para os pés, e sobre que estava estendido um grande velo. Ali se assentou a atilada Penélope. Então saíram da sala as escravas de níveos braços e recolheram o pão em abundância, as mesas e os copos, em que os homens soberbos tinham bebido; depois espalharam no chão os carvões dos braseiros e meteram dentro muita lenha, para dar luz e aquecer. E Melanto, pela segunda vez, increpou a Ulisses, dizendo:

— Estrangeiro, ainda também agora, durante a noite, nos quererás importunar, girando pela casa, para espreitar as mulheres? Vai-te pela porta fora, miserável, e contenta-te com o que comeste; se não, ponho-te na rua, dando-te com esta acha nas costas.

Replicou-lhe o solerte Ulisses, olhando-a de través:

— Malévola! Porque resingas contra mim, de alma tão danada? Acaso é por não me ter ungido, por vestir uns vis andrajos e por andar mendigando pela terra, obrigado pela necessidade? São assim

---

22. *acha*. O termo grego pode traduzir-se por *teda, facho, archote, tocha, cavaco de pinheiro para o lume*, etc. *Acha* pareceu mais a propósito para tosar as costas do herói.

os indigentes e vagabundos. Eu fui também outrora feliz entre os homens e, como habitava uma casa opulenta, dei muitas vezes esmola ao pobre, fosse ele quem fosse e por qualquer necessidade que viesse. Tinha inumeráveis escravos e muitas riquezas, com as quais os homens vivem regaladamente e têm por isso o nome de ricos. Mas o filho de Cronos fez-me cair em ruína, pois assim o quis, sem dúvida. Teme, mulher, não venhas a perder o brilho da beleza, que te faz orgulhosa entre as outras escravas: que tua senhora, indignada, solte contra ti a sua ira, ou que Ulisses volte, pois ainda há esperanças disso. Mas se ele, por ter morrido, não voltar mais, deixou contudo por vontade de Apolo um filho tal qual é Telémaco; e ele já não fecha os olhos a perfídias de mulheres cometidas em seu palácio, porque já não é menino.

Assim disse; e, como a sensata Penélope o tivesse escutado, repreendeu a escrava com estas palavras:

— Atrevida, cadela, sem vergonha! Não me esquecerei da maldade que fizeste; hás-de pagá-la com tua cabeça. Bem sabias, por me teres ouvido dizê-lo, que eu queria fazer perguntas ao estrangeiro na sala, acerca do meu esposo, pois é tão grande a minha aflição!

Disse; e à despenseira Eurínoma ordenou:

— Eurínoma, traze uma cadeira e põe-lhe em cima uma pele, para que o estrangeiro, assentado, me fale e escute as perguntas que lhe quero fazer.

Assim falou; e a escrava apressou-se a trazer uma bem polida cadeira, sobre a qual pôs uma pele e se assentou em seguida o paciente e egrégio Ulisses. Então tomou a palavra a sensata Penélope:

— Estrangeiro, antes de mais nada, quero diri-

gir-te estas perguntas: Quem és tu? Qual é a tua terra? Onde fica a tua cidade? Teus pais onde moram?

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

— Ó mulher, na terra imensa nenhum mortal poderia censurar-te; porque a tua glória chega ao vasto céu, como a dum rei irrepreensível, que, temente aos deuses, domine sobre varões numerosos e fortes e faça respeitar a justiça; pela boa administração do qual a escura terra produz trigo e cevada, as árvores vergam de fruto, as ovelhas parem constantemente, o mar dá peixe e os povos, enfim, são felizes sob o seu governo. Por isso, agora que estou em teu palácio, interroga-me a respeito de tudo, excepto sobre a minha linhagem e a minha terra pátria, para não aumentares as penas do meu coração, com a lembrança delas. Eu sou muito infeliz; mas não convém que na casa alheia me lamente e chore, porque é desagradável que a gente se esteja sempre a afligir; além disso, alguma de tuas escravas e tu própria poder-vos-íeis irritar e dizer que choro por me ter o vinho subido à cabeça.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

— Estrangeiro, os imortais despojaram-me da formosura, quando os Argivos embarcaram para Ílion e entre eles foi Ulisses, meu esposo. Se este voltasse e cuidasse de minha vida, maior e mais bela seria então minha glória. Assim, angustio-me, oprimida por tantos males, que um deus me enviou. Os príncipes que dominam nas ilhas, em Dulíquio e Santos e na nemerosa Zacinto, bem como os que habitam na própria Ítaca, visível ao longe, todos eles me pretendem, mau grado meu, e consomem

a minha fazenda. Por esta causa não cuido dos hóspedes e dos suplicantes, nem dos arautos, que trazem públicas mensagens; saudades de Ulisses são todo o meu viver, só por elas sinto o coração. Apressam as minhas núpcias os pretendentes; e eu com ardis me vou defendendo. A princípio, um deus inspirou a meu espírito que levantasse um grande tear e me pusesse na sala a tecer um véu subtil e imenso; e disse-lhes:

«Jovens meus pretendentes! Já que o divino Ulisses morreu, não vos impacienteis pelas minhas bodas, mas deixai-me acabar a mortalha destinada ao herói Laertes, para quando lhe vier o fatal destino da prostradora morte. Ai! não se percam meus novelos e não suceda que alguma das Aqueias me desacredite, propalando por esta terra que sem mortalha haja sido enterrado quem possuía tantos bens!»

Assim lhes falei; e eles, sem a menor hesitação, acharam bem.

Desde então, durante o dia, lidava na minha teia; de noite, porém, à luz das tochas, desmanchava quanto urdira à luz do dia. Deste modo, consegui, durante três anos, dissimular meus propósitos e que os Aqueus acreditassem em mim. Mas, quando entrou o quarto e as estações voltaram de novo, no curso dos meses, sucedendo-se dias em grande número, então, por causa das minhas escravas, dessas cadelas, que nada querem fazer, os pretendentes, vindo surpreender-me, dirigiram-me palavras de censura. Foi assim que, bem contra o meu gosto, tive de concluir a teia. E agora não posso evitar as núpcias, nem inventar mais subterfúgios. Meus pais instam por que me case. Meu

filho está indignado contra os que lhe devoram a casa; dói-lhe a fazenda, porque é já um homem capaz de administrar o que é seu; e Zeus dá-lhe prosperidades. Mas... ainda não sei a quem faço minhas confidências: dize-me de que estirpe descendes e qual é a tua terra. Certamente não és filho dum fabuloso carvalho ou duma rocha.

Dissè-lhe em resposta o sábio Ulisses:

— Ó veneranda esposa de Ulisses, filho de Laertes! Não desistes de me fazer perguntas sobre minha linhagem! Seja! Vou responder-te, bem que isto me traga pesado acréscimo de penas às que já suporto; mas que outro poderá ser o destino do forasteiro, qual me vejo, há tantos anos perdido da pátria, errante através das numerosas cidades dos mortais? Seu destino é aguentar os baldões da sorte e sujeitar-se aos interrogatórios que queiram fazer-lhe.

Creta é uma terra bela e fecunda, que está situada no meio do mar, cingida de água em toda a volta. Vivem ali muitos homens, inumeráveis, e suas cidades são noventa. Nela encontram-se misturadas várias línguas, pois habitam-na os Aqueus, os magnânimos Eteocretenses, os Cidónios, os Dórios, que se dividem em três tribos, e os nobres Pelasgos.

Entre as cidades desta ilha, existe uma grande,

---

24. *Eteocretenses*, significa: os verdadeiros Cretenses, os Cretenses autóctones.

25. *que se dividem em três tribos*. Outros traduzem: que têm flutuantes cabeleiras; que usam nos capacetes crinas flutuantes; que são belicosos. Os Dórios invadiram Creta no século XI a. C.

Gnosso, na qual durante nove anos reinou Minos, que conversava com o grande Zeus e foi pai de meu pai, do magnânimo Deucalião. Este me gerou e não só a mim mas também ao príncipe Idomeneu, que foi nas curvas naves para Ílion, juntamente com os Atridas. O meu ilustre nome é Éton. Sou o mais novo: Idomeneu nasceu primeiro e é mais valente.

Em Gnosso vi a Ulisses e ofereci-lhe os dons de hospitalidade. Como ele desejasse ir para Tróia, o vento, impelindo-o de Maleia, arrastou-o para Creta; e aqui ancorou as naus no Amniso, num porto perigoso, onde está a gruta de Ilítia, escapando a custo das tempestades. Dirigiu-se logo para a cidade a perguntar por Idomeneu, de quem dizia ser um hóspede querido e respeitado. Mas já a Aurora tinha aparecido dez ou onze vezes, desde que Idomeneu partira para Ílion nas curvas naves.

Então, conduzindo-o para o nosso palácio, dei-lhe digna hospitalidade e tratei-o carinhosamente, pois tínhamos uma abastada casa; e aos companheiros, que o seguiam, forneci farinha de cevada e rutilante vinho, coisas que lhe angariei pelas povoações, bem como bois para imolarem e satisfazerem seu apetite. Ali os ilustres Aqueus permaneceram durante doze dias, porque detinha-os o Bóreas, que soprava com tal violência, que nem sequer em terra se podia estar de pé, suscitado sem dúvida por alguma divindade funesta. Finalmente, no décimo terceiro dia, o vento acalmou e eles fizeram-se à vela.

1, *Minos*. Parece ter reinado em Creta no séc. 18 antes da nossa era. Nos princípios do século actual foram descobertas em Gnosso as ruínas do palácio de Minos.

Assim contava Ulisses, dizendo muitas coisas falsas com a aparência de verdadeiras. Penélope ouvia-o com ansiedade e deixava correr as lágrimas: como nos altos montes ao sopro do Euro se desfaz a neve, depois que o Zéfiro a espalhou, e, apenas liquefeita, as correntes dos rios engrossam, — assim as suas belas faces pareciam derreter-se em lágrimas. Chorava por um esposo que tinha à sua beira. Ulisses, ainda que no coração se compadecia de sua lacrimosa mulher, tinha, contudo, os olhos enxutos e serenos nas pálpebras, como se fossem feitos de corno ou de ferro; reprimia as lágrimas com astúcia. Mas Penélope, depois que se cansou de chorar e gemer, dirigiu-lhe de novo a palavra:

— Estrangeiro, eu quero agora provar-te. Se é verdade que em teu palácio, como afirmas, deste hospedagem ao meu esposo e aos companheiros, semelhantes aos deuses, dize-me: Que vestidos levava no corpo? Como era ele de sua pessoa? Que companheiros e seguiam?

Disse-lhe em resposta o engenhoso Ulisses:

— É difícil, mulher, satisfazer a tua pergunta, tendo-nos separado há tanto tempo, pois que já lá vão vinte anos, desde que ele partiu de Creta e se ausentou da minha pátria. Todavia dir-te-ei como se representa em meu coração. O egrégio Ulisses tinha um manto purpúreo, de lã e duplo, com uma fivela de oiro, cuja parte anterior era artifício maravilhoso: via-se aí um cão, a segurar nas patas dianteiras um rajado corço e a regalar-se-lhe na agonia. E todos se admiravam, primeiro, de que fos-

---

27. *duplo*. O manto era largo. Tinha o dobro da largura necessária. Dava duas voltas ao corpo de Ulisses.

sem de oiro ambos os bichinhos; depois, achavam graça aos modos do cão a olhar para o corço e a abocanhá-lo e à viveza com que este agitava as patas na ânsia de fugir. A túnica que lhe vi no corpo, em brilho e leveza, era semelhante à casca de cebola bem crestada do Sol. Não, em brilho era mais, fulgia como o Sol; por isso as cabeças de muitas mulheres se juntavam à roda, com admiração.

Outra coisa te vou dizer que deves guardar em teu espírito. Eu não sei se Ulisses já usava estes vestidos, quando partiu da terra, ou se algum companheiro lhos deu na ligeira nau, ou algum hóspede ou hospedeiro, pois que ele tinha muitos amigos, por serem poucos os Aqueus que o igualavam. De minha parte fiz-lhe presente duma espada de bronze, dum manto duplo, esplêndido e de púrpura e duma túnica talar; depois acompanhei-o respeitosamente à nau movida a remos de ambos os lados. Com Ulisses seguia um arauto um pouco mais idoso que ele, o qual te vou descrever como era: tinha as espáduas redondas, a tez escura e o cabelo encrespado. Chamava-se Euríbates; e Ulisses queria-lhe mais que aos outros companheiros, porque os sentimentos dele eram idênticos aos seus.

Assim falou; e as suas palavras excitaram em Penélope uma ânsia ainda mais viva de chorar, ao reconhecer os sinais que Ulisses com exactidão lhe indicara. Mas, depois que se fatigou de seus lacrimosos gemidos, retorquiu-lhe, dizendo:

— Ó meu hóspede, se bem que antes me compadecia de ti, todavia, desde este momento, serás em meu palácio tratado com amor e veneração, porque eu própria lhe dei esses vestidos de que falas, levando-lhos dobrados da câmara; e pus-lhes a bri-

lhante fivela, para servir de ornato a Ulisses. Mas eu não tornarei a ver Ulisses de volta para casa e sua terra pátria! Seguindo um destino funesto, ele partiu numa bojuda nau para ver a maldita Ílion, de nome infando!

Disse-lhe em resposta o simulado Ulisses:

— Ó veneranda esposa de Ulisses, filho de Laertes! Não desfigures mais a tua formosa pele, nem consumas o coração, a chorar pelo marido. Contudo não te repreendo, porque toda a mulher chora o legítimo esposo, que perdeu e de cujo amor teve filhos, ainda que ele seja diferente de Ulisses, que, segundo dizem, era igual aos deuses. Mas deixa o pranto e atende a minhas palavras, pois quero falar-te com franqueza e sem omitir nada.

A respeito da volta de Ulisses eu ouvi dizer que já está perto; que vive na fértil região dos Tesprotos e que traz muitas e excelentes preciosidades, recolhidas entre o povo. Mas os seus queridos companheiros, esses perdeu-os no vinhoso mar, bem como a côncava nau, quando vinha da ilha de Trinácia; porque se irritaram contra ele Zeus e Hélios, cujas vacas os companheiros tinham matado. Por isso, pereceram todos no encapelado mar, ao passo que Ulisses, que vogava sobre a quilha da nave, foi lançado pelas ondas para a terra firme, para o país dos Feácios, que são semelhantes aos deuses. Estes honraram-no muito de coração como a um deus, deram-lhe copiosos presentes e até o queriam reconduzir são e salvo à pátria.

Ulisses poderia estar aqui há muito tempo; mas preferiu em seu coração ir em busca de riquezas pela terra imensa; porque em astúcias sobrepuja os mortais e nenhum seria capaz de rivalizar com ele.

Tal é o que me disse Fídon, rei dos Tesprotos; e jurou-me, fazendo libações na sala, que uma nau tinha sido lançada ao mar e que estavam prontos os companheiros que deviam reconduzi-lo à sua pátria terra.

A mim, porém, despediu-me primeiro, porque sucedeu casualmente partir uma nau com Tesprotos para Dulíquio, fértil em trigo. E mostrou-me as riquezas que Ulisses ajuntara, as quais poderiam sustentar ainda outro homem e descendência até à décima geração — tantas eram as preciosidades que tinha no palácio do rei. Disse-me também que ele *fora a Dodona, para conhecer do divino roble de* elevada copa a vontade de Zeus, a respeito do modo de regressar à sua terra pátria, de que se ausentara há muito: se manifestamente ou às ocultas.

Assim, pois, Ulisses está salvo e não deve tardar; ele encontra-se muito perto e já não permanecerá por longo tempo separado dos que lhe são caros e da sua pátria. Sobre isto quero prestar-*te* juramento. Sejam testemunhas Zeus, primeiramente, o *deus supremo* e o mais poderoso, e, depois, o lar do irrepreensível Ulisses, a que cheguei, de que tudo se há-de realizar, como eu digo. Ele voltará no presente ano, quando terminar este mês e principiar outro.

A sensata Penélope replicou-lhe:

— Oxalá essa palavra se cumprisse, estrangeiro! Em breve *conhecerias minha amizade e receberias* de mim presentes em tão grande número, que serias considerado feliz por quantos te encontrassem. Mas o meu coração pressente como há-de suceder: Ulisses não voltará mais a casa, nem tu conseguirás que te levem à pátria, pois que não há neste palá-

cio gente que o governe, tal qual Ulisses era entre os homens, se na realidade houve homens alguma vez, para receber e despedir os respeitáveis hóspedes.

Mas, ó escravas minhas, lavai o estrangeiro e disponde-lhe um enxergão e um leito com boas mantas e colchas, para que, bem quente, espere que chegue a Aurora do áureo trono. Depois, de manhã, muito cedo, lavai-o e ungi-o, a fim de que aqui dentro, na sala, assentado junto de Telémaco, tome a refeição. E ai daquele dos convivas que de coração cruel o ofender! Essa será a última insolência que aqui pratique, por mais que se enfureça. E tu, ó forasteiro, não estranhes estas minhas ordens; como conhecerias tu que sou superior às outras mulheres em juízo e em prudência, se te deixasse comer na sala tão sujo e assim mal vestido? Os homens têm uma vida curta. Àquele que é cruel e só pensa em barbaridades todos os mortais lhe lançam imprecações, enquanto vive, e, depois de morrer, é objecto de mofa de toda a gente; mas a fama do que é irrepreensível e não pensa em coisas dignas de censura é espalhada ao longe, entre os homens, pelos estrangeiros, e são muitos a afirmar que ele é bom.

Disse-lhe em resposta o simulado Ulisses:

— Ó veneranda esposa de Ulisses, filho de Laertes! Eu ganhei aborrecimento aos grossos cobertores e às colchas esplêndidas, desde que parti, nas naves de compridos remos, dos nevados montes de Creta. Desejo deitar-me como antes, quando passava as noites sem dormir; pois em muitas delas jazi num leito ruim, à espera da brilhante Aurora de belo trono. Quanto a lavar os pés, tão-pouco

isso me agrada; e não mos tocarão as mulheres, que no palácio estão à tua ordem, a não ser alguma velha, muito velha e discreta e que tenha sofrido em seu coração tantas penas como eu. A uma tal não recusarei que me toque os pés.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

— Meu hóspede! Dos amados hóspedes, que de longes terras têm vindo a meu palácio, nenhum mostrou jamais ser tão cordato como tu, cujas palavras são tão sábias e prudentes. Eu tenho uma velha escrava, mui circunspecta e ajuizada, a qual alimentou e criou aquele infeliz e o recebeu em seus braços, quando a mãe o deu à luz. Ela lavar-te-á os pés, ainda que suas forças sejam poucas. Prudente Euricleia, levanta-te já e lava a este hóspede, que é igual em idade ao teu senhor; também os pés e as mãos de Ulisses, a estas horas, não andarão menos encortiçados ou bem tratados; ah! na desgraça, quão depressa envelhecem os mortais!

Assim falou; e a velha, cobrindo a face com as mãos e derramando lágrimas, disse num queixume:

— Ai de mim, filho, que estou incapaz de te socorrer! Sem dúvida, Zeus ganhou-te mais ódio que a nenhum outro homem, apesar de teres um coração temente aos deuses. E nunca algum dos mortais queimou em louvor de Zeus, que do raio se apraz, tantas pingues coxas nem tantas hecatombes escolhidas como as que tu lhe ofereceste, pedindo-lhe que te deixasse chegar rico à velhice e criar um filho de tão boa geração. E agora foste só tu quem ele privou da hora de boas-vindas! Talvez, tendo chegado ao grande palácio de algum dos amigos, em terra estranha, as escravas da casa façam mofa de Ulisses, como todas estas cadelas

fazem de ti, e por isso não deixaste que as malcriadas te lavassem os pés; mas eu cumpro de bom grado a ordem que me deu a filha de Icário, a ajuizada Penélope. Vou lavar-te os pés por atenção a ela e a ti, pois que o meu coração se comove, aqui dentro, com tuas dores. Mas escuta o que te quero dizer. Muitos desafortunados estrangeiros já vieram aqui; mas digo-te que ainda não vi nenhum tão parecido com Ulisses, na estatura, na voz e nos pés, como tu.

Disse-lhe em resposta o cauteloso Ulisses:

— Ó velha, quantos nos têm visto a nós dois afirmam o mesmo, que nos assemelhamos muito um ao outro, como tu acertadamente dizes.

Assim falou; e ela tomando uma bacia brilhante, de que se costumava servir para a lavagem dos pés, deitou-lhe uma grande porção de água fria, a que ajuntou depois água quente. Entrementes assentara-se Ulisses, retirado do lar e voltando-se de súbito para a escuridão, apenas pressentiu em seu espírito que ela, tocando-lhe a cicatriz, podê-lo-ia reconhecer e que assim tudo seria descoberto. Euricleia, aproximando-se então, lavou ao seu senhor e em breve percebeu a cicatriz, que outrora um javali lhe fizera com seu alvo dente, quando fora ao Parnaso visitar a Autólico e a seus filhos.

Era este o pai ilustre de sua mãe, o qual se distinguia entre os homens na arte de furtar e em fazer perjúrios — prerrogativas que Hermes lhe concedera, porque ele queimava em sua honra agradáveis coxas de cordeiros e de cabritos; por isso, o deus acompanhava-o, benévolo. Autólico, tendo vindo à fértil terra de Ítaca, encontrou uma criança que sua filha dera recentemente à luz; a qual Euricleia,

depois que o avô acabara de cear, lhe pôs sobre os joelhos, pronunciando estas palavras:

— Autólico, encontra tu agora o nome que porias ao filho de tua filha, por ti tão desejado.

Replicou-lhe Autólico:

— Meu genro e tu, filha minha, ponde-lhe o nome que vou dizer. Como eu cheguei aqui, enfurecido contra muitos homens e muitas mulheres, que encontrei pela terra fecunda, dai-lhe o nome de *Odysséus*. Quando ele chegar à adolescência e vier ao Parnaso, ao grande palácio materno, onde tenho muitas riquezas, hei-de dar-lhe parte delas e reenviá-lo-ei contente.

Por esta causa, Ulisses foi lá, para que ele lhe entregasse os magníficos dons. Autólico e seus filhos saudaram-no com apertos de mão e com palavras melífluas; e Anfiteia, sua avó, abraçou-o e beijou-lhe a cabeça e os seus dois belos olhos. Então ordenou Autólico a seus ilustres filhos que preparassem o banquete; e eles, obedientes à sua ordem, trouxeram logo um boi de cinco anos, que cuidaram de esfolar e de retalhar. Em seguida, esmiuçaram-no hàbilmente e, pondo os pequenos pedaços em espetos, assaram-nos com cuidado e distribuíram as porções. Depois celebraram o festim, durante todo o dia, até ao pôr do Sol, não carecendo ninguém duma parte igual. Mas, apenas o Sol se pôs e sobreveio a noite, então foram deitar-se e gozaram do dom do sono.

Quando apareceu a madrugadora Aurora de róseos dedos, partiram para a caça os filhos de Autó-

---

10, *Odysséus*. Etimològicamente, significa — o Iracundo. *Odussámenos* — irritado.

lico, juntamente com o egrégio Ulisses e os cães. Encaminharam-se para a alta e arborizada serra do Parnaso, atingindo depressa os seus desfiladeiros varridos dos ventos. O Sol iluminava já os campos, tendo surgido havia pouco do Oceano de plácida e profunda corrente, quando os caçadores chegaram às gargantas da floresta. Adiante iam os cães, farejando o rasto da caça, e atrás os filhos de Autólico, com os quais seguia o egrégio Ulisses, não longe dos cães, agitando sua comprida lança.

Ali estava deitado um grande javali, numa espessura, onde não entrava o sopro húmido dos ventos, não luziam os raios do Sol nem penetrava a chuva — *tão cerrada ela era* e tal abundância de folhas estava amontoada no seu interior. O bicho ouvira o rumor dos pés dos caçadores e o ladrar da matilha, quando já se aproximavam; e, saindo da moita, deteve-se à sua frente, a pouca distância, com as cerdas todas eriçadas e a faiscar lume dos olhos.

Então Ulisses foi o primeiro que, erguendo com a mão robusta sua comprida lança, investiu contra ele, desejoso de o matar; o javali, porém, lançando-se obliquamente contra o caçador, feriu-o primeiro acima do joelho e arrancou-lhe com o dente um pedaço de carne, sem todavia chegar ao osso. Mas Ulisses não errara o golpe: atingiu-o na espádua direita, atravessando-lha com a ponta da reluzente lança, de sorte que o animal caiu no pó, grunhindo, e perdeu a vida. Em socorro do irrepreensível Ulisses, semelhante a um deus, vieram os filhos caros de Autólico: ligaram-lhe bem a ferida e fizeram parar o negro sangue, por meio de esconjuros; e partiram logo para o palácio de seu pai.

Autólico e seus filhos, depois de o terem cuidado e de lhe darem magníficas prendas, apressaram-se a reenviá-lo para a sua Ítaca, com satisfação de todos. O pai e a venerável mãe alegraram-se com a volta do filho e inquiriram dele todos os pormenores, a respeito do acidente, de que lhe ficara a cicatriz. E ele contou-lhes com exactidão como um javali o ferira com seu alvo dente, quando fora ao Parnaso à caça com os filhos de Autólico.

Esta cicatriz, pois, reconheceu-a a velha, apenas lhe tocou e a apalpou com a palma da mão; e, largando o pé, foi bater a perna na bacia, o bronze cantou e a água entornou-se. Simultâneamente a alegria e a dor atropelavam-se no coração da velha ama; os olhos encheram-se-lhe de lágrimas; e a velhinha, que tinha uma voz que parecia de homem, ficou sem poder falar. Depois, tocando a Ulisses no queixo, foi balbuciando:

— Sem dúvida, tu és Ulisses, meu filho! e eu não te reconheci, sem primeiro ter tocado com as mãos o meu rei.

Disse; e fitou os olhos em Penélope, querendo indicar-lhe que seu esposo estava dentro da sala. Mas aquela, do lado oposto, não pôde notar nem perceber nada, porque Atena desviara-lhe a atenção para outra coisa. Ulisses acudiu logo com a mão direita à goela denunciante; com a outra puxou para junto de si a velhinha e disse-lhe:

— Ó ama, porque me queres perder? Tu crias-te-me aos teus peitos; e agora, depois de sofrer tantas aflições, cheguei, passados vinte anos, à terra pátria. Já que tu me reconheceste e um deus sugeriu a verdade ao teu espírito, cala-te e que ninguém no palácio o saiba. O que te vou dizer há-de

cumprir-se. Se uma divindade fizer que os ilustres pretendentes sucumbam às minhas mãos, eu, quando matar no meu palácio as outras escravas, não te pouparei a ti, apesar de teres sido minha ama, se tiveres dado à língua.

Replicou-lhe a discreta Euricleia:

— Meu filho, que palavra te saiu do cerco dos dentes! Tu sabes quanto o meu ânimo é firme e indomável; e manter-me-ei tal como a dura pedra ou como o ferro. Outra coisa te quero dizer, que deves guardar em teu espírito. Se uma divindade fizer que os ilustres pretendentes sucumbam às tuas mãos, hei-de indicar-te as mulheres que em teu palácio te desonram e as que estão inocentes.

Disse-lhe em resposta o precavido Ulisses:

— Ama, porque indicar-mas? Não é necessário. Por mim mesmo hei-de conhecê-las bem e saberei quem elas são. Guarda segredo e confia nos deuses.

Assim disse; e a velha foi através do palácio em busca de água para os pés, porque a primeira derramara-se toda. Mas, depois de banhado e de ungido com óleo pingue, Ulisses puxou de novo a cadeira para junto do fogo, a fim de se aquecer, e cobriu a cicatriz com os farrapos. Então começou a falar a sensata Penélope:

— Estrangeiro, eu quero ainda interrogar-te um pouco, porque dentro em breve é tempo do agradável descanso para aquele de quem se apoderar o doce sono, se bem que esteja aflito. Quanto a mim uma divindade deu-me uma dor imensa: durante o dia, comprazo-me em chorar e lamentar-me e em ver pela casa os meus lavores e os das escravas; mas, quando vem a noite e todos se dão ao descanso, eu estendo-me no leito. Pungentes cui-

dados, em chusma, agitam meu coração oprimido. Gemo.

Do mesmo modo que a filha de Pandareu, a verde Aédon, ao principiar de novo a Primavera, canta melodiosamente, poisada entre a espessa folhagem das árvores, e derrama em volta seu variado canto, de modulações rápidas, carpindo o Ítilo, filho seu e do rei Zeto, que ela um dia por loucura matara com o bronze, — assim é agitado o meu espírito por pensamentos contrários, vacilando entre permanecer junto do filho e conservar em segurança os meus bens, as escravas e a grande casa de alto tecto, por atenção ao leito conjugal e à voz do povo, ou seguir aquele dos Aqueus que for o melhor dos que no palácio me pretendem e cujas dádivas sejam imensas. Meu filho, enquanto era criança e não reflectia, não me deixava casar nem sair da casa do meu esposo; mas agora, que já é grande e está em plena juventude, deseja

---

4, *verde Aédon*. Aédona é a avezinha que nós chamamos rouxinol. Os rouxinóis não são verdes, nem é de crer que o fossem no tempo de Homero. Os tradutores do grego, que Deus haja, para o morto latim entenderam que a expressão equivalente era: *viridis luscinia*; os intérpretes de Homero nas línguas vivas seguiram os latinos: *di Pandaréo la figlia, la verdetta cantarina* (Salvini); *la verte Aédôn* (Leconte de Lisle). O texto grego não diz que o rouxinol era verde; diz que ele gostava, como os de hoje, de se esconder entre a *verde* folhagm.

8-9, *por loucura matara*. Aédona opusera-se ao culto de Dionissos; o deus, por vingança, fê-la cair em demência, e ela em seu desvairamento matou seu próprio filho Ítilo. Depois foi arrebatada pelas Harpias, que a entregaram às Erínias. Por fim os deuses transformaram-na em rouxinol.

que eu desampare o palácio, indignado por causa da fazenda que os Aqueus lhe devoram.

Mas explica-me este sonho. Escuta! Vinte gansos comem em minha casa trigo, extraindo-o da água; e eu deleito-me com a sua vista. Baixando, porém, da montanha uma grande águia de bico adunco, despedaçou-lhes o pescoço a todos e matou-os. Depois ergueu-se para o éter brilhante, deixando-os no palácio em monte.

Eu, durante o sonho, chorava e gemia, e as Aqueias de belas tranças reuniram-se em volta de mim, que me lamentava miseràvelmente por a águia ter matado os meus gansos. Mas ela, voltando de novo, poisou-se no tecto da minha casa e, para fazer cessar o meu pranto, disse com voz de gente: «Ânimo, filha do célebre Icário! Não é isto um sonho, mas uma aparição real do que se há-de cumprir. Os gansos são os pretendentes e eu, que primeiro era águia, sou agora o teu esposo, que chegou, e darei a todos os pretendentes uma vil morte».

Assim falou; e, tendo-me deixado o doce sono, lancei o olhar em volta; e vi os gansos no palácio, pescando da pia, como antes, os grãos de trigo.

Disse-lhe em resposta o cauteloso Ulisses:

— Ó mulher, não é possível explicar o sonho, interpretando-o doutro modo, pois que o próprio Ulisses te indicou como o executará. A ruína de todos os pretendentes é manifesta e nenhum há-de escapar à morte nem ao destino.

A sensata Penélope replicou-lhe:

— Estrangeiro, os sonhos são na verdade de interpretação difícil, de sentido obscuro; e nem tudo quanto anunciam vêem os homens realizar-se. Porquanto existem duas portas para os inconscientes

sonhos: uma feita de chifre e outra de marfim. Os que vêm pela de marfim serrado enganam-nos com vãs esperanças e suas palavras são ocas; mas os que entram pela porta de polido chifre, esses anunciam ao mortal, que os vir, coisas que hão-de ser realidade. Eu não creio que o meu horrível sonho tenha entrado por aqui; pois, sem dúvida, seria agradável a mim e ao meu filho.

Outra coisa te vou dizer, que deves guardar em teu espírito. Aproxima-se já a detestável Aurora, em que eu me afastarei da casa de Ulisses, porque vou propor um certame: — o das segures que, em número de doze, ele no seu palácio, punha em fila, como amparos duma nau, e através das quais, estando a grande distância, enfiava uma flecha. Agora, pois, quero propor aos pretendentes este combate: àquele que, tomando o arco em suas mãos, o armar mais fàcilmente e fizer passar uma flecha através das doze segures, a esse seguirei, abandonando esta conjugal casa, tão bela e abastada, da qual creio que me hei-de recordar até em sonhos.

Disse-lhe em resposta o astucioso Ulisses:

— Ó veneranda esposa de Ulisses, filho de Laertes! Não demores esse certame que propões no palácio, pois que o subtil Ulisses chegará aqui antes que eles, manejando o polido arco, estendam a corda e enfiem uma seta através do ferro.

A sensata Penélope replicou-lhe:

— Se tu quisesses, estrangeiro, deleitar-me desse modo, assentado nesta sala ao pé de mim, o sono não se derramaria sobre minhas pálpebras. Mas não é possível que os homens vigiem sempre, porque os deuses impuseram aos mortais, sobre a

terra fecunda, uma porção de tempo para cada coisa. Por isso, vou subir ao meu aposento e deitar-me no leito, nesse meu leito de dor, banhado de contínuo com minhas lágrimas, desde que Ulisses partiu, para ver a maldita Ílion, de nome infando. Tu deita-te nesta casa também. Prepara tua cama no chão, ou que te arranjem um leito.

Dito isto, subiu ao magnífico aposento, no andar superior, acompanhada das escravas. E, apenas lá chegou com as mulheres, pôs-se a chorar por Ulisses, seu esposo, até que Atena de olhos brilhantes lhe difundiu nas pálpebras o doce sono.

RAPSÓDIA XX

Avizinha-se o morticínio dos pretendentes

O divino Ulisses pernoitava no vestíbulo. Estendera-se sobre uma pele de boi recém-esfolado e cobriu-se com muitos velos das ovelhas que os Aqueus tinham imolado; Eurínoma lançou-lhe um manto por cima. Quando Ulisses assim estava deitado, mas, desperto e na maré cheia de seu exaspero, premeditava em seu espírito a ruína dos pretendentes, saíam da sala, provocando-se umas às outras ao riso e à alegria, as mulheres que costumavam ajuntar-se com eles. Ulisses não podia conter no peito o coração; e na mente e no espírito revolvia mil projectos e ficava perplexo, se havia de matar as mulheres imediatamente ou se as deixaria ainda uma vez, a última, pagodear com os altivos pretendentes. E o coração não lhe sossegava. Como uma cadela, rodeando os tenros cachorros, ladra e deseja acometer, quando vê algum desconhecido, assim o coração de Ulisses bramia dentro em si, indignado com o atrevimento das escravas. E, ferindo o peito, para si próprio disse estas palavras:

— Sê paciente, coração! Tu sofreste horrores maiores naquele dia, em que o Ciclope, de cólera indomável, me devorou os valentes companheiros; tu suportaste-os, até que minha astúcia te salvou de seu antro, quando pensava em morrer.

Assim disse, repreendendo seu coração dentro do peito, que se acalmou e perserverou na paciência. Contudo Ulisses revolvia-se dum lado para o outro. Como um homem, sobre uma grande fogueira ace-

sa, volta em todos os sentidos um bucho cheio de gordura e de sangue, na ânsia de que se asse depressa, — assim ele, cogitando, se voltava dum lado para outro, sem saber como poria a mão nos pretendentes sem vergonha, pois que estava só e estes eram tantos. Mas Atena, tendo baixado do céu, aproximou-se dele, na figura duma mulher; e, pairando sobre a sua cabeça, dirigiu-lhe estas palavras:

— Porque vigias ainda, ó mais infeliz dos mortais? Este palácio é teu e nele tens a esposa e o filho, que é como todos desejariam que fossem os seus.

Disse-lhe em resposta o sábio Ulisses:

— Sim, ó deusa, tudo o que dizes é razoável; mas em minha mente cogita a alma, sem saber como porá as mãos nos desavergonhados pretendentes, pois que estou só e estes encontram-se sempre todos juntos no palácio. E fico ainda mais duvidoso, ao pensar nisto: se, por vontade de Zeus e pela tua, consigo matá-los, onde me refugiarei? Eu exorto-te a pensar no caso.

Atena, a deusa de olhos brilhantes replicou-lhe:

— Infeliz! O homem confia num companheiro inferior a mim, num mortal, que não sabe aconselhar como eu, que sou deusa e te guardo de contínuo em todos os teus trabalhos. Eu vou falar-te com toda a clareza. Ainda que cinquenta companhias de homens, falando diversas línguas, nos rodeassem a ambos, desejosos de nos matar e respirando bélico furor, não obstante, tu poderias arrebatar-lhes os bois e as gordas ovelhas. Por isso, entrega-te ao sono, que é molesto passar toda a noite sem dormir. Em breve sairás desses males que te assediam.

Assim disse; e, tendo-lhe derramado o sono sobre as pálpebras, a deusa preclara regressou ao Olimpo.

Quando Ulisses se rendia ao sono, que afrouxa os membros, e seu coração era livre de cuidados, despertava sua esposa fiel, que, assentando-se no macio leito, começou a prantear-se. Mas, depois de ter saciado de lágrimas o coração, a preclara mulher, antes de mais nada, elevou a Ártemis a sua prece:

— Ó Ártemis, deusa veneranda, filha de Zeus! Oxalá tu me ferisses no peito com uma seta e me tirasses a vida neste mesmo instante; ou a procela, arrebatando-me, me levasse pelos brumosos caminhos e me deixasse cair nas praias do refluente Oceano, como um dia as tempestades arrebataram as filhas de Pandareu! Os deuses tinham-lhes feito morrer os pais e elas ficaram órfãs no palácio; mas a preclara Afrodita alimentou-as a queijo, doce mel e saboroso vinho, Hera fê-las, em formosura e prudência, exceder a todas as mulheres, a casta Ártemis deu-lhes grande estatura e Atena, enfim, ensinou-as a fazer primorosos lavores. Quando, porém, a preclara Afrodita, para lhes conseguir a celebração do casamento na idade juvenil, foi ao alto Olimpo ter com Zeus, que se compraz no raio, (porque ele conhece tudo perfeitamente: o destino feliz e infeliz dos mortais), entretanto, as Harpias arrebataram as donzelas, e as deram às terríveis Erínias como escravas.

Assim me fizessem desaparecer os que habitam em olímpicas moradas, ou Ártemis de belas tranças me ferisse, para que fosse ver debaixo da terra medonha a Ulisses e não alegrasse a mente dum homem inferior a ele! O mal é suportável, quando

o homem chora durante o dia, de coração muito angustiado, e de noite o sono se apodera dele; porque então esquece tudo, os bens e os males, depois que este lhe envolveu as pálpebras. A mim, porém, um deus envia-me maus sonhos. Assim, esta noite dormiu a meu lado um homem semelhante a Ulisses, tal qual ele, quando partiu com o exército; e meu coração regozijou-se, pois não julgava que fosse sonho, mas uma aparição verdadeira.

Assim disse; e em breve apareceu a Aurora do áureo trono. Mas o egrégio Ulisses ouvira a voz de Penélope a lamentar-se; e, entrando logo em reflexões, parecia-lhe que ela o reconhecera e que estava ali, junto de sua cabeça. Recolheu então o manto e os velos, em que dormira, colocando-os na sala sobre uma cadeira; a pele de boi, porém, foi pô-la à porta. Depois, levantando as mãos, orou assim a Zeus:

— Pai Zeus, se foi de bom grado que vós, os deuses, me trouxestes para a pátria, por sobre a terra e sobre o mar, depois de muitos maus tratos, que algum dos homens que despertam dentro do palácio me diga algum presságio e que fora se manifeste outro sinal de ti.

Tal foi sua prece; e o prudente Zeus ouviu-lha. Acto contínuo, enviou-lhe um trovão do brilhante Olimpo, lá de cima, das nuvens, pelo que se encheu de alegria o egrégio Ulisses. Quanto ao presságio, fê-lo ouvir do interior da casa uma escrava, que moía perto, no sítio onde o pastor de povos tinha os moinhos, nos quais de ordinário trabalhavam com diligência doze mulheres, ocupadas em moer a cevada e o trigo — o alimento fortificante dos homens. Todas elas dormiam, depois de moer o trigo;

só uma, que era a mais fraca e ainda não terminara seu trabalho, ficou acordada. Esta, pois, parando por fim o moinho, deixou ouvir estas palavras — o sinal pedido por seu senhor:

— Pai Zeus, que reinas sobre os deuses e sobre os homens! Tu enviaste um grande trovão do céu estrelado, não havendo aí nuvem alguma. Certamente é um sinal que manifestas a alguém. Faze agora também a mim, infeliz, que se cumpra a palavra que vou dizer: Que neste dia, enfim, no palácio de Ulisses, tomem os pretendentes, pela última vez, a agradável refeição! Eles, que me fazem desfalecer os joelhos a moer-lhes a farinha de cevada, que comam hoje aqui pela última vez!

Assim disse ela; e o egrégio Ulisses alegrou-se do presságio e do trovão de Zeus, pois pensava que se havia de vingar dos criminosos.

As outras escravas, depois de se reunirem no belo palácio de Ulisses, acendiam na lareira o incansável fogo. Entretanto, Telémaco, o varão igual a um deus, apenas se levantou do leito e se vestiu, pôs em volta do ombro a cortante espada, ligou belas sandálias aos pés brilhantes e tomou a sua forte lança, de aguda ponta de bronze. Depois, dirigindo-se para o limiar da porta, parou aí e disse a Euricleia:

— Minha ama, honraste o hóspede, deste-lhe cama e comida, ou deixaste-o ao abandono? Pois minha mãe, apesar de toda a sua prudência, é assim: honra caprichosamente o pior dos homens, que tem lábia, e despede com desprezo outro que lhe é superior.

Replicou-lhe a cordata Euricleia:

— Não censures, filho, tua mãe que não tem cul-

pa. O hóspede esteve assentado a beber vinho, enquanto quis e quanto quis; e, a respeito de comida, Penélope perguntou-lhe se desejava mais, e ele disse que não tomava mais nada. Depois, quando resolveu deitar-se e ir dormir, ela própria mandou às escravas que lhe fizessem a cama; mas ele é tão desgraçadinho e anda tão cheio de aflições, que não quis dormir em cama de colchões e foi deitar-se à entrada da porta numa pele de boi ainda suja de sangue e cobriu-se com peles de ovelhas. E nós deitámos-lhe por cima um manto.

Assim disse; e Telémaco saiu do palácio com a lança na mão, seguido de dois ligeiros cães, e dirigiu-se à ágora, para entre os Aqueus de belas greas. A muito boa mulher que era Euricleia, filha de Ops Pisenórida, deu às escravas esta ordem:

— Vamos! Umas varram a casa com muito cuidado, borrifem-na e cubram as melhores cadeiras com tapetes de púrpura; outras esfreguem todas as mesas com esponjas e limpem as crateras e os copos redondos; aquelas vão buscar água à fonte e tragam-na depressa, pois os pretendentes não se conservarão fora do palácio por muito tempo; virão muito cedo hoje, por ser dia de festa para toda a gente.

Assim disse; e elas ouviram e obedeceram à sua ordem. Umas, ao todo vinte, foram à fonte de

---

24. *festa*. Trata-se da numénia, em honra de Apolo. Ocorria no primeiro dia do mês ou da Lua.

27. *fonte de água frígida*. O texto diz: fonte de água... negra, preta, escura, sombria? assombreada? frígida, por não rever o Sol? Parece que as raparigas foram encher os cântaros à fonte descrita na rapsódia XVII. Os Itacos tinham muito orgulho na sua fonte. É

água frígida e outras começaram a lidar pelo palácio, mostrando-se muito hábeis e diligentes nestes trabalhos.

Então chegaram os servos dos Aqueus, que, com destreza se puseram a rachar lenha. As mulheres também vieram da fonte, seguidas do porqueiro, que trazia três gordos porcos, os melhores de todos. Ele deixara-os a pastar no belo cercado e dirigiu a Ulisses estas melífluas palavras:

— Estrangeiro, respeitam-te mais os Aqueus, ou desprezam-te ainda no palácio, como antes?

Disse-lhe em resposta o refolhado Ulisses:

— Oxalá, Eumeu, os deuses punissem o ultraje que eles cometem, maquinando iniquidades na casa alheia, sem nenhuma sombra de pudor!

Tal era o colóquio que tinham entre si. Nisto, aproximou-se deles o cabreiro Melântio, seguido de dois pastores, com as cabras, que sobressaíam entre todos os rebanhos, para o banquete dos pretendentes. E, depois de as prender sob o pórtico retumbante, disse a Ulisses estas mordazes palavras:

— Estrangeiro, ainda continuas a importunar os varões, pedindo esmola pelo palácio? Quando irás pela porta fora? Creio que não te separarás de nós, sem provar primeiro as nossas mãos; pois tu não mendigas dum modo decente e, além disso, há em outras partes festins, que os Aqueus celebram.

Assim falou. O cauteloso Ulisses, porém, não lhe respondeu; mas agitou em silêncio a cabeça, pre-

---

natural que lhe dessem o nome de Fonte Fria, como nós (isto é, Castilho e não sei quem mais) dizemos: a Fonte Fria do Buçaco. Seja como for: Homero diz simplesmente que as mulheres foram *epi crénen meldnudron*, em latim: *ad fontem aquae nigrae*.

meditando sinistros desígnios no fundo do seu coração.

O terceiro a chegar foi Filétio, chefe de pastores, que trouxe aos pretendentes uma bezerra e gordas cabras. Os marinheiros tinham-nos transportado, pois seu ofício é passar nos barcos todos os que assim o desejam. Depois de prender as reses sob o pórtico retumbante, Filétio, aproximando-se do porqueiro, interrogou-o:

— Porqueiro, quem é este estranho chegado há pouco a nossa casa? De que estirpe se orgulha de ser? Onde vive sua família? Qual é a sua pátria? Infeliz! Ele assemelha-se no semblante a um rei verdadeiro; mas os deuses oprimem de males os homens, que têm viajado muito, pois que até aos reis dão um doloroso destino.

Disse; e, aproximando-se, saudou a Ulisses com a mão direita, enquanto lhe dirigia estas aladas palavras:

— Salve, bom hóspede! Que no futuro ao menos possas chegar a ser feliz, visto oprimirem-te agora tantos males! Pai Zeus, nenhum outro dos deuses é mais funesto que tu. Sem compaixão, mergulhas os homens no infortúnio e em lamentáveis dores, apesar de os teres criado.

Logo que te vi, sobreveio-me uma grande angústia e os meus olhos verteram pranto, ao lembrar-me de Ulisses; porque penso que também ele vagueia entre os homens com uns andrajos como esses, se ainda vive algures e vê a luz do Sol. Mas ai de mim, se morreu e baixou à casa de Hades! Que pena eu sinto dele, desse irrepreensível Ulisses, o qual, sendo eu ainda criança, me entregou a guarda de suas vacas no país do Cefalenos! Hoje elas são

inumeráveis e a nenhum homem poderia multiplicar-se assim o gado bovino de larga fronte; mas outros são os que me mandam trazê-las, para as comerem eles próprios, sem se importar com o filho da casa e sem temer a vingança divina; chegam ao desaforo de querer repartir os bens do senhor, há longo tempo ausente.

Muitas vezes no peito o meu coração revolve estas ideias: é mau que, em vida do filho, eu vá com suas vacas para uma terra de povos estranhos; mas pior ainda que permaneça aí, guardando gado alheio e sofrendo maus tratos. Há muito já que teria fugido para junto de outro poderosíssimo rei, visto não poder suportar mais esta vida; estou, porém, ainda à espera que volte de algures aquele infeliz e que expulse do seu palácio os pretendentes.

Disse-lhe em resposta o magnânimo Ulisses:

— Tu não pareces, boieiro, homem vil ou insensato; pelo contrário, vejo que o bom juízo rege a tua alma; por isso, vou dizer-te o seguinte com juramento solene: Sejam testemunhas Zeus, primeiramente, entre os imortais, e, depois, a mesa hospitaleira e o lar do irrepreensível Ulisses, a que cheguei, de que este, estando tu aqui, chegará a sua casa e, se quiseres, poderás com teus próprios olhos vê-lo matar os pretendentes, que dominam em seu palácio.

Replicou-lhe o boieiro:

— Oxalá, hóspede, o filho de Cronos executasse o que tu dizes! Então conhecerias a minha força e que braços tenho.

Eumeu rogou dum modo igual a todos os deuses que o prudente Ulisses tornasse a sua casa.

Tal era o colóquio que tinham entre si. Entre-

tanto, os pretendentes preparavam a morte a Telémaco e um infeliz destino. Mas uma ave, uma águia altaneira, aproximou-se deles pelo lado esquerdo, segurando uma tímida pomba. Então, Anfínomo dirigiu-lhes a palavra, dizendo:

— Este conselho, amigos, — a morte de Telémaco, — não será exequível. Pensemos antes em nosso festim.

Assim falou Anfínomo com agrado deles. E, entrando no palácio do divino Ulisses, depuseram os mantos sobre as cadeiras e tronos e começaram a imolar as melhores ovelhas e gordas cabras, bem como porcos cevados e uma bezerra da manada. Depois, assadas as entranhas, distribuíram-nas; e misturaram o vinho nas crateras, enquanto o porqueiro servia os copos. Filétio, chefe de pastores, ofereceu-lhes pão em belos cestos e Melântio deitou-lhes vinho. E eles estenderam as mãos para os manjares colocados à sua frente.

Mas Telémaco, com astutas intenções, fizera assentar Ulisses dentro da boa sala, junto da soleira de pedra, onde colocara um assento desprezível e uma pequena mesa; depois serviu-lhe parte das vísceras e deitou-lhe vinho num copo de oiro, dizendo estas palavras:

— Assenta-te agora aqui, entre os varões, a beber vinho. Eu próprio te defenderei dos insultos dos pretendentes e de suas mãos, pois que esta casa não é de todo o povo, é de Ulisses, que a adquiriu para mim. E vós, pretendentes, abstende-vos de ul-

---

22, *assento desprezível*. Deste lugar poderia Ulisses fàcilmente pôr-se a salvo, no caso de os pretendentes provocarem algum distúrbio.

trajes e de o ferir com as mãos, para que não se levante aqui uma discórdia e uma contenda.

Assim disse; e eles todos apertaram os lábios com os dentes, admirados da ousadia, com que Telémaco falava. Então Antínoo, filho de Eupites, disse-lhes assim:

— Aqueus, apesar de dura, acatemos a ordem que Telémaco ameaçadoramente nos intima, porque Zeus, filho de Cronos, assim o determinou; doutra sorte, já teríamos obrigado este sonoro arengador a estar em silêncio na sala.

Assim falou Antínoo; mas Telémaco não fazia caso de suas palavras.

Por este tempo, já os arautos tinham conduzido pela cidade a hecatombe consagrada aos deuses; e os Aqueus de longa cabeleira tinham-se reunido no sombrio bosque dedicado a Apolo, que acerta ao longe.

Os pretendentes, porém, depois de assarem as carnes exteriores e de as tirarem do lume, distribuíram as porções e celebraram um banquete magnífico. E os que serviam, puseram adiante de Ulisses uma porção igual às que eles próprios receberam, porque assim lhes ordenara Telémaco, o filho caro do divino Ulisses.

17-18, *que acerta ao longe*. São atributos de Apolo a lira e o arco. O deus, talvez antes de ser deus, foi músico e sagitário. A juízo de Midas, o flautista Pan era superior ao lírico Apolo. Este, irritado pela apreciação, serviu-se de argumentos que nada provam a favor da sua música: enxertou na cabeça do pobre rei e crítico imparcial umas orelhas de burro. Pelo arco, ninguém venceu Apolo; porque *acerta ao longe*, sem perder uma seta. Às frechadas certeiras de Apolo foram exterminados da terra os Ciclopes, a serpente Pitão, etc.

Mas Atena não deixou que os orgulhosos pretendentes se abstivessem de todo do insulto, que magoa o coração, a fim de que a dor penetrasse ainda mais na alma de Ulisses, filho de Laertes. Encontrava-se entre eles um varão hábil no crime, de nome Ctesipo, o qual habitava em Samos e, confiando em suas inumeráveis riquezas, pretendia a esposa de Ulisses, há muito ausente. Este, pois, disse aos orgulhosos pretendentes:

— Ouvi, pretendentes ilustres, o que vos quero dizer! O estrangeiro tem já há muito uma porção igual à nossa, como é razoável; pois não seria decoroso nem justo que fossem privados de sua parte os hóspedes de Telémaco, sejam quais forem os que cheguem a esta casa. Mas também eu quero prestar-lhe um obséquio de hospitalidade, para que, por sua vez, o ofereça em recompensa ao que lhe prepara o banho ou a alguma das escravas, que vivem no palácio do divino Ulisses.

Dito isto, arremessou contra ele, com sua forte mão, a pata dum boi, que tomou dum cesto; Ulisses, porém, afastando um pouco a cabeça, furtou-se ao arremesso; e a pata foi dar na sólida parede. Ulisses sorriu com imenso desdém. Mas Telémaco repreendeu a Ctesipo com estas palavras:

— Ctesipo, na verdade, foi melhor para ti não acertares no estrangeiro; ele evitou o golpe. Porque eu trespassar-te-ia com uma aguda lança; e, em vez do casamento, teu pai deveria tratar aqui do teu funeral. Ninguém, pois, nesta casa, se porte com insolência; porque eu, que era antes uma criança, compreendo agora e sei tudo o que é bom e o que é mau. Vejo, constrangido, que me são degolados os carneiros e consumido o meu vinho

e o meu pão; mas um homem só não pode resistir a muitos. Oh, não continueis a fazer-me tamanha perda, cessai de me ultrajar! Se me quereis matar agora com o bronze, eu aceito os golpes; seria muito melhor que eu morresse, do que ter sempre essas violências diante dos olhos: hóspedes espancados e escravas tratadas indignamente neste belo palácio.

Assim falou; e eles todos ficaram tranquilos e em silêncio. Por fim, disse Agelau, filho de Damastor:

— Ninguém se indigne, amigos, ou oponha contrários discursos ao que disse Telémaco com razão; nem tão-pouco espanqueis o hóspede ou algum dos escravos que servem no palácio do divino Ulisses. A Telémaco, porém, e a sua mãe diria uma palavra benévola, se isto agradasse ao ânimo de ambos. Enquanto no peito vosso coração alimentava esperanças de que o prudente Ulisses regressasse a sua casa, ninguém podia levar a mal que o esperásseis e que retivésseis os pretendentes no palácio; pois que esta era a melhor resolução, no caso de Ulisses voltar e entrar em sua casa. Mas agora é já evidente que ele não voltará mais. Por isso, assentando-te à beira de tua mãe, dize-lhe que se case com o varão que for mais ilustre e lhe fizer maior número de presentes, a fim de que tu, comendo e bebendo, te alegres de dominar sobre todo o teu património, enquanto ela cuida da casa de outrem.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Não, por Zeus, Agelau, e pelos sofrimentos de meu pai, que, morreu talvez longe de Ítaca ou anda errante. Eu não obsto às núpcias de minha mãe; pelo contrário, exorto-a a que se case com quem quiser e ofereço-lhe, além disso, infinitos dons; mas expulsá-la do palácio, contra vontade, por meio de

palavras violentas, disso tenho vergonha e um deus não o permita.

Assim falou; e Palas Atena fez que os pretendentes soltassem uma inextinguível gargalhada e perturbou-lhes a razão. Eles riam-se com estranhas faces e devoravam carnes sangrentas; os seus olhos marejaram-se de lágrimas e o coração pressagiava-lhes pranto. Então disse o deiforme Teoclímeno:

— Ah, infelizes! Que mal é esse que sofreis? Vossas cabeças, vossos rostos e joelhos envolveu-os a noite; um gemido ressoou; vossas faces banham-se de lágrimas e o sangue inunda as belas paredes e os intercolúnios. O vestíbulo e o pátio estão cheios de fantasmas, que descem para as trevas do Érebo; o Sol desapareceu no céu e desdobra-se uma horrenda escuridão.

Assim disse; e todos os pretendentes se riram dele a bom rir. Em seguida, Eurímaco, filho de Pólibo, começou a falar:

— Está doido o hóspede chegado há pouco dum país estranho. Mas, ó jovens, levai-o imediatamente para fora do palácio, para que vá à ágora, visto aqui parecer-lhe noite.

Replicou-lhe o deiforme Teoclímeno:

— Eurímaco, eu não te exorto a que me dês guias. Tenho olhos, ouvidos e dois pés e em meu peito o espírito está em perfeito estado, sem o mínimo transtorno. Com sua ajuda, eu sairei para fora, porque percebo que uma desgraça vem sobre vós,

---

5-6, *estranhas faces*. O riso que lhes contraía as faces era forçado, como de empréstimo, ou alugado de outras caras.

14, *trevas do Érebo*. É uma antevisão de sucessos que serão narrados na rapsódia XXIV.

à qual não poderá escapar nem evitá-la nenhum dos pretendentes que no palácio de Ulisses, semelhante a um deus, ultrajam os homens e maquinam iniquidades.

Dito isto, deixou a confortável casa e foi ter com Pireu, que, benévolo, lhe deu acolhimento. Então todos os pretendentes se puseram a olhar uns para os outros; e irritavam a Telémaco, escarnecendo dos seus hóspedes. Alguns daqueles jovens soberbos diziam assim:

— Telémaco, ninguém recebe piores hóspedes do que tu. Um é vagabundo, girando à cata de pão e vinho, não serve para trabalhar, nem tem nenhuma força, fardo inútil sobre a terra; e esse outro levantou-e a profetizar. Se quiseres seguir o meu conselho, eis o melhor que poderias fazer: lançar estes hóspedes numa nau de muitos bancos e levá-los para a Sicília, onde poderiam render-te algum lucro.

Assim falaram os pretendentes; mas Telémaco não fazia caso de suas palavras. Olhava em silêncio para seu pai, sempre à espera do momento, em que poria as mãos nesses desavergonhados.

A filha de Icário, a sensata Penélope, apoiando os cotovelos em seu belo trono, escutava o que na sala dizia cada um dos varões. Eles, rindo-se, tinham preparado um banquete agradável e delicioso, depois de sacrificarem muitas reses; mas nenhuma ceia seria mais triste do que aquela, que, em breve, a deusa e um poderoso varão lhes iam oferecer. Os primeiros que se conjuraram na maldade foram os pretendentes.

RAPSÓDIA XXI

A apresentação do arco

Atena, a deusa de olhos brilhantes, inspirou à filha de Icário, à sensata Penélope, a ideia de apresentar, no palácio de Ulisses, aos pretendentes o arco e o alvacento ferro, para a celebração do certame, que daria princípio ao morticínio. Ela subiu a alta escada de sua casa e tomou na mão uma chave de bronze, recurva e bem forjada, e o cabo de marfim. Depois dirigiu-se com as escravas à câmara mais retirada, onde se guardavam as preciosidades do rei, que eram bronze, oiro e ferro trabalhado com esmero.

Aí se encontrava também um retesável arco e um carcaz para as flechas, que tinha dentro muitos dardos dolorosos; oferta de seu amigo Ífito, filho de Éurito, semelhante aos imortais, por ocasião do encontro que tiveram em Lacedemónia. Estiveram ambos em casa do prudente Ortíloco, em Messena, onde Ulisses fora reclamar uma indemnização, de que lhe era devedor todo o povo; porque os Messénios haviam levado de Ítaca, em suas naus de muitos bancos, trezentos ovelhas com seus zagais.

Por esta causa, Ulisses, se bem que muito jovem, fizera essa longa viagem, na qualidade de embaixador, enviado por seu pai e pelos outros anciãos. Quanto a Ífito, esse fora em busca de doze éguas com seus irrequietos potros, ainda de leite: tinham-

---

17. *em Messena*. Território a que pertencia a cidade de Feras, onde esteve Telémaco, quando foi hóspede da casa que então era de Diocles, filho de Ortíloco, como já ficou dito neste poema.

-lhe desaparecido as éguas, e foram depois causa da sua morte, de seu funesto destino. Tendo ido ter com Heracles, o intrépido varão, filho de Zeus e realizador de grandes empreendimentos, este — cruel — matou-o em sua casa, apesar de ser seu hóspede, sem temor de vingança dos deuses, nem respeitar a mesa, a que o tinha recebido; e, depois de o ter assassinado, reteve em seu palácio as bestas de rijos cascos.

Ora, quando ele andava em procura destas, encontrou-se com Ulisses, a quem deu o arco, que antes usara o grande Éurito e que, após sua morte na alta casa, tinha legado a seu filho. De sua parte, Ulisses presenteou-o com uma cortante espada e uma forte lança — princípio de afectuosas relações de hospitalidade; nunca, porém, se reconheceram um ao outro, assentados à mesma mesa, porque primeiro o filho de Zeus matou a Ífito Eurítida, semelhante aos imortais, que dera o arco ao outro. O egrégio Ulisses, ao partir um dia para a guerra, nas escuras naves, não levou esse arco, mas deixou-o aí, no palácio, como recordação da hospitalidade. Enquanto esteve na pátria, Ulisses habituara-se a trazer este arco como arma predilecta.

A preclara mulher, quando chegou à câmara, subiu o limiar de carvalho, que outrora um carpinteiro polira hàbilmente e endireitara, por meio dum fio, e sobre o qual, depois, erguera as ombreiras e colocara a brilhante porta. Logo ela se apressou a desatar a correia do anel e, introduzindo a chave, fez correr os ferrolhos, que obedeceram prontamente. A bela porta, ao abrir, ressoou tanto como o mugido dum toiro a pastar num prado, e cedeu imediatamente.

Penélope subiu então ao alto estrado, onde estavam arcas com perfumados vestidos. E, estendendo o braço, tomou do prego o arco com o brilhante estojo, que o continha. Depois, assentando-se aí, pô-lo sobre os joelhos; e começou a chorar ruidosamente, enquanto tirava para fora o arco do rei. Mas, apenas se saciara de lacrimosos gemidos, dirigiu-se para a sala, para junto dos ilustres pretendentes, levando na mão o retesável arco e o carcaz para as flechas, que tinha dentro muitos dardos dolorosos. Juntamente com Penélope iam as escravas com uma caixa, onde se encerrava muito ferro e bronze, que eram os jogos do nobre rei.

Quando chegou perto dos pretendentes, a mulher preclara, que tinha as faces cobertas dum precioso véu, deteve-se, junto dum pilar do sólido tecto, com uma escrava diligente de cada lado. Dirigindo-se logo a eles, falou assim:

— Escutai-me, altivos pretendentes, que invadistes esta casa, para comer e beber sem interrupção, durante a longa ausência de meu esposo! Vós não podeis apresentar outro pretexto de vossa parte, a não ser o desejo de vos casar comigo e de me tomar por mulher. Ânimo, pois, que o prémio do combate está à vista! Quero apresentar-vos o grande arco do divino Ulisses; e àquele que, tomando-o nas mãos, o armar mais fàcilmente e fizer passar uma flecha através das doze segures, a esse

---

25, *está à vista*. Quem está à vista é Penélope, e bem adereçada para dar nas vistas e oferecer-se em prémio de combate.

28, *segures*. São machados. À diva Penélope não fica mal o *falar difícil*. Já que lhe não entendemos o

seguirei, abandonando esta conjugal casa, tão bela e abastada, da qual creio que me hei-de recordar até em sonhos.

Assim disse; e ordenou ao excelente porqueiro Eumeu que apresentasse aos pretendentes o arco e o alvacento ferro. Eumeu recebeu-o, chorando, e pô-lo no chão; o boieiro, no lugar onde estava, chorou também, ao ver o arco do seu senhor. Então increpou-os Antínoo com estas palavras:

— Parvos campónios que só pensais no dia de hoje! Porque chorais, miseráveis, e comoveis o coração no peito desta mulher, que aliás já o tem consumido pela dor, desde que perdeu seu esposo? Comei todos em silêncio, ou ide chorar lá para fora, deixando aqui o arco, instrumento da luta temerosa entre os pretendentes; pois creio que lhes há-de ser difícil armar este polido arco. Não existe entre todos quantos estão presentes um homem tal, como era Ulisses. Eu próprio o vi e lembro-me dele, apesar de ser ainda então uma criança ingénua.

Assim falou; todavia no peito seu coração esperava estender a corda e disparar uma flecha através do ferro. Mas ele era o primeiro que devia provar um dardo despedido pelas mãos do irrepreensível Ulisses, a quem ultrajava nesse momento, por permanecer no seu palácio e incitar todos os companheiros a isso.

---

grego, que ela fala pelos cotovelos, seja-lhe permitido um pouco de latim.

22, *estender a corda*. O arco, quando estava em repouso, tinha a corda fixa apenas a uma das suas pontas; mas, para se poder usar, era preciso curvá-lo e prendê-la à outra extremidade. Era isto o que se chamava *estender a corda* ou *armar o arco*.

Disse então o forte Telémaco:

— Ai, na verdade Zeus, filho de Cronos, transtornou-me o juízo! Minha mãe, ainda que discreta, diz que sairá desta casa, seguindo a outro homem; e, não obstante, rio-me e divirto-me na insensatez do meu coração, Ânimo, pretendentes, que o prémio do combate está à vista! Esta mulher não tem rival em terras de Acaia — nem na sacra Pilos, nem em Argos, nem em Micenas, nem aqui em Ítaca, ou nas terras negras do contingente. Vós próprios sabeis isto. Que necessidade tenho eu de elogiar minha mãe? Vamos! Não busqueis pretextos para adiar a luta, nem tardeis por mais tempo a armar o arco, para que vejamos vossas forças. Eu também farei prova dele; e se conseguir armá-lo e disparar um dardo através do furo, não sofrerei a dor de ver minha veneranda mãe sair deste palácio em companhia doutro homem, deixando aqui o filho, já capaz de vencer nos excelentes concursos, como seu pai.

Disse; e, pondo-se de pé com ímpeto, tirou dos ombros o purpúreo manto e a cortante espada. Depois começou por colocar os machados, tendo aberto um comprido sulco para eles, que endireitou por meio dum fio, e calcando a terra em volta de cada um. E todos estavam admirados e ao ver como os dispunha em tão boa ordem, apesar de ele nunca antes ter visto estes jogos. Em seguida, foi pôr-se no limiar da porta e fez prova do arco. Três vezes o agitou com violência, puxando-a a si, na ânsia de o armar; e outras três desistiu da tentativa, sem contudo, em seu coração, perder a esperança de estender a corda e de disparar um dardo através do furo. À quarta vez, tê-lo-ia armado, se puxasse com

força; mas Ulisses, por meio dum sinal, conteve seu desejo. Então disse o forte Telémaco:

— Ai! ou devo ser no futuro um homem incapaz e sem força, ou sou ainda muito jovem e não posso confiar em meus braços, para me defender do varão que me tratar mal! Mas vós, que sois mais fortes do que eu, fazei prova do arco e terminemos com a luta.

Dito isto, colocou o arco no chão, longe de si, encostando-o ao bem polido e ajustado batente da porta; e a veloz flecha deixou-a no mesmo sítio, apoiando-a contra o anel; depois foi assentar-se de novo na cadeira, donde se levantara.

Antínoo, filho de Eupites, disse em seguida:

— Levantai-vos todos, companheiros, cada um por sua vez, começando da esquerda para a direita, do lugar, onde se principia a deitar o vinho.

Assim falou Antínoo, com aprovação dos outros. O primeiro a levantar-se foi Liodes, filho de Énopo, que era seu arúspice e se assentava sempre junto da bela cratera, na parte mais interior da sala. Só este aborrecia as iniquidades e se indignava contra todos os pretendentes. Ele, pois, foi o primeiro que então tomou o arco com a veloz flecha. Em seguida, foi pôr-se no limiar da porta e fez prova do arco; mas não pôde armá-lo, porque primeiro fatigaram-se suas mãos macias e delicadas, a puxar por ele. Por isso, disse aos pretendentes:

— Amigos, eu não posso armá-lo. Outro que o tome! Este arco privará muitos nobres do ânimo e da vida, pois que é preferível a morte a vivermos, sem alcançar aquilo, por cuja causa nos reuníamos aqui sempre, esperando todos os dias. Agora cada um espera em seu coração e deseja casar-se

com Penélope, a esposa de Ulisses; mas, logo que fizer prova do arco e vir a dificuldade, vá procurar outra das Aqueias de belo peplo e pretenda-a com dádivas; que esta casar-se-á com quem lhe der mais presentes e estiver designado pelo destino.

Assim falou; e pôs o arco longe de si, encostando-o ao bem polido e ajustado batente da porta; e a veloz flecha deixou-a no mesmo sítio, apoiando-a contra o anel; depois foi assentar-se de novo na cadeira, donde se levantara. Mas Antínoo increpou-o, dizendo:

— Liodes, que palavra terrível e molesta te saiu do cerco dos dentes! Tu enches-me de indignação, dizendo que este arco privará os nobres do ânimo e da vida, só por tu não o poderes armar. Porcerto, tua veneranda mãe não te deu à luz, para esticares o arco e disparares flechas; mas outros ilustres pretendentes depressa o armarão.

Assim disse; e ao cabreiro Melântio deu esta ordem:

— Eia, Melântio, acende o lume na sala e coloca-lhe ao pé uma cadeira grande, com um velo por cima; depois vai buscar uma grande roda de cebo, que está lá dentro, para que nós, os jovens, aquecendo o arco e untando-o com gordura, façamos prova dele e terminemos a luta.

Assim falou; e logo Melântio acendeu o infatigável lume, e, trazendo uma cadeira com um velo por cima, colocou-lha ao pé; depois foi buscar uma grande roda de cebo, que estava lá dentro. E os jovens, untando o arco e aquecendo-o, faziam prova dele; não podiam, porém, armá-lo, porque tinham pouca força para isso. Entretanto, Antínoo e o deiforme Eurímaco, que eram os chefes dos pre-

tendentes e os mais fortes de todos, esperavam a sua vez.

Neste momento, o boieiro e o porqueiro do divino Ulisses saíram juntos da casa, atrás dos quais este seguiu também. Mas, quando tinham chegado fora da porta e atravessado o pátio, o egrégio Ulisses, dirigindo-se aos dois, disse estas brandas palavras:

— Boieiro e tu, porqueiro! Eu queria dizer-vos uma palavra. Ou devo talvez ocultá-la? Mas o coração incita-me a que fale. Estaríeis dispostos a ajudar Ulisses, se de repente chegasse de algures, trazido por um deus? Tomaríeis, neste caso, o partido dos pretendentes ou o de Ulisses? Falai, conforme o coração e o ânimo vos inspira.

Replicou-lhe o boieiro:

— Pai Zeus, oxalá realizasses este meu desejo: que voltasse aquele varão, conduzido por uma divindade! Conhecerias então qual é a minha força e que braços tenho.

Eumeu suplicou, do mesmo modo, a todos os deuses que o prudente Ulisses regressasse a casa. Quando ele conheceu que a amizade dos dois era sincera, dirigindo-lhes de novo a palavra, disse:

— Eu, que vós vedes aqui, sou Ulisses em pessoa, que, depois de sofrer muitos trabalhos, chego no vigésimo ano à terra pátria. Conheço que, entre os meus escravos, só vós desejais a minha volta, pois não ouvi dizer que algum dos outros fizesse votos pelo meu regresso a casa. Vou declarar-vos como verdadeiramente vos tratarei. Se um deus subjugar por minhas mãos os ilustres pretendentes, darei a cada um de vós sua mulher, fazenda e uma bem construída casa ao pé da minha; e, no futuro, sereis para mim como companheiros e irmãos de

Telémaco. E agora vou mostrar-vos um sinal muito evidente, para que me reconheçais e se convença vosso coração: é a cicatriz da ferida que outrora um javali me fez com seu alvo dente, quando fui ao Parnaso com os filhos de Autólico.

Dito isto, afastou os farrapos da grande cicatriz. E eles, depois que a viram e a reconheceram bem, lançaram, chorando, os braços em volta do prudente Ulisses e deram-lhe as boa-vindas, beijando-lhe a cabeça e os ombros. Ulisses, de sua parte, beijou-lhes igualmente a cabeça e as mãos. E deixá-los-ia à luz do Sol entregues ao pranto, se Ulisses não os detivesse, dizendo:

— Ponde termo a vossas lágrimas e suspiros, não suceda que alguém saia da sala e, vendo-vos, vá contar tudo lá dentro. Entrai um depois do outro; não entremos todos ao mesmo tempo: primeiro eu e depois vós. O que vou dizer, tomai-o como um sinal. Todos os que são pretendentes ilustres não hão-de consentir que me dêem o arco e o carcaz; mas tu, exímio Eumeu, depois de o trazeres para casa, põe-mo nas mãos e dize às mulheres que fechem sòlidamente ajustadas as portas da sala; e que, se alguma delas ouvir gemidos ou brados dentro do recinto dos homens, não saia para fora; continue aí, em silêncio, entregue a seus afazeres. Quanto a ti, ilustre Filétio, incumbo-te de fechar as portas do pátio com o ferrolho e de segurar este ràpidamente com uma corda.

Dito isto, o divino Ulisses entrou no confortável palácio e foi assentar-se na cadeira, donde se levantara. Depois seguiram-no ambos os escravos.

A este tempo já Eurímaco movia o arco entre suas mãos, aquecendo-o, ora dum lado ora doutro,

à chama do lume. Mas não podia armá-lo e suspirava com grande pena de seu nobre coração. Por fim, indignado, pronunciou estas palavras:

— Ai! Que pesar eu sinto por causa de mim próprio e de vós todos! Mas, se bem que me aflija, não é tanto por causa das núpcias (há muitas outras Aqueias em Ítaca, rodeada pelas ondas, e nas restantes cidades) como por sermos em força tão inferiores a Ulisses, semelhante a um deus; pois não podemos armar o arco — opróbrio que conhecerão também os vindouros.

Replicou-lhe Antínoo, filho de Eupites:

— Eurímaco, não será assim; tu próprio o compreendes. Hoje, em que pela terra se festeja a sagrada festa do deus, quem poderia armar o arco? Deponhamo-lo e descansemos. Os machados podem ficar todos onde estão, pois não creio que os leve alguém que venha ao palácio de Ulisses, filho de Laertes. O copeiro deite as primícias nos copos, para fazermos a libação e deixemos o curvo arco. E ordenai ao cabreiro Melântio que, de madrugada, nos traga as melhores cabras de todos os rebanhos, para que, depois de sacrificarmos as coxas a Apolo, célebre no arco, façamos prova deste e terminaremos a luta.

Assim disse Antínoo com aprovação de todos. E os arautos deitaram-lhes água nas mãos e os servos encheram de bebida as crateras até às bordas, que distribuíram a todos, deitando primeiro nos copos as primícias, para libarem. Quando, porém, tinham feito a libação e bebido tanto quanto a vontade deles quis, o refolhado Ulisses, meditando enganos, falou-lhes assim:

— Escutai-me, pretendentes da ilustre rainha,

para que vos declare o que no peito o coração me incita a dizer-vos. Rogo sobretudo a Eurímaco e ao deiforme Antínoo, cujas palavras foram oportunas, que deixem hoje o arco e voltem a atenção para os deuses; amanhã uma divindade dará a vitória a quem lhe aprouver. Mas entregai-me o bem polido arco, para que entre vós faça prova dos meus braços e da minha força. Quero saber se ainda possuo o vigor que outrora tinha em meus flexíveis membros, ou se mo levaram a vida errante e as privações que sofri.

Assim disse; e todos se indignaram com veemência, temendo que armasse o bem polido arco. Então increpou-o Antínoo, dizendo:

— Ah, miserável estrangeiro! Tu não tens nem sombra de juízo. Não te basta comer em paz entre nós, pretendentes ilustres, sem seres privado de nenhuma iguaria, e ouvires as nossas conversas e tudo o que se diz, o que não escuta outro estrangeiro ou mendigo? Transtornou-te o melífluo vinho, que faz mal a todos que o tomam com avidez e não bebem moderadamente.

Ele transtornou também a cabeça ao Centauro, ao ilustre Eurítion, no palácio do magnânimo Pirítoo, quando foi ao país dos Lapitas. E, apenas o vinho lhe ofuscou o juízo, cometeu, em sua embriaguez, criminosas acções na casa de Pirítoo; pelo que os heróis, indignados, lançaram-se sobre ele e, arrastando-o para a porta, através do vestíbulo, cortaram-lhe as orelhas e o nariz com o bronze cruel; e ele foi-se com o espírito perturbado, sofrendo no louco coração o castigo de sua culpa. Do facto originou-se a contenda entre os Centauros e os homens, sendo este o primeiro que sobre si pró-

prio atraiu a desgraça, quando estava pesado do vinho.

Assim também te anuncio uma grande desgraça, se armares este arco: pois que entre nosso povo ninguém te será benévolo, enviar-te-emos, sem demora, numa escura nau ao rei Équeto, flagelo de todos os mortais, do qual não escaparás com vida. Bebe, portanto, descansado e não queiras rivalizar com homens mais jovens do que tu.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

— Antínoo, não é decoroso nem justo ultrajar os hóspedes de Telémaco, que cheguem a este palácio. Julgas porventura, que, se o hóspede, confiando na força de seus braços, armasse o grande arco de Ulisses, me levaria para sua casa e me tomaria por mulher? Certamente em seu peito não alimenta tais esperanças. Que, por sua causa, nenhum de vós se banqueteie aqui de coração triste, pois não há razão para isso.

Eurímaco, filho de Pólibo, respondeu-lhe:

— Filha de Icário, sensata Penélope! Nós não acreditamos que este te leve, nem seria bom pensar nisso; envergonhamo-nos, porém, das más línguas dos homens e das mulheres e tememos que algum Aqueu, inferior a nós, diga: «Os homens que pretendem a esposa dum varão irrepreensível não têm nenhuma força e não podem sequer armar o seu bem polido arco; mas um outro, um mendigo, que chegou errante, armou-o com toda a facilidade e atravessou o ferro». Assim se dirá; e isto será um opróbrio para nós.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

— Eurímaco, não é possível que nesta terra gozem de boa fama aqueles que devoram desavergo-

nhadamente a casa dum varão ilustre. Porque olhais então como um opróbrio o que se possa dizer? Este hóspede é grande e de constituição robusta e orgulha-se de ser filho dum homem de nobre linhagem. Dai-lhe, pois, o bem polido arco, para que vejamos suas posses. O que vou dizer há-de cumprir-se. Se ele o armar e Apolo lhe der esta glória, presenteá-lo-ei com belos vestidos, um manto e uma túnica, além dum agudo venábulo, para se defender dos cães e dos homens, uma espada de dois gumes e sandálias para os pés; depois reenviá-lo-ei, para onde o seu coração e o seu desejo reclamarem.

O prudente Telémaco respondeu-lhe:

— Minha mãe, nenhum dos Aqueus é superior a mim: eu posso dar ou recusar o arco a quem quiser; quantos dominam na rude Ítaca ou nas ilhas de Élide, de bom pasto para cavalos, nenhum deles poderia constranger a minha vontade, até se eu quisesse, sem condição alguma, dar este arco ao hóspede, para o levar consigo. Recolhe-te à tua câmara e trata dos lavores próprios de ti, do tear e da roca, e ordena às escravas que vão para o trabalho; do arco ocupar-se-ão todos os homens, sobretudo eu, que sou quem governa em casa.

Ela, admirada, voltou para o andar superior da casa, tendo calado em seu coração a prudente palavra do filho. E, depois que em companhia das escravas subiu ao seu aposento, pôs-se a carpir sobre Ulisses, o esposo querido, até que Atena de olhos brilhantes lhe difundiu nas pálpebras o doce sono.

Entretanto o exímio porqueiro levava consigo o curvo arco; mas os pretendentes começaram todos

na sala a gritar-lhe em tom ameaçador; e alguns daqueles jovens soberbos diziam assim:

— Para onde levas, ó infeliz e demente porqueiro, esse curvo arco? Dentro em pouco, ao pé de teus porcos, solitário e longe dos homens, te devorarão os ligeiros cães, que tu criaste, se Apolo e os outros deuses imortais nos são propícios.

Assim diziam; e ele foi pôr o arco no mesmo sítio, assustado, por serem muitos os que lhe gritavam na sala. Telémaco, porém, ameaçou-o do outro lado, bradando:

— Paizinho, avante com o arco! Verás já que não é bom obedecer a todos. Teme que eu, apesar de mais jovem, te expulse para o campo às pedradas, visto ser mais forte que tu. Oxalá excedesse tanto em força de braços a todos os pretendentes, que estão em casa! Sem demora, os lançaria de maneira horrível do palácio, por causa das maldades que maquinam.

Assim disse; e todos os pretendentes se riram dele com vontade e depuseram sua violenta cólera contra Telémaco. Mas o porqueiro levou o arco através da sala e, aproximando-se do prudente Ulisses, pô-lo em suas mãos. Depois chamou a ama Euricleia e disse-lhe:

— Telémaco manda, prudente Euricleia, que feches sòlidamente ajustadas as portas da sala; e que, se alguma das mulheres ouvir gemidos ou ruído dentro do recinto dos homens, não saia para fora; continue aí, em silêncio, entregue a seu lavor.

Assim disse; e Euricleia, que não deixou que suas palavras se perdessem, foi fechar as portas da confortável sala.

Por seu turno; Filétio, sem dizer palavra, saiu

precipitadamente de casa e fechou as portas do bem cercado pátio. Ligou-as com um cabo de papiro, aparelho de nau movida a remos de ambos os lados, que estava debaixo do pórtico; em seguida, voltou para dentro e foi assentar-se na cadeira, donde se levantara, não afastando de Ulisses os olhos. Este já então manejava o arco e voltava-o em todos os sentidos, provando-o, ora dum lado, ora doutro, com receio de que a carcoma tivesse roido os chifres, durante a ausência do senhor. E alguns diziam assim, olhando para o seu vizinho:

— O homem, certamente, é conhecedor de arcos e perito no seu manejo. Talvez esse birbante tenha em sua casa outros iguais, ou tencione fabricá-los, atendendo à maneira como move dum lado para outro o que tem entre as mãos.

Outros daqueles jovens soberbos diziam:

— Quem dera que o miserável tivesse tanta sorte na vida, como há-de tê-la em armar o arco!

Assim falavam os pretendentes; mas o cauteloso Ulisses, apenas tomou e inspeccionou em todos os sentidos o grande arco, armou-o sem custo algum — tão fàcilmente como um hábil citarista ou um cantor estende a corda com uma cravelha nova, depois de prender de ambos os lados a bem torcida tripa de ovelha. Acto contínuo, tomando com a mão direita a corda, fez prova dela, que dava um belo som, semelhante à voz da andorinha. Os pretendentes, porém, sentiram grande mágoa e mudaram todos de cor. E eis que então Zeus manifestou um presságio, fazendo ribombar fortemente o

---

10, *chifres*. Tal a matéria de que eram feitos os arcos dos heróis de Homero.

trovão; e o paciente e egrégio Ulisses regozijou-se de que o astuto filho de Cronos lhe enviasse aquele bom sinal.

Tomou logo uma flecha veloz, que estava sobre a mesa, ao lado, fora do carcaz (as outras, que em breve os Aqueus iam provar, encontravam-se dentro dele); e, segurando-a sobre a curvatura, puxou a corda e o entalhe e dali, donde estava assentado, com pontaria certeira disparou o dardo, que não errou nenhum dos machados, desde o orifício do primeiro: a seta, que o bronze fazia pesada, passou através de todos e foi sair pelo último. Depois disse Ulisses a Telémaco:

— Telémaco, o hóspede que tens em casa não te envergonha: não errei o alvo, nem tive muito trabalho para armar o arco. Em mim ainda existem forças de reserva; e não sou como os pretendentes me julgavam, em seu desprezo. Mas já é tempo, antes que venha a noite, de preparar aos Aqueus a ceia; e de eles se divertirem, em seguida, doutro modo — com o canto e a cítara, que são os enfeites do banquete.

Disse; e fez um sinal com as sobrancelhas. Telémaco, então, o filho caro do divino Ulisses, cingiu a cortante espada e, tomando a lança na mão, pôs-se de pé, armado com o reluzente bronze, junto da cadeira de seu pai.

7, *curvatura*. Ponta de junção dos chifres.

8, *entalhe*. Cavidade na ponta inferior da seta que se apoiava no arco.

RAPSÓDIA XXII

Morticínio dos pretendentes

O decidido Ulisses despojou-se logo de seus andrajos e, saltando para o grande limiar da porta com o arco e o carcaz cheio de flechas, colocou a seus pés os ligeiros dardos e disse aos pretendentes:

— Já está terminada a luta temerosa; agora vou mirar a outro alvo, ao qual ainda nenhum atirou; quero ver se lhe acerto e se Apolo me dá esta glória.

Disse; e dirigiu a amarga flecha para Antínoo.

Ora este ia levantar uma bela taça de oiro, com duas asas, que tinha já entre as mãos, para beber vinho, sem em seu espírito se preocupar com a morte. Quem poderia pensar que, entre tantos convivas, um só homem, ainda que fosse muito valente, lhe daria funesta morte e negro destino? Ulisses, pois, acertando-lhe, feriu-o com o dardo na garganta e a ponta atravessou-lhe, de parte a parte, o macio pescoço. Antínoo tombou para o lado e o copo caiu-lhe das mãos, ao ser atingido; imediatamente um espesso jorro de sangue brotou-lhe do nariz; e logo dando na mesa com o pé, repeliu-a de si e os alimentos espalharam-se pelo chão, estragando-se muito pão e fartura de carne assada.

Os pretendentes, ao verem o homem tombar, levantaram-se aterrados das cadeiras e correram em tumulto pela sala e olhavam em volta, percorrendo com os olhos as fortes paredes na ânsia de uma arma; mas não estava em nenhuma parte suspenso um escudo ou uma forte lança, a que pudessem

---

2, *porta* principal da sala, que dava para o pátio.

deitar mão. E increpavam a Ulisses com palavras coléricas:

— Mal fazes, estrangeiro, em ferir os homens com flechas. Não tomarás parte em nenhuma luta mais: agora tens certa uma terrível morte, porque acabaste de matar o varão mais ilustre entre os jovens de Ítaca; por isso os abutres hão-de comer-te aqui.

Isto dizia cada um dos pretendentes, julgando que matara o homem sem querer. E os loucos não pensavam que a ruína impendia sobre todos eles! Olhando-os de soslaio, replicou-lhes o terrível Ulisses:

— Ah, cães! Vós não acreditáveis que eu voltasse da região dos Troianos à pátria; e, por isso, arruináveis minha casa, fazíeis violências às escravas e, estando eu vivo, pretendíeis-me a esposa, sem temer os deuses, moradores do vasto céu nem, no futuro, a indignação dos homens. Mas agora a ruína impende sobre todos vós.

Assim disse; e o pálido medo apoderou-se deles todos: cada um olhava em redor, procurando por onde escapar à terrível morte. Eurímaco foi o único que lhe disse em resposta:

— Se és na verdade o itacense Ulisses, que regressou, tens razão para falar nos muitos crimes cometidos pelos Aqueus em teu palácio e no campo. Mas Antínoo, que era o culpado de tudo, já está estendido no chão. Ele levava as coisas por este caminho, não por necessidade ou desejo de se casar, mas por ter conhecido piores desígnios, os quais o filho de Cronos não lhe levou a cabo: reinar na cidade bem construída de Ítaca e matar de emboscada a teu filho. Este, pois, foi morto com justiça,

mas a nós, teus cidadãos, poupa-nos a vida. Indemnizar-te-emos, à custa do povo, de quanto se bebeu e comeu em teu palácio, trazendo-te cada um separadamente o preço de vinte bois; e dar-te-emos bronze e oiro, até que esteja satisfeito o teu coração. Antes disso, ninguém pode censurar que estejas irado.

Olhando-o de soslaio, replicou-lhe o reconcentrado Ulisses:

— Eurímaco, ainda que me désseis todo o património, que actualmente possuís e lhe ajuntásseis bens doutra qualquer proveniência, nem mesmo assim minhas mãos se absteriam de vos dar a morte, vingando-me de todos os excessos dos pretendentes. Tendes neste momento duas soluções diante de vós: combater ou fugir, se algum puder escapar à morte e ao destino. Mas creio que nenhum de vós evitará uma terrível morte.

Assim disse; e a eles desfaleceram-lhes os joelhos e o coração. Eurímaco voltou de novo a falar:

— Amigos, este homem, certamente, não conterá suas temíveis mãos; mas, depois que tomou o bem polido arco e o carcaz, disparará, da lisa soleira, até nos ter matado a todos. Por isso, pensemos no combate. Desembainhemos as espadas e façamos das mesas escudo contra seus dardos, que dão rápida morte. Lancemo-nos todos juntos contra ele, tentando repeli-lo da soleira e da porta; depois, sem perda de tempo, levantemos a cidade em tumulto. Desta maneira, o homem disparará em breve o último dardo.

Dito isto, desembainhou a cortante espada, de bronze e de duplo fio, e lançou-se contra o egrégio Ulisses, gritando horrìvelmente. Mas este, des-

pediu uma flecha, no mesmo instante, que o feriu no peito, abaixo do mamilo, indo rapidíssima cravar-se-lhe no fígado. A espada de Eurímaco caiu no solo e ele, batendo na mesa, baqueou com esta no chão, formando um arco; e os manjares derramaram-se pelo pavimento juntamente com um copo duplo. O homem chorou na terra com a fronte, e seu espírito estava em agonia: e, estrebuchando, deu com ambos os pés na cadeira; por fim, sobre seus olhos difundiram-se as trevas.

Anfínomo também avançou com ímpeto contra o glorioso Ulisses, depois de desembainhar a cortante espada, para ver se por algum meio o faria retirar da porta. Telémaco, porém, antecipou-se e feriu-o atrás, entre os ombros, com a brônzea lança, que lhe atravessou o peito; e ele caiu com estrondo, dando em cheio com a fronte no solo. Retirou-se logo Telémaco, deixando a comprida lança ensopada em Anfímono, pois tinha grande receio de que, enquanto a arrancava, algum dos Aqueus se lançasse contra ele e o ferisse com a ponta da espada ou o talhasse com o fio da mesma, ao inclinar-se. Por isso correu e alcançou depressa o lugar onde estava seu pai, junto do qual parando, disse estas rápidas palavras:

— Meu pai, vou buscar-te imediatamente um escudo, duas lanças e um elmo de bronze, que se adapte às tuas fontes; e de caminho armar-me-ei eu próprio e darei também armas ao porqueiro e ao boieiro, porque é melhor que estejamos armados.

Disse-lhe em resposta o solerte Ulisses:

— Corre e trá-las, enquanto tenho flechas para me defender; temo que, ficando só, me repilam da porta.

Assim disse; e Telémaco, obediente a seu pai, foi à câmara, onde estavam as armas excelentes. Tomou daí quatro escudos, oito lanças e quatro elmos de bronze com espessas crinas de cavalo e correu para junto de seu pai. Primeiro cobriu-se com o bronze e os dois escravos vestiram-se do mesmo modo com as belas armaduras; depois foram colocar-se junto de Ulisses, prudente e ardiloso. Este, enquanto teve flechas para se defender, não cessava, em sua casa, de apontar e de ferir, um a um, os pretendentes, que iam caindo uns ao pé dos outros. Mas, quando as esgotou, à força de disparar, então encostou o arco a um poste da sala-fortaleza, junto da grande parede da entrada, deitou em volta dos ombros um escudo de quatro peles de boi, pôs na robusta cabeça um rijo elmo, cujo penacho era uma cauda de cavalo, que se agitava terrìvelmente, e lançou mão de duas fortes lanças guarnecidas de bronze.

Havia na parede bem construída uma porta, cujo limiar estava muito acima da sala grande; dava passagem para uma viela, mas no momento encontrava-se fechada como uma porta muito justa. Ulisses mandou ao exímio porqueiro que estivesse de pé, junto dela, a guardá-la, pois era o único caminho para o exterior. Agelau, dirigindo então a todos a palavra, disse:

— Não poderia, amigos, alguém subir a esta porta e ir falar aos cidadãos e clamar, sem a mínima perda de tempo? Assim este homem dispararia, em breve, pela última vez.

Respondeu-lhe o cabreiro Melântio:

— Não é possível, Agelau, aluno de Zeus; porque a bela porta do pátio está muito perto e a saída

da viela é difícil. Um só homem, que fosse valente, poderia deter-nos a todos. Mas eu vou trazer-vos da câmara armas para vos armardes, pois creio que foi ali, não noutra parte, que Ulisses e seu preclaro filho as colocaram.

Dito isto, o cabreiro Melântio foi à câmara de Ulisses, por uma das estreitas aberturas da sala. Tirou daí doze escudos e outras tantas lanças e elmos de bronze, com espessas crinas de cavalo; e, voltando com as armas, entregou-as logo aos pretendentes. Desfaleceram então os joelhos e o coração de Ulisses, ao vê-los porem as armaduras e brandirem as compridas lanças; porque pareceu-lhe que a luta seria terrível. Imediatamente disse a Telémaco estas rápidas palavras:

— Telémaco, sem dúvida, alguma das mulheres do palácio ou Melântio excita contra nós uma funesta luta.

Replicou-lhe o prudente Telémaco:

— Meu pai, ninguém teve a culpa senão eu, que deixei aberta a porta da câmara, que por sinal fecha muito bem. Quem me espiou foi mais astuto do que eu. Vai, excelente Eumeu, fechar a porta e vê se sabes se foi alguma das mulheres que a abriu, ou se foi Melântio, filho de Dólio, como suponho.

Tal era o colóquio que tinham entre si. Mas o cabreiro Melântio voltou de novo à câmara, a buscar as esplêndidas armas. O exímio porqueiro, notando-o, interrogou logo a Ulisses, que estava a seu lado:

— Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses, fecundo em recursos! Aquele homem funesto, de quem suspeitávamos, volta de novo à câmara. Dize-me claramente se devo matá-lo, caso seja mais

forte que ele, ou trazer-to aqui, para que expie os muitos excessos, que praticou em tua casa.

Disse-lhe em resposta o feroz Ulisses:

— Eu e Telémaco conteremos os pretendentes nobres dentro da sala, não obstante o seu grande ardor. Tomai vós conta de este; atai-o de pés e mãos atrás das costas, lançai-o na câmara e cerrai a porta depois; atai-lhe a seguir uma torcida corda e içai-o por uma alta coluna, fazendo-o aproximar das vigas, para que, durante muito tempo, se conserve vivo e padeça terríveis dores.

Assim disse; e eles ouviram-no e, obedientes à sua ordem, foram para a câmara, sem que Melântio, que estava dentro, os percebesse. Este andava, no fundo da estância, em busca de armas; entretanto, esperavam-no os dois, postados junto das ombreiras da porta, um de cada banda.

Logo que o cabreiro Melântio transpôs o limiar com um magnífico elmo numa das mãos e na outra com um largo escudo, velho e sujo do pó, que o herói Laertes usava na juventude e que então jazia ali com as costuras das correias desapertadas, — nesse momento lançaram-se os dois sobre ele e, prendendo-o, arrastaram-no pelos cabelos para o interior da câmara; ali arrojaram contra o solo o cabreiro de ânimo aflito, ligaram-lhe pés e mãos com um apertado laço, depois de lhe terem repuxado os pés e mãos para trás das costas, como particularmente lhes ordenara o filho de Laertes, o divino Ulisses; ataram-lhe a seguir uma torcida corda e içaram-no perto de uma alta coluna, fazendo-o aproximar das vigas. Então, tu, porqueiro Eumeu, escarnecias dele, dizendo:

— Agora passarás aí toda a noite, Melântio, dei-

tado nessa macia cama, como tu mereces; e não te passará despercebida a madrugadora Aurora de áureo trono, que sai das correntes do Oceano à hora, em que costumavas trazer ao palácio as cabras, para os pretendentes prepararem a refeição.

Assim ficou Melântio, bem cingido com o laço funesto; os outros, vestidas as armas e depois de fecharem a brilhante porta, foram para junto do prudente e astucioso Ulisses. Ali estavam todos de pé, respirando ardor: os quatro, sobre a soleira da porta, e dentro da sala os outros, numerosos e valentes. Nisto, aproximou-se deles Atena, a filha de Zeus, semelhante a Mentor na figura e na voz, a cuja vista se alegrou Ulisses e dirigiu-lhe a palavra:

— Mentor, afasta de nós a desgraça e lembra-te do teu companheiro, que te prestou serviços! Tu és da mesma idade que eu.

Assim falou, convencido, não obstante, de que era Atena, que incita os guerreiros. Mas, do outro lado, os pretendentes gritavam na sala em tom ameaçador. O primeiro que a apostrofou foi Agelau, filho de Damastor:

— Mentor, não te deixes convencer pelas palavras de Ulisses a lutar contra os pretendentes e a auxiliá-lo a ele. Penso que se há-de cumprir este nosso plano: logo que nós tivermos matado aos dois, ao pai e ao filho, também perecerás em seguida, por causa do que pretendes fazer na sala; tu hás-de pagá-lo com tua própria cabeça. E, quando com o bronze vos tivermos tirado a vida, todas as riquezas, que tens dentro e fora do palácio, misturá-las-emos com as de Ulisses e não permitiremos que teus filhos e tuas filhas vivam em casa, nem que tua fiel esposa ande pela cidade de Ítaca.

Assim disse; e Atena, ainda mais indignada em seu coração, increpou a Ulisses com palavras violentas:

— Já não existe em ti, Ulisses, a audácia e a força, com que de contínuo, durante um novénio, combateste contra os Troianos por Helena de níveos braços, filha de nobre pai, matando na refrega terrível muitos varões e aconselhando a tomada da cidade de Príamo de muitas ruas. Como, pois, agora, chegado a tua casa e junto de tuas possessões, te repugna ser forte contra os pretendentes? Eia! Vem para aqui, amigo! Coloca-te ao meu lado e vê minhas proezas, para que saibas como se porta Mentor Alcimedes contra teus adversários, em recompensa dos favores que lhe fizeste.

Disse; mas não lhe deu uma vitória inteiramente decisiva; ela queria ainda pôr à prova a força e o valor de Ulisses e de seu filho glorioso. E, levantando-se como uma andorinha, foi colocar-se no tecto da defumada sala.

Entretanto os pretendentes eram incitados por Agelau, filho de Damastor, por Eurínomo, Anfimedonte, Demoptólemo, Pisandro, filho de Políctor, e pelo prudente Pólibo, que eram os que mais se distinguiam por sua bravura, entre quantos viviam ainda e lutavam por suas vidas; os outros trespassara-os já o arco com as numerosas flechas. Dirigindo a palavra a todos eles, disse Agelau:

— Este homem, amigos, conterá suas fortes mãos, agora que Mentor se foi, depois de proferir vãs fanfarronices; e eles ficaram sós na soleira da porta. Por isso, não apontemos todos ao mesmo tempo as compridas lanças; mas dardejai-os primeiramente vós seis, a ver se Zeus permite que fira-

mos Ulisses e alcancemos glória. Quanto aos outros, não vos dêem cuidado, depois de ter este caído.

Assim disse; e eles, com grande ímpeto dardejaram todos, conforme lhes ordenara; Atena, porém, frustou-lhes os golpes. Um bateu num pilar da grande sala; outro na porta bem ajustada; e a fraxínea haste, guarnecida de bronze, de outro foi espetar-se na parede. Depois de se livrarem das lanças dos pretendentes, começou o paciente e egrégio Ulisses a falar aos seus:

— Amigos, agora vos ordeno eu: atiremos as lanças contra a turba dos pretendentes, que desejam matar-nos, depois dos seus reiterados crimes.

Assim disse; e todos eles arremessaram as lanças ponteagudas na direcção precisa. Ulisses matou a Demoptólemo, Telémaco a Eurídades, o porqueiro a Élato e o boieiro a Pisandro. Estes morderam todos, ao mesmo tempo, o largo chão, enquanto os outros pretendentes recuaram para o fundo da sala. Ulisses e os seus foram, numa corrida, arrancar as lanças atravessadas nos cadáveres.

De novo, com reforçado ímpeto, os pretendentes arremessaram as lanças ponteagudas; Atena, porém, frustrou-lhes os golpes. Uma bateu num pilar da grande sala; outra na porta bem ajustada; e a fraxínea haste guarnecida de bronze foi cravar-se na parede. Anfimedonte feriu ligeiramente a Telémaco no pulso, tendo-lhe o bronze levado apenas a epiderme. E Ctesipo arranhou com sua comprida lança o ombro de Eumeu, por cima do escudo; mas ela voou para a frente e foi cair no chão.

Outra vez o prudente e astucioso Ulisses e os seus companheiros arremessaram as lanças pon-

teagudas contra a turba dos pretendente. Então Ulisses, o assolador de cidades, feriu Eurídamante, Telémaco a Anfimedonte e o porqueiro a Pólibo. O boieiro, por sua vez, atingiu no peito a Ctesipo, a quem disse, gloriando-se:

— Ó escarnicador filho de Politerses! Não tornes a falar com tanta basófia, arrastado por tua doidice! Deixa a palavra aos deuses, que sabem muito mais que tu! Isto é um presente de hospitalidade, para te pagar o osso da perna de vaca que deste a Ulisses semelhante a um deus, quando mendigava em sua casa.

Assim falou o pastor de bois de patas volteantes. Entretanto Ulisses feriu, de perto, com a comprida lança, o filho de Damastor. Telémaco, por sua parte, feriu com a lança a Leócrito, filho de Evenor, apanhando-o pelo meio do vazio, que o bronze rasgou; e o homem caiu de bruços, dando em cheio com a cara no chão. Atena, funesta aos mortais, levantou em cima, no tecto, a sua égide. E os pretendentes, assustados em seus corações, fugiam pela sala como vacas duma manada, que a voltejante mosca acomete e persegue na estação vernal, quando os dias são maiores.

Os outros, por seu turno, do mesmo modo que os abutres de recurvas garras e bico adunco baixam das montanhas e se lançam sobre as aves, que, temendo a região das nuvens, descem para a planície; e aqueles investem contra elas e as matam, sem que suas unhas ou asas lhes valham; e os trabalhadores se alegram de ver, como se foram compartícipes na presa, — assim, pela sala, estes arremetiam contra os pretendentes, ferindo em volta; e ouviam-se os horrorosos bramidos dos que eram

golpeados na cabeça e por todo o solo corriam ondas de sangue.

Então Liodes, lançando-se para Ulisses, abraçou-lhe os joelhos e, suplicando, disse-lhe estas aladas palavras:

— Eu suplico-te, Ulisses, abraçado a teus joelhos: respeita-me e compadece-te de mim! Afirmo-te que nunca disse nem fiz nada que fosse iníquo a alguma das mulheres do palácio; pelo contrário, contive os pretendentes, que perpetravam estas maldades. Mas não me obedeceram, nem quiseram afastar do mal as suas mãos; e, por isso, por causa de suas iniquidades, tiveram uma sorte desastrosa. Quanto a mim, que fui arúspice entre eles e não pratiquei nenhum crime, devo perecer também, porque o agradecimento não sucede aos benefícios recebidos.

O reconcentrado Ulisses, olhando-o, replicou-lhe:

— Se te orgulhas de ser entre eles arúspice, por certo deves ter muitas vezes implorado na sala que tardasse o meu doce regresso e que a minha esposa te seguisse e te desse filhos. Por isso não escaparás à cruel morte.

Dito isto, tomou com vigoroso pulso a espada que tombara da mão de Agelau, ao ser morto; com ela feriu a Liodes no pescoço; a cabeça, ainda balbuciante, rolou no pó.

Fémio, porém, o aedo, filho de Térpias, que entre os pretendentes cantava constrangido, esse escapou ao negro destino. Estava de pé, junto da porta de comunicação com a sonora cítara nas mãos; e não sabia que partido tomar: se devia sair da sala e ir assentar-se junto do belo altar do grande Zeus, protector da casa, onde Laertes e Ulisses queimavam coxas de bois; ou se iria pedir mercê a Ulis-

ses abraçando-lhe os joelhos. Depois destas reflexões, pareceu-lhe melhor abraçar os joelhos de Ulisses, filho de Laertes. E, depondo no chão a côncava cítara, entre a cratera e a cadeira cravejada de prata, correu para Ulisses e abraçou os seus joelhos, dirigindo-lhe, suplicante, estas aladas palavras:

— Eu suplico-te, Ulisses, abraçado a teus joelhos: respeita-me e compadece-te de mim! Tu próprio lamentar-te-ás depois de ter matado um aedo, que canta para os deuses e para os homens. Eu aprendi por mim mesmo; uma divindade fez brotar em meu espírito cantos de toda a espécie; e parece-me que poderia cantar-tos, como se fosses um deus: por isso, não queiras degolar-me. Telémaco, teu amado filho, poderá dizer-te que eu não vim para a tua casa por minha vontade ou impelido pelo interesse, para cantar aos pretendentes, depois de seus festins; estes, que eram muitos e mais fortes, trouxeram-me constrangido.

Assim falou; e, tendo-o ouvido Telémaco, imediatamente disse a seu pai, que estava ao lado:

— Detém-te e não firas a este com o bronze, que é inocente! Pouparemos também o arauto Medonte (ele, sendo eu criança, sempre em nosso palácio cuidou de mim), se não o mataram já Filétio ou o porqueiro ou não se encontrou contigo, quando, pela sala, investias contra os pretendentes.

Assim disse; e o discreto Medonte, que estava acocorado debaixo dum trono, embrulhado numa ensanguentada pele de boi, escondendo-se assim do negro destino, ouviu-o. Imediatamente levantou-se e depôs o coiro; em seguida, correu para Telémaco

e abraçou-lhe os joelhos, dirigindo-lhe, suplicante, estas aladas palavras:

— Amigo, aqui estou eu. Detém-te e dize a teu pai que, usando de sua grande valentia, não me faça mal com o afiado bronze, em sua cólera contra os pretendentes, que no palácio lhe consumiram os bens e te ultrajaram, os loucos.

O experimentado Ulisses, sorrindo, disse-lhe:

— Cobra ânimo, visto este ter-te protegido e salvado, para que conheças em teu coração, e possas dizer também a outrem, quanto as acções boas prevalecem sobre as perversas. Mas saí para fora da sala e ide assentar-vos no pátio, longe desta carnificina, tu e o aedo fecundo em canções, enquanto eu levo a cabo o que devo fazer aqui.

Assim disse; e os dois saíram da sala e foram assentar-se junto do altar do grande Zeus, olhando para todos os lados, à espera da morte a cada momento. Entretanto Ulisses espiava em volta, pela sua casa, a ver se algum dos homens se escondera ainda com vida, para escapar ao negro destino. Mas viu-os todos, sem excepção, prostrados no sangue e no pó, em grande número, como peixes, que os pescadores tiram com a rede de muitas malhas de dentro do mar alvacento para o recôncavo da praia, os quais, desejosos das ondas, são amontoados na areia e perecem ao Sol brilhante: assim estavam os pretendentes estendidos uns sobre os outros.

Então disse para Telémaco o precavido Ulisses:

— Telémaco, manda vir a ama Euricleia, para que lhe diga o que me apraz.

Assim falou; e Telémaco, obediente a seu pai, bateu à porta e disse à ama Euricleia:

— Levanta-te, decrépita velha, que és a vigia

das escravas do nosso palácio. Vem cá, que meu pai chama-te para te falar.

Assim disse; e ela tomou bem conta do recado. Abriu a porta da confortável sala e pôs-se a caminho, seguindo a Telémaco. Encontrou Ulisses entre os cadáveres dos que tinham sido mortos, manchado de sangue e sujo de poeira, semelhante a um leão, que ainda se lambe de ter devorado a carne dum boi campestre, o qual leão tem todo o peito e as mandíbulas, dum lado e doutro, sujos de sangue, e apresenta um aspecto horrível: de tal modo estavam ensanguentados os pés e as mãos de Ulisses. Como Euricleia visse os mortos e o sangue imenso, começou a gritar de alegria, por causa da grande proeza que contemplava. Mas Ulisses impediu-a e conteve o desejo dela, a quem dirigiu estas aladas palavras:

— Alegra-te, velha em teu coração e contém os gritos, que é uma impiedade lançar vozes de triunfo, por causa dos homens que foram mortos. Fizeram-nos perecer o destino dos deuses e suas obras malvadas, pois não respeitavam a nenhum homem da terra, mau ou bom, que se aproximava deles; e por isso, por causa de suas iniquidades, tiveram uma lamentável sorte. Mas dize-me quais são as mulheres que me desonram no palácio e quais as inocentes.

Replicou-lhe sua ama Euricleia:

— Eu vou então, filho, dizer-te a verdade. Cinquenta são no palácio as escravas, às quais ensinamos a fazer lavores, a cardar lã e a sofrer a escravidão. Destas, doze têm-se entregado à impudência, não me respeitando a mim nem a Penélope. Telémaco ainda há pouco chegou à idade viril e

sua mãe não o deixava mandar nas escravas. Eu vou subir ao aposento magnífico do andar superior, para dizer tudo a tua esposa, a quem uma divindade enviou um sono.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

— Não a despertes ainda; mas manda vir aqui as mulheres, que só pensaram antes em cometer acções indignas.

Assim disse; e a velha saiu da sala, para comunicar a ordem às mulheres e incitá-las a que se apresentassem. Em seguida, chamando Telémaco, o boieiro e o porqueiro, dirigiu-lhe estas aladas palavras:

— Ide agora retirar os cadáveres daqui e ordenai o mesmo às mulheres; depois que lavem os belos tronos e as mesas com água e esponjas de muitos olhos. Mas logo que tiverdes posto em ordem toda a casa, conduzi as escravas para fora da grande sala e, entre a rotunda e o belo muro do pátio, feri-as com as espadas de longo fio, até que a elas todas arranqueis a alma e as façais esquecer de Afrodita, cujos prazeres gozaram com os pretendentes, em seus ajuntamentos clandestinos.

Assim falou; e as mulheres vieram todas juntas, lamentando-se horrìvelmente e derramando abundantes lágrimas. Primeiramente transportaram os cadáveres dos mortos, que depuseram sob o pórtico do bem cingido pátio, amontoando-os uns sobre os outros. Ulisses ordenara este trabalho e ele próprio

---

5. *prudente*, porque é imprudência despertar a mulher que dorme.

19. *rotunda*. Era uma construção destinada a arrecadações, com cobertura de abóbada, que se apoiava sobre colunas em toda a volta.

o dirigiu. As mulheres transportavam os mortos, muito constrangidas. Depois lavaram os belos tronos e as mesas com água e esponjas de muitos olhos.

Entretanto Telémaco, o boieiro e o porqueiro raspavam com enxadas o pavimento da casa sòlidamente construída e as escravas levavam as imundícies, que punham fora da porta. Mas logo que ficou limpa toda a estância, eles conduziram as escravas para fora da grande sala e encerraram-nas no estreito espaço, entre a rotunda e o belo muro do pátio, donde não era possível fugirem. Então o prudente Telémaco tomou a palavra:

— Não quero com uma honrosa morte tirar a vida a estas, que lançaram o opróbrio sobre a minha cabeça e sobre minha mãe, dormindo com os pretendentes.

Assim disse; e pegou na corda de uma escura nau, correu-a em volta da rotunda e retesou-a na altura suficiente para que nenhuma das mulheres pudesse chegar com os pés ao chão. Do mesmo modo que os tordos de compridas asas ou as pombas acham horrível pousada, quando, ao voltar para seu ninho, caem numa rede, que estava na espessura: assim tinham as escravas as cabeças em linha, com os laços em volta do pescoço, para que morressem da morte mais deplorável. Elas só com as pernas estrebucharam durante instantes, que não foram longos, na verdade.

24-25. *cabeças em linha*. As cabeças das infelizes escravas, presas na corda, mais fariam lembrar um cabo ou réstia de cebolas do que um bando de pombas ou tordos apanhados nas tralhas.

Depois conduziram Melântio para o vestíbulo e para o pátio; cortaram-lhe com o bronze cruel o nariz e as orelhas, arrancaram-lhe as vergonhas, que lançaram cruas aos cães, e de coração indignado, deceparam-lhe as mãos e os pés.

Em seguida, tendo lavado as mãos e os pés, eles entraram no palácio de Ulisses: a obra estava consumada. Então disse este a sua ama Euricleia:

— Velha, traze enxofre, remédio de males, e juntamente fogo, porque é necessário purificar a sala. Dize a Penélope que venha aqui com as suas servas e ordena a todas as escravas do palácio que se apresentem.

Replicou-lhe a sua ama Euricleia:

— Sim, meu filho, isso que dizes é a propósito. Mas vou buscar-te vestidos, um manto e uma túnica, para que não estejas no palácio com os teus largos ombros assim envolvidos nuns farrapos; isso não te ficaria bem.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

— Antes de mais nada, acenda-se o lume nesta sala.

Assim falou; e não desobedeceu sua ama Euricleia, que lhe trouxe o lume e o enxofre; e Ulisses purificou cuidadosamente a sala, as demais estâncias e o pátio.

A velha foi depois através da bela casa de Ulisses para comunicar a ordem às mulheres e animá-las a se apresentarem. E elas, vindo do palácio com luzes nas mãos, rodearam a Ulisses e deram-lhe as boas-vindas: abraçavam-no e beijavam-lhe a cabeça, os ombros e as mãos, que tomavam nas suas; e um terno desejo de chorar e de gemer apoderou-se dele, pois reconhecia-as a todas em seu espírito.

RAPSÓDIA XXIII

Penélope reconhece Ulisses

A velha subiu ao andar superior, em transportes de alegria, para dizer à ama que o seu esposo estava em casa. Os joelhos dela tinham a antiga robustez e os pés moviam-se rápidos de mais para a sua idade. Estando junto da cabeça de Penélope, disse-lhe estas palavras:

— Acorda, Penélope, filha minha, para contemplar com teus olhos aquilo por que todos os dias ansiavas. Ulisses, ainda que tarde, veio. Já está em casa. E matou os altivos pretendentes, que lhe arruinavam o palácio, devoravam seus bens e faziam violências ao filho.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

— Minha ama, os deuses enlouqueceram-te: pois eles podem transtornar o juízo até ao que é muito cordato e tornar discreto ao de ânimo ligeiro. Eles fizeram-te cair em demência, a ti, que antes eras uma ajuizada mulher. Porque zombas de mim, cuja alma está cheia de aflições? É para dizer despropósitos que me despertas deste agradável sono, que me fechou e envolvia as pálpebras? Na verdade, nunca dormi assim, desde que Ulisses partiu, para ver a maldita Ílion, de nome infando. Mas desce imediatamente e volta para a sala: porque se outra de minhas escravas viesse dar-me tais notícias e despertar-me do sono, mandá-la-ia logo, em minha cólera, para a sua estância; a ti, porém, vale-te a tua avançada idade.

Tornou-lhe a sua ama Euricleia:

— Não zombo de ti, minha filha; é certo que

chegou Ulisses e está em casa, como te afirmo: era o estrangeiro que todos insultavam na sala. Telémaco sabia há muito que ele estava cá, mas ocultava prudentemente os desígnios de seu pai, para que pudesse vingar-se das violências daqueles homens orgulhosos.

Assim disse; e Penélope, saltando alegremente do leito, abraçou a velha, e pelas faces corriam-lhe as lágrimas; depois dirigiu-lhe estas aladas palavras:

— Pois bem, querida ama! Dize-me com franqueza se é verdade que Ulisses está em casa, como afirmas, e de que modo pôs as mãos nos desavergonhados pretendentes: ele era só e estes encontravam-se sempre em bando na sala.

Replicou-lhe sua ama Euricleia:

— Eu não vi, nem me disseram nada; percebi só os gemidos dos que caíam mortos, pois que nós conservámo-nos, cheias de medo, pelos cantos dos seguros aposentos, com as portas bem fechadas, até que Telémaco, teu filho, por ordem do pai, chamou por mim. Encontrei então Ulisses de pé, no meio dos corpos dos mortos, que em volta dele, caídos uns sobre os outros, cobriam o duro pavimento. Tu havias de alegrar-te em teu espírito, se o visses sujo do sangue e do pó, como um leão.

Agora jazem à porta do pátio todos em pilha; e Ulisses purificou a linda casa, acendendo uma grande fogueira, e mandou-me vir chamar por ti. Segue-me, pois, para que vós ambos abrais vosso coração à alegria, depois de ter sofrido tantas aflições. Já se cumpriu esse teu longo desejo: Ulisses voltou vivo ao lar e encontrou-te a ti e ao filho no palácio; e àqueles que lhe fizeram mal, aos pretendentes, a esses puniu-os todos em sua casa.

Tornou-lhe a sensata Penélope:

— Ama querida, não te glories tanto, nem rejubiles assim. Tu sabes quanto sua chegada ao palácio seria aprazível a todos, sobretudo a mim e ao filho, que gerámos; mas essa notícia não é certa, como afirmas; foi algum dos imortais quem matou os ilustres pretendentes, indignado por sua insolência tão molesta e por suas obras malvadas, pois não respeitavam a nenhum homem da terra, mau ou bom, que se aproximava deles; por isso, por causa de suas iniquidades, veio sobre eles a desventura. A respeito de Ulisses, esse perdeu, longe da Acaia, a esperança de voltar; e ele próprio pereceu também.

Respondeu-lhe sua ama Euricleia:

— Minha filha, que palavra te passou o cerco dos dentes! Teu esposo está em casa, junto ao lar, e dizes que nunca mais há-de vir! Teu coração não quer crer; mas eu vou dar-te outro sinal manifesto: é a cicatriz da ferida que noutro tempo lhe fez um porco-montês com seu alvo dente. Eu vi-a quando o lavava e quis dizer-to; ele, porém, tapou-me a boca com as mãos e não me deixou falar, levado pela prudência de seu espírito. Anda comigo! Eu fico por fiadora: se te enganar, faze-me morrer de má morte.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

— Ama querida, é-te difícil perscrutar os desígnios dos deuses sempiternos, por mais fina que sejas. Contudo vamos ter com meu filho, para que veja os pretendentes mortos e quem os matou.

Dito isto, baixou do andar superior, revolvendo em seu coração se devia interrogar de longe a seu marido, ou, aproximando-se dele, tomar-lhe a ca-

beça e as mãos e beijar-lhas. Depois que entrou na sala e transpôs o limiar de pedra, foi assentar-se em frente de Ulisses, ao clarão do lume, contra a parede oposta. Ele estava assentado, de costas para uma alta coluna, de olhos baixos, à espera de que sua nobre esposa lhe falasse, logo que o visse. Mas ela permaneceu assentada durante longo tempo, sem dizer palavra, pois o espanto apoderara-se de seu coração: umas vezes olhava-o de frente, outras não o reconhecia sob os vis andrajos, que tinha no corpo. Então Telémaco increpou-a, dirigindo-lhe estas palavras:

— Minha mãe, minha desnaturada mãe, tu tens um coração cruel! Porque te afastas assim do pai, em vez de te assentar a seu lado e, ouvindo, saber tudo? Nenhuma outra mulher ficaria, de ânimo inabalável, como tu, retirada do marido, que, passados vinte anos, regressasse à terra pátria, depois de sofrer muitos trabalhos. Tu continuas a ter um coração mais duro que uma pedra.

Respondeu-lhe a sensata Penélope:

— Meu filho, eu tenho no peito o coração estupefacto e não posso dirigir-lhe palavra e interrogá-lo, nem fixar os seus olhos. Se verdadeiramente este é Ulisses, que volta a sua casa, nós reconhecer-nos-emos um ao outro com mais facilidade que ninguém; porque há sinais que conhecemos e são desconhecidos aos outros.

Assim falou; e sorriu-se o paciente e egrégio Ulisses, que logo dirigiu a Telémaco estas aladas palavras:

— Telémaco, deixa tua mãe pôr-me à prova no palácio, que em breve me reconhecerá melhor que outrem. Agora, porque estou sujo e tenho no corpo

uns vis andrajos, despreza-me e não afirma ainda que eu seja Ulisses. Mas pensemos na maneira de levar tudo pelo melhor. Se alguém nesta terra mata homem, um único que seja, foge e abandona os parentes e a sua pátria, ainda que o morto não deixe após de si muitos que o vinguem. Ora nós derrubámos os sustentáculos da cidade, matámos os esperançosos jovens de Ítaca... Exorto-te a pensar nas consequências da façanha.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

— Quem deve examinar isso és tu, meu pai. Segundo reza a fama, em astúcia e finura excedes todos os mortais. Manda: nós seguir-te-emos. Enquanto teu filho tiver vida e ardor, será feita tua palavra!

Disse-lhe em resposta o reflectido Ulisses:

— Vou dizer-te o que, por agora, parece mais conveniente. Primeiro: ide lavar-vos e vesti túnicas decentes; dizei às escravas do palácio que se enfeitem com o melhor que tiverem. Segundo: o divino aedo com a sonora cítara guie-nos na álacre dança. Desta maneira, quem ouvir de fora, algum transeunte ou curioso vizinho, pensará que estamos a celebrar bodas de casamento. É preciso acautelar se não divulgue pela cidade a notícia da morte dos pretendentes, antes que nós tenhamos saído e andemos já a passear entre as árvores da nossa quinta. Ali meditaremos no que oportunamente o Olímpico nos vai inspirar.

Assim falou; e os outros escutaram-no com atenção e obedeceram-lhe. Primeiramente lavaram-se e vestiram as túnicas e as mulheres puseram seus atavios; depois o divino aedo tomou a côncava cítara e fez surgir em todos o desejo do doce canto e da

dança irrepreensível. Então a grande casa ressoou em volta sob os pés dos dançadores, dos homens e das mulheres de bela cintura. E uns tais, ouvindo, de fora, o ruído festivo do palácio, diziam assim:

— Certamente, já alguém se casou com a tão requestada rainha. Infeliz! Não teve constância para guardar fielmente a grande casa de seu legítimo esposo, até à sua chegada!

Assim falavam, sem saber o que tinha sucedido. Entretanto a intendente Eurínoma lavou o magnânimo Ulisses e ungiu-o em sua casa com óleo, vestiu-lhe a túnica e pôs-lhe um belo manto; Atena derramou, por seu turno, uma grande beleza sobre a cabeça dele e fê-lo parecer mais alto e mais encorpado e que de sua cabeça descesse farta cabeleira, encaracolada como a flor do jacinto. Do mesmo modo que um habilidoso artista, a quem Hefestos e Palas Atena ensinaram o segredo da arte vária, difunde o oiro sobre a prata e lavra lindos primores, assim ela aureolou de graça a cabeça de Ulisses, a cabeça até aos ombros. De sorte que, com tais amanhos, ao sair da banheira, assemelhava-se no corpo aos imortais. Depois, voltou a assentar-se no trono, donde se tinha erguido, em frente de sua esposa, à qual disse estas palavras:

— Miserável! Os que habitam nas olímpicas moradas deram-te um coração mais duro que o das outras mulheres. Nenhuma delas ficaria, de ânimo inabalável, como tu, retraída do marido, que, passados vinte anos, regressasse à terra pátria, depois de sofrer muitos trabalhos. Ama, prepara-me uma cama, para eu dormir só; que esta tem no peito um coração de ferro.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

— Infeliz! Eu não sou orgulhosa; não te desprezo, mas tão-pouco te admiro em demasia, porque tive muito tempo de te conhecer bem, antes de te despedires de Ítaca numa nau de longos remos. Euricleia, prepara-lhe um leito consistente fora da grande câmara que ele próprio construiu; põe-lho aí e provê-o com peles, mantos e lindas colchas.

Assim falou Penélope, para provar o marido; mas Ulisses, indignado, retorquiu à sua fiel esposa:

— Ó mulher, essas palavras pungem-me o coração. Quem me pôs o leito noutra parte? Até ao mais hábil seria isso difícil. Só um deus, que viesse em pessoa, querendo, poderia levá-lo fàcilmente para outro sítio; mas nenhum dos homens, nenhum mortal no mundo, ainda que estivesse na pujança da força, o transportaria sem grande trabalho, pois que existe um grande sinal no artifício leito, que eu fiz e apenas eu sabia fazer.

Crescera e engrossara dentro do recinto uma oliveira de compridas folhas; tanto medrou, que era como uma coluna o seu tronco. Em roda, construí toda a câmara com pedras que se aconchegavam umas às outras, pus-lhe em cima um tecto bem feito e cerrei-a com portas sólidas e ajustadas com segurança. Em seguida cortei a copa da oliveira de compridas folhas; e, aparado o tronco desde a raiz, alisei-o em volta com o bronze, perfeita e artificiosamente, endireitei-o por meio dum fio, depois de o transformar em pé de cama, e perfurei-o todo com um trado. Então, a partir deste suporte, fiz todas as peças da cama, adornando-a com oiro, prata e marfim; e na parte interior estendi uma correia de coiro de boi, purpúrea e brilhante. Tal é o

sinal que te indiquei; mas ignoro, mulher, se o meu leito está ainda no mesmo sítio, ou se algum homem, tendo cortado o tronco da oliveira, já o pôs noutro lugar.

Assim disse; e a Penélope desfaleceram, no mesmo instante, os joelhos e o coração, reconhecendo os sinais que Ulisses dera sem hesitar. Correu logo direita a ele com as lágrimas nos olhos, lançou os braços em volta de seu pescoço e, beijando-lhe a cabeça, disse:

— Não te irrites contra mim, Ulisses, visto seres em tudo o mais prudente dos homens. Os deuses enviaram-nos o infortúnio e tiveram inveja de que nós, vivendo um com o outro, gozássemos de nossa juventude e atingíssemos o limiar da velhice. Não te encolerizes agora contra mim, nem te indignes, por não te saudar deste modo, logo que te vi. Pois o coração em meu peito está sempre com medo de que venha algum mortal enganar-me com suas palavras. Eles são tantos os que me tecem perversos ardis! A argiva Helena, filha de Zeus, nunca teria subido ao leito dum varão estranho, se soubesse que os belicosos filhos dos Aqueus a deviam reconduzir para sua casa e para a terra pátria. Mas, sem dúvida, uma divindade incitou-a a praticar aquela acção vil; porque antes não tivera em seu espírito a ideia do funesto crime, que foi a origem de nossas penas. Agora, portanto, depois de me descreveres os evidentes sinais de nosso leito, que nenhum mortal viu, mas só eu e tu e uma única escrava, a filha de Actor, a qual me deu meu pai, quando vim para aqui e nos guardava as portas do seguro tálamo, — agora convenceste o meu coração, apesar de ser tão cruel...

Assim disse; e excitou ao marido um desejo ainda maior de chorar, o qual derramava lágrimas, abraçado à sua cara e fiel esposa. Do mesmo modo que a vista da terra é doce aos náufragos, quando Posséidon no mar lhes destruiu a bem construída nau, sob o impulso do vento e da inflada onda; e os poucos, que escapam a nado do pardacento mar para o continente, com uma espessa crosta de sal em volta do corpo, pisam alegres a terra, salvos enfim da desgraça, — assim a Penélope era doce contemplar o marido, de cujo pescoço ainda não desprendera os níveos braços. E chorando os encontraria a Aurora de róseos dedos, se Atena, a deusa de olhos brilhantes, não decidisse outra coisa. Prolongou a noite, chegada ao seu fim, e deteve no Oceano a Aurora de áureo trono, não lhe permitindo que jungisse os cavalos de patas irrequietas, sempre impacientes por trazer aos homens a luz, e que são Zampo e Faetonte, os condutores da Aurora. Então disse a sua esposa o sábio Ulisses:

— Ó mulher, nós não chegámos ao termo de todos os trabalhos; devo ainda realizar, no futuro, uma empresa grande, demorada e muito dificultosa. Assim mo anunciou a alma de Tirésias, no dia em que baixei à morada de Hades, a interrogá-la sobre o regresso dos companheiros e do meu. Mas vem, mulher, vamos para a cama, para que, deitados, gozemos do doce sono.

Respondeu-lhe a sensata Penélope:

— Tu irás para o leito, quando aprouver a teu coração, depois de os deuses te terem feito chegar à bem construída casa e à tua pátria terra. Mas já que falaste nesse trabalho e um deus te inspirou o

pensamento, explica-mo; porque eu, um dia, como julgo, devo conhecê-lo e é preferível ficar desde já a saber o que é.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

— Infeliz! Porque me incitas com tão ardentes rogos a falar? Eu vou, pois, dizer-te qual é esse trabalho e não te ocultarei nada. Todavia não se alegrará teu coração de o saber, assim como tão-pouco eu me alegro. Tirésias ordenou-me que percorresse as numerosas cidades dos mortais com um remo de fácil manejo nas mãos, até chegar entre uns homens que nunca viram o mar, nem comem os alimentos temperados com sal, nem conhecem as naus de proas vermelhas, nem os remos de fácil manejo, que são como as asas das naus. E deu-me um sinal muito evidente, que não te ocultarei. Ordenou-me que, quando vier ao meu encontro outro viajante e me disser que levo uma pá de limpar grão sobre o ombro brilhante, crave na terra o remo e ofereça sacrifícios excelentes ao soberano Posséidon, — um carneiro, um toiro e um varrão; e que, em seguida, regresse a casa e sacrifique sagradas hecatombes aos deuses imortais, moradores do amplo céu, a cada um por sua ordem. Uma suavíssima morte surpreender-me-á, depois, longe do mar; ela apoderar-se-á de mim, quando me sentir cansado duma velhice opulenta e forem felizes à minha volta os cidadãos. Tudo isto, afirmou ele, há-de realizar-se.

Replicou-lhe a sensata Penélope:

— Se os deuses te hão-de conceder uma velhice mais feliz, há esperança de que sejas livre desses males.

Tal era o colóquio que tinham entre si, enquanto

Eurínoma e a ama preparavam um leito com macia roupa, à luz das tochas. Preparado com diligência o nobre tálamo, a velha voltou ao seu aposento, para se deitar; a camareira Eurínoma, porém, foi com a luz nas mãos, adiante dos esposos, que se encaminhavam para o leito; mas, depois de os conduzir à câmara, retirou-se. E eles chegaram, alegres, ao antigo leito conjugal. Então Telémaco, o boieiro e o porqueiro puseram termo à dança e mandaram às mulheres que cessassem igualmente; e, em seguida, deitaram-se pela sombria casa.

Os dois esposos, porém, deram-se aos encantos de seu amor e ao prazer da conversação. Ela, a mulher preclara, contou tudo quanto sofreu no palácio, ao contemplar o funesto bando dos pretendentes, que por sua causa degolavam muitas reses, bois e gradas ovelhas, e tiravam incessantemente o vinho dos tonéis. Por sua parte, Ulisses, da estirpe de Zeus, referiu as aflições que causava aos homens e todas as penas que ele próprio suportou. E Penélope alegrava-se de o ouvir; nem o sono lhe caiu sobre as pálpebras, antes de Ulisses ter contado tudo.

Relatou primeiramente como vencera os Cicones; depois, a sua chegada ao país fértil dos Lotófagos; quanto fez o Ciclope e como ele foi castigado por dar a morte aos seus valentes companheiros, que devorou sem piedade; como chegou junto de Êolo, que o acolheu benèvolamente e lhe preparou o regresso; disse que, não permitindo ainda o destino que voltasse à sua pátria, uma tempestade o arrebatou de novo e levou pelo mar piscoso, soltando fortes gemidos; como aportou a Te-

lépilo, na Lestrigónia, cujos habitantes lhe fizeram perecer todos os companheiros de belas grevas com as naus, escapando-se só Ulisses na escura nau.

Referiu também a astúcia e os múltiplos ardis de Circe e como na nau de muitos bancos foi à pútrida morada do Hades, para consultar a alma do tebano Tirésias, onde viu todos os companheiros e a mãe, que o dera à luz e o criou em pequeno; como ouviu a voz das estrídulas Sereias e como chegou às Planctas, aos rochedos da terrível Caribdes e de Cila, da qual nunca os homens escaparam com vida; como os companheiros mataram as vacas de Hélios e como o altitonante Zeus lhe feriu com um ardente raio a ligeira nau e fez perecer ao mesmo tempo todos os companheiros ousados, livrando-se ele só do funesto destino; como foi, depois, ter à ilha de Ogígia, junto da ninfa Calipso, que, desejando-o para esposo, o deteve em sua côncava gruta, o alimentou e afirmava que o havia de tornar imortal e que durante todos os seus dias seria perseverado da velhice, sem contudo convencer jamais no peito seu coração; e como chegou, após muitos trabalhos, à terra dos Feácios, que de todo o coração o honraram como a um deus e o conduziram numa nave à terra pátria, depois de lhe darem bronze, oiro em abundância e vestidos. Estas foram suas últimas palavras, no momento, em que o doce sono, que relaxa os membros, lhe sobreveio, libertando sua alma de cuidados.

A esse tempo Atena, a deusa de olhos brilhantes, já tinha engendrado outra novidade. Quando julgava em seu coração que Ulisses já se tinha saciado do leito de sua mulher e de dormir, fez sair imediatamente do Oceano a madrugadora Aurora de áureo

trono, para que levasse aos homens a luz. Então levantou-se Ulisses da macia cama e deu a sua esposa esta ordem:

— Mulher, nós dois sofremos trabalhos em abundância: tu aqui suspiravas pelo meu tão dificultoso regresso, enquanto Zeus e os outros deuses me detinham entre aflições, longe da terra pátria, de que estava saudoso. Mas, pois nos reencontramos ambos neste leito muito amado, cuida tu dos bens que tenho em casa; quanto aos rebanhos, que os soberbos pretendentes me devoraram, eu próprio arrebatarei grande quantidade de reses e os Aqueus dar-me-ão outras, até que enchamos todos os estábulos.

Agora vou ao arborizado campo ver o meu bondoso pai, que muito se aflige por minha causa. A ti, mulher, ainda que és cordata, recomendo-te isto: com o nascer do Sol, divulgar-se-á logo a notícia de que matei os pretendentes no palácio; mas tu, subindo com as escravas ao andar superior da casa, permanece aí e não olhes para ninguém nem perguntes nada.

Disse; e pôs em volta dos ombros sua bela armadura; depois fez levantar a Telémaco, ao boieiro e ao porqueiro e ordenou a todos que tomassem nas mãos suas armas de guerra. Eles obedeceram-lhe e armaram-se com bronze; e, abrindo a porta, saíram, com Ulisses à frente. A luz já se difundia pela terra, mas Atena envolveu-os em escuridão e conduziu-os ràpidamente para fora da cidade.

RAPSÓDIA XXIV

A caminho do Hades. Paz em Ítaca

Hermes, o deus cilénio, chamava as almas dos pretendentes para fora do palácio. Tinha na mão a formosa varinha de oiro, que lhe serve para adormecer os homens ou acordá-los, se dormem. Com ela punha as almas em movimento e as guiava. Iam estas tomadas de certo alvoroço, que deixava um frémito no ar tenebroso.

Fundas grutas, onde por vezes um ou outro deus se esconde, são de ordinário habitações de morcegos, que em massa se colam por suas anfractuosidades. Se acontece um destes *ratos voadores* desprender-se da pedra, tecto ou paredes, todos os outros se soltam, voam e revoam, fazendo triste chiadeira, muito estrídula. Pois assim iam as almas dos pretendentes, despegadas deste mundo e em rumo do outro! Abria-lhes o largo e escuro caminho Hermes, propício e benigno; elas seguiam atrás em bando cerrado. Bem depressa alcançaram a corrente do Oceano e a Pedra Branca, en-

---

1, *cilénio*. O apelido deriva de Cilena, monte de Arcádia, onde, segundo a fábula, nasceu Hermes. No cimo do monte havia um templo dedicado a este deus.

15, *almas*... comparadas a morcegos! Platão censurou Homero por esta vulgaridade e grosseria. «É permitido não aprovar este juízo», escreve A. Pierron, em nota a este passo de Odisseia; será, mas também é permitido lembrar que Platão é o autor do *Fáidon* e da *Apologia de Sócrates*, obras inexcedíveis, em que o espírito e as coisas do espírito são tratados com inteira competência e a máxima dignidade.

19, *Pedra Branca*. Deve supor-se na margem de cá

fiaram pelas portas de Hélios, ultrapassaram o País dos Sonhos, e ei-las enfim no Prado dos Asfódelos, onde habitam as Almas, imagens dos Mortos.

Ali encontraram a alma de Aquiles, filho de Peleu, e as de Pátroclo, do irrepreensível Antíloco e de Ajace, que, depois do excelente Pelida, sobrepujava os outros Dánaos em beleza e estatura. Como estes andassem em volta de Aquiles, aproximou-se dele, aflita, a alma de Agamémnon, filho de Atreu, rodeada de todas as dos que em casa de Egisto o tinham acompanhado na morte e cumprido o seu destino.

A alma do filho de Peleu foi a primeira a falar-lhe:

— Atrida, nós julgávamos que de todos os heróis tu serias sempre o mais caro a Zeus, que se compraz no raio, porque no país dos Troianos, onde os Aqueus sofreram tribulações, comandavas muitos guerreiros valentes; contudo também te devia surpreender cedo o destino funesto, a que ninguém escapa, depois de ter nascido. Oxalá tivesses encontrado a morte e cumprido teu destino no país dos Troianos, gozando as honras supremas de chefe! Então os Panaqueus erigir-te-iam um túmulo e alcançarias a teu filho grande renome, no porvir. O destino, porém, reservava-te para sofreres a mais deplorável das mortes.

Replicou-lhe a alma do Atrida:

— Ditoso filho de Peleu, Aquiles igual aos deuses, que morreste em Tróia, longe de Argos, en-

---

do rio Oceano; porque do outro lado, segundo as fábulas de Homero e mais geógrafos de igual valor e *daquelas idades*, não havia sol nem dia.

quanto à volta de ti os mais valorosos filhos dos Troianos e dos Aqueus eram feridos de morte, em luta pelo teu cadáver; e tu jazias envolto num turbilhão de poeira, sobre um espaço extenso, esquecido da tua destreza em guiar cavalos, — nós combatemos durante todo o dia; e não teria terminado a refrega, se Zeus não lhe pusesse fim, por meio dum furacão. Depois levámos-te do campo de batalha para as naves, depusemos-te num leito, e, lavado teu belo corpo, ungimo-lo, enquanto os Dánaos, à tua volta, derramavam muitas e ardentes lágrimas e cortavam as cabeleiras.

Ao ouvir a notícia, veio do mar a tua mãe com as imortais deusas marinhas; e por sobre as ondas retumbou um clamor imenso, que fez estremecer todos os Aqueus. Estes ter-se-iam precipitado para as bojudas naus, se não os detivesse um varão esperto em muitas coisas antigas — Nestor, cujo conselho era sempre o melhor. Ele dirigiu-lhes, benévolo, a palavra, dizendo: «Detende-vos, Argivos! Não fujais, filhos dos Aqueus! Esta é a mãe de Aquiles, que vem do mar com as imortais deusas marinhas ao encontro de seu filho morto».

Assim disse; e os magnânimos Aqueus deixaram de fugir. Então, as filhas do velho do mar rodearam-te, chorando duma maneira lastimosa, e vestiram-te de divinas vestes. As nove musas carpiram-te todas alternadamente com sua bela voz, e não viste nenhum Argivo de rosto enxuto, de tal modo os comovia a sonora Musa. Durante dezassete noites e dezassete dias chararam-te os deuses imortais e os homens perecedoiros; no décimo oitavo dia, porém, entregámos-te ao fogo e à tua volta matámos grande número de ovelhas gordas e bois

de flexíveis pés. E tu, envolto em vestidos divinos, ardeste com muito unguento e doce mel; e os heróis aqueus em multidão, peões e cavaleiros, correram com suas armas ao redor da pira, onde se consumia teu corpo, levantando-se um grande fragor.

Quando a chama de Hefestos te havia queimado de todo, então nós, Aquiles, recolhemos, desde a madrugada, os teus brancos ossos em vinho puro e unguento. Tua mãe deu-nos uma ânfora de oiro, e afirmava ser dádiva de Diónisos e obra do ínclito Hefestos. Dentro dela estão os teus brancos ossos, ilustre Aquiles, misturados com os do defunto Pátroclo, filho de Menécio; e, à parte, os de Antíloco, que foi de todos os companheiros o que mais honraste, depois da morte de Pátroclo. Sobre eles o poderoso exército dos belicosos Argivos erigiu um grande e irrepreensível moimento num ponto elevado da costa, junto do vasto Helesponto, para que, ao largo do mar, pudesse ser visto pelos homens que vivem actualmente e pelos que viverão no futuro.

Tua mãe, depois, com o consentimento dos deuses, pôs no meio da liça magníficos prémios para os Aqueus que mais se distinguissem na luta. Apesar de teres assistido aos funerais de muitos heróis, quando, por ocasião da morte dum rei, se cingem os jovens e se dispõem para o certame, havias, contudo, de te admirar em extremo em teu coração, ao ver aqueles magníficos prémios, que em tua honra depôs Tétis, a deusa dos pés argênteos, pois que eras muito caro aos deuses. Assim, teu nome não pereceu com a morte; e tua gloriosa fama, Aquiles, continuará a subsistir entre os homens perpètua-

mente. Mas, quanto a mim, que me aproveitou ter terminado a guerra? Na minha volta à pátria, Zeus maquinou contra mim uma deplorável morte pelas mãos de Egisto e de minha esposa funesta. Tal era o colóquio que tinham entre si, quando se aproximou deles o mensageiro Argeifontes, conduzindo as almas dos pretendentes, que Ulisses tinha matado. Os dois, como as vissem, foram, admirados, ao seu encontro. A alma de Agamémnon Atrida reconhecera o caro filho de Menelau, o ínclito Anfimedonte, porque tinha sido seu hóspede em Ítaca, onde habitava. A primeira a falar foi a alma do filho de Atreu:

— Porque desceste à escura terra, Anfimedonte, vós, todos varões de escol e em idade iguais? Quem quisesse reunir os homens mais distintos duma cidade, não poderia escolher melhor. Matou-vos, porventura, Posséidon em vossas naus, tendo suscitado contra vós os furiosos ventos e enormes vagas? Ou fizeram-vos perecer no continente homens inimigos, já por lhes quererdes arrebatar seus bois e os belos rebanhos de ovelhas, já em combate, para vos apoderardes de sua cidade e de suas mulheres? Responde à minha pergunta, pois orgulho-me de ser teu hóspede. Não te recordas de quando fui a vossa casa com o deiforme Menelau exortar Ulisses a seguir-nos para Ílion, sobre as naus de boa coberta? Durante um mês completo atravessámos todo o vasto mar e a custo convencemos Ulisses, o assolador de cidades.

Replicou-lhe a alma de Anfimedonte:

— Gloriosíssimo Atrida, Agamémnon, rei dos homens! Eu lembro-me de tudo quanto dizes, aluno de Zeus. E quero contar-te, com exactidão e minu-

ciosamente, como sucedeu a nossa morte infeliz. Nós pretendíamos a esposa de Ulisses, havia muito ausente; e ela não recusava um casamento detestável nem se decidia a aceitá-lo, pensando entretanto na maneira de nos fazer perecer e de nos tornar negra a morte. Outro ardil cogitou ela em sua mente. Tendo levantado no palácio um grande tear, pôs-se a tecer um véu fino e imenso; depois veio dizer-nos: «Jovens, meus pretendentes, já que o divino Ulisses morreu, não apresseis as minhas bodas, até que termine a mortalha para o herói Laertes — temo que os fios se me percam sem proveito — para o tempo em que o fatal destino da prostradora morte o fizer sucumbir; não suceda que alguma das Aqueias me censure por esta terra, se é enterrado sem mortalha quem possuía tantos bens».

Assim disse ela; e o nosso intrépido coração deixou-se convencer. Então, durante o dia, trabalhava numa grande teia; desfazia-a, porém, de noite, depois de ao seu lado ter acendido as luzes. Deste modo conseguiu, durante três anos, esconder o ardil e que os Aqueus acreditassem nela. Mas, quando entrou o quarto e as estações voltaram de novo, no curso dos meses, sucedendo-se dias em grande número, então uma das suas mulheres, que o conhecia bem, contou-o a nós, que fomos surpreendê-la a desmanchar a esplêndida teia. Foi assim que ela, mau grado seu, se viu obrigada a concluí-la.

Quando Penélope nos mostrou essa grande teia, que tinha tecido e lavado, e cujo brilho se assemelhava ao do Sol ou da Lua, nesse tempo uma divindade funesta conduziu a Ulisses dum lugar, nos extremos da região, onde o porqueiro tinha a sua

casa. Ali foi ter também o filho caro do divino Ulisses, depois de voltar da arenosa Pilos numa escura nau. E, tendo ambos combinado o morticínio dos pretendentes, partiram para a ínclita cidade: Telémaco caminhou adiante e Ulisses atrás. Este, coberto com uns vis andrajos, era conduzido pelo porqueiro e assemelhava-se a um velho e infeliz mendigo apoiado a um bastão, que tivesse no corpo vestes miseráveis. Ao apresentar-se de súbito, ninguém de nós foi capaz de conhecer que ele era Ulisses, nem ainda os mais idosos; por isso, maltratámo-lo com palavras ofensivas e golpeávamo-lo.

Entretanto, ele sofria de ânimo paciente ser ferido e injuriado no seu próprio palácio, até que uma inspiração de Zeus, portador da égide, o incitou a levar da sala, com ajuda de Telémaco, as magníficas armas e a depô-las numa câmara, que fechou com os ferrolhos. Depois, com grande astúcia, ordenou a sua esposa que apresentasse aos pretendentes o arco e o alvacento ferro para um certame entre nós, infelizes, e princípio de nossa desgraça.

Nenhum pôde estender a corda do rijo arco; para isso era diminuta a nossa força. Quando, porém, o grande arco ia passar às mãos de Ulisses, todos gritámos em tom ameaçador que não lho entregassem, apesar de quanto ele pudesse dizer; mas Telémaco, que era o único a incitá-lo, ordenou que lho dessem. Logo o paciente e egrégio Ulisses recebeu o arco nas mãos, armou-o fàcilmente e atravessou o ferro; depois foi postar-se na soleira da porta e, tendo colocado os velozes dardos a seus pés, ao mesmo tempo que lançava terríveis olhares em volta, matou o rei Antínoo.

E, em seguida, com pontaria certeira, disparou suas penetrantes setas contra os demais, que caíam uns juntos dos outros. Era manifesto que algum dos deuses o ajudava; porque, sob o mesmo impulso de furor, seu filho e dois criados trucidavam a eito; abatidos os chefes, ouviam-se arquejos horríveis e o chão estava encharcado de sangue.

Deste modo, Agamémnon, perecemos nós, cujos corpos jazem ainda agora ao abandono, nas moradas de Ulisses. Nossos amigos, metidos em suas casas, nada sabem do acontecido; de contrário, teriam lavado o sangue negro de nossas feridas e nos haveriam pranteado e sepultado, pois estas honras são devidas aos mortos.

Replicou-lhe a alma do filho de Atreu:

— Ditoso filho de Laertes, Ulisses fecundo em recursos! Tens uma esposa de excelente coração e de muito bom siso, a irrepreensível Penélope, filha de Icário! Quão viva lembrança conservou de Ulisses, seu legítimo marido! Por isso, não perecerá nunca a glória de suas virtudes e os imortais hão-de inspirar entre os homens graciosos cantares em louvor da atilada Penélope. Bem outra era a filha de Tíndaro, que premeditou obras iníquas e deu a morte a seu esposo. Também uma canção odiosa a fará lembrada entre os homens; mas tal cantiga perpetuará a infâmia sobre todas as mulheres, não poupando mesmo as que forem virtuosas.

Tal era o colóquio que os dois tinham entre si na morada de Hades, nos profundos seios da terra.

Ulisses e seus companheiros tinham deixado a cidade. Depressa chegaram à bela e bem cultivada fazenda de Laertes. O mesmo Laertes a comprara, havia muitos anos, à conta de infinitas canseiras,

Tinha ali a sua morada, rodeada em toda a volta das dependências, onde costumava comer, assentar-se e dormir os escravos, cumpridores de quanto lhes ordenasse. A velha Siquelé estava incumbida dos arranjos e serviços pessoais do ancião.

Quando chegaram, ordenou Ulisses a seus escravos e ao filho:

— Procurai o lugar onde estão os porcos, e aviai depressa o melhor para o jantar. Eu vou sondar meu pai, a ver se ele me reconhece à primeira vista ou até quando lhe ficarei estranho, andando e desandando a seu lado, depois de tão longa ausência.

Estas ordens dadas, entregou aos escravos as armas de guerra. Estes meteram-se logo pela casa dentro e ele foi em direcção ao grande pomar, onde não encontrou Dólio nem nenhum dos rapazes de Dólio ou qualquer outro criado. Tinham ido todos cortar silvas e espinheiros para colocar em resguardo da propriedade. Encontrou o pai que estava sòzinho no pomar, entretido a arrancar umas ervas. Trazia uma túnica suja, cheia de rasgões e buracos; amarrados às pernas, para as acautelar de arranhaduras, arrastava uns ceifões de coiro de boi, igualmente lazarados; por causa dos abrolhos, enfiara nas mãos uns guantes grosseiros; encarapuçava-lhe o crâneo um pedaço de pelanca cabril, que muito mais lhe carregava a já tão mísera feição.

O paciente e divino Ulisses, contemplando seu pai assim acabrunhado de velhice, sentiu o ânimo abalado por funda emoção, ficou parado junto do tronco de uma alta pereira, o rosto inundado de lágrimas. De espírito perturbado e o coração aos balanços, não podia estreitar nos braços o pai, expandindo a ternura de filho, e beijá-lo, e contar

tudo imediatamente, nem se atrevia a sondar com perguntas aquela triste e comovedora ruína humana. Achou por fim que era preferível estimulá-lo com palavras de fingida insolência. Caminhou direito ao pai que, nesse momento, de cabeça abaixada, abria uma cova em volta de uma árvore, e saudou-o assim:

— Ténue velhinho, vejo que não és de todo inábil para o cultivo de um pomar. Tudo aqui está bem cuidado; a oliveira, as vides, a pereira, os legumes. Não há palmo de terra desaproveitado. Outra coisa te quero dizer, que em teu coração não deves levar a mal. Tu não tratas tão bem de ti próprio; além das moléstias da velhice, andas sujo e indecentemente vestido. Não será isto por teu senhor te haver punido assim por vício de preguiça: teu aspecto e ademanes nada inculcam de servidão. Há em ti qualquer coisa que denuncia a beleza e majestade de um rei, e vê-se logo que és igual daqueles que, depois de um banho, de um banquete, se estiram em brando leito, como é do gosto e costume da velhada regalona. Mas fala e responde-me sem rebuço. De que homem és tu escravo? Quem é o dono do pomar que cultivas?

Antes de mais, responde-me ao que preciso de saber: Esta terra é na verdade a ilha de Ítaca? Assim mo disse um homem que se cruzou por mim ao vir para aqui; mas pareceu-me vário de juízo, pois nem me ligou grande atenção nem respondeu coisa com coisa, quando lhe pedi informações a respeito de um meu velho amigo cá da terra: se ainda por cá andaria ou teria marchado para a casa de Hades. Por favor, ouve-me com atenção.

Há tempos hospedei em minha pátria a um varão que nos chegou a casa e que me era mais caro que

qualquer dos outros hóspedes de terras longínquas, que têm ido acolher-se ao meu lar. Orgulhava-se de ser duma família de Ítaca e dizia que Laertes, filho de Arcésio, era seu pai. Eu, depois de o conduzir a nosso palácio, dei-lhe digna hospitalidade e tratei-o carinhosamente, pois tínhamos uma abastada casa; e ofereci-lhe, enfim, os dons que convinham a um tal hóspede. Brindei-lhe sete talentos de bem cunhado oiro, uma cratera toda de prata, com flores insculpidas, doze mantos singelos, outros tantos tapetes, outros tantos bonitos véus e outras tantas túnicas; dei-lhe, por acréscimo, quatro moças, que ele próprio escolheu, lindas e habilidosas em todo o género de lavores.

Respondeu-lhe o pai, por entre lágrimas:

— Estrangeiro, tu chegaste à terra, pela qual me perguntas; mas ela é dominada por homens insolentes e iníquos; e foi em vão que deste esses presentes, em tão grande número. Se encontrasses vivo a teu hóspede, em terras de Ítaca, ele só te despediria depois de te corresponder generosamente com seus dons e com uma boa hospitalidade; porque é justo que se dê a quem deu primeiro. Mas fala e responde-me sem rebuço: Há quantos anos recebeste em casa a esse teu infeliz hóspede, a meu desafortunado filho, se algum dia existiu, o qual talvez, longe dos amigos e da pátria, foi pasto dos peixes do mar, ou, na terra firme, presa das feras e das aves? Sua mãe não o chorou, depois de amortalhado, nem o pai, nós, que o gerámos; nem a esposa ricamente dotada, a sensata Penélope, ten-

---

31, *ricamente dotada*. Segundo outra interpretação: «adquirida à custa de muitas dádivas».

do-lhe fechado os olhos, lamentou a seu marido no fúnebre leito, como era justo — honras, que são devidas aos mortos.

Fala-me sinceramente, para que fique bem informado. Quem és tu? De que terra és? Onde fica a tua cidade? Teus pais onde moram? Onde está a ligeira nau, que te trouxe a ti e aos companheiros iguais aos deuses? Ou vieste, como simples passageiro, em barco alheio, cujos tripulantes, havendo-te desembarcado, continuaram sua viagem?

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

— Vou responder-te, pois, com toda a sinceridade. Eu sou de Alibante, onde habito um magnífico palácio; meu pai é o rei Afidente, filho de Polipémon; chamam-me Epérito; e um deus constrangeu-me a andar errante desde Sicânia até aqui. A minha nau ancorei-a junto do campo, a distância da cidade. Vai já há quatro anos que partiu Ulisses de além e que deixou minha pátria. Infeliz! Não obstante, na partida, os presságios eram-lhe favoráveis (voos para a direita); e eu despedi-o com alegria a ele, que se alegrava também, porque o nosso coração tinha esperanças de que ainda nos juntaríamos à mesa hospitaleira e daríamos magníficos presentes um ao outro.

Assim disse; e a sombria nuvem da dor envolveu Laertes, que se desentranhava em gemidos e com ambas as mãos cobriu de cinza a venerável cabeça branca. Fremiu a alma de Ulisses, e a violência da emoção nem o deixava respirar, vendo em tal consternação o caro pai: tomou-o nos braços, estreitou-o a si, beijou-o e disse-lhe:

— Pai! Eu sou aquele que tu esperas. Aqui es-

tou, depois de vinte anos de ausência da terra pátria. Mas põe termo a lágrimas e gemidos; outra coisa urge, sou eu que to afirmo: matei os pretendentes em nossas habitações, punindo-lhes a insolência e acções perversas. Sem perda de tempo temos de sair daqui.

Replicou-lhe Laertes, dizendo:

— Se tu és Ulisses, se tu és o meu filho que acaba de chegar, dá-me um sinal evidente, que me não deixe dúvidas...

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

— Primeiramente examina com teus olhos a cicatriz da ferida que no Parnaso me fez um javali com seu alvo dente, quando tu e a veneranda mãe me enviastes lá, a casa de Autólico, caro pai da minha mãe, para receber os presentes que ele, ao visitar-nos, me prometera, confirmando a promessa com um sinal de cabeça. Mas, além disso, sou ainda capaz de apontar as árvores do teu bem cuidado pomar que me deste, a meu pedido, quando, sendo eu menino, uma vez por aqui passeávamos. Tu ensinavas-me o nome particular de cada árvore e deste-me então treze pereiras, dez macieiras e quarenta figueiras. Mais prometeste que me darias cinquenta renques de cepas, cada uma das quais frutificava em época diferente; e produziam uvas de todas as qualidades quando, do alto, as estações de Zeus as faziam medrar bem.

Assim disse; e a Laertes desfaleceram, no mesmo instante, os joelhos e o coração, reconhecendo os sinais que Ulisses dera sem hesitar. Lançou, pois, os braços ao redor de seu filho, do paciente e egrégio Ulisses, que apertou contra o peito o alquebrado ancião. Mas, quando já respirava bem e es-

tava mais senhor de si, soltou estas palavras em resposta:

— Pai Zeus! Com certeza, vós, os deuses do vasto Olimpo, ainda existis, se é verdade que os pretendentes pagaram seus loucos atrevimentos! Agora, porém, tenho grande receio de que os Itacenses venham em breve todos acometer-nos aqui e de que enviem mensageiros a todas as cidades dos Cefalenos.

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

— Cobra ânimo e não cuides de tais coisas em teu coração! Vamos para a casa, junto do horto, aonde mandei Telémaco, o boieiro e o porqueiro preparar-nos sem demora a refeição.

Dito isto, encaminharam-se ambos para a bela morada. Quando chegaram, encontraram Telémaco, o boieiro e o porqueiro atarefados a espostejar a carne e regar as postas com excelente vinho tinto. Enquanto se esperava, Siquelé banhou dentro de casa o magnânimo Laertes, perfumou-o, envolvendo-o depois num belo manto. Atena, aproximando-se, robusteceu os membros do pastor de povos e fê-lo parecer mais alto e majestoso do que antes era. Por isso, quando saiu do banho, seu caro filho admirou-se de o ver tão semelhante aos deuses imortais; e dirigiu-lhe estas aladas palavras:

— Ó meu pai, certamente foi algum dos deuses sempiternos quem te revestiu da perfeição da grandeza e da formosura!

Replicou-lhe o prudente Laertes:

— Oxalá, Pai Zeus, e vós, Atena e Apolo, fosse eu tal, como quando reinava sobre os Cefalenos e tomei Nérico, a bem construída cidade, nos extremos do continente! Se ontem, em nossa casa, fosse

como então e, vestido com a armadura, estivesse a teu lado, para defender-te dos pretendentes, eu teria quebrado as pernas de muitos, no palácio, e tu regozijar-te-ias dentro de tua alma.

Tal era o colóquio que tinham entre si. Mas, quando os outros tinham acabado a tarefa e preparado a refeição, assentaram-se por ordem em cadeiras e bancos. E, como estendessem já as mãos para os manjares, aproximou-se, nesse momento, o velho Dólio com os seus filhos, que vinham cansados dos campos, aonde a mãe os tinha ido chamar, a velha Siquelé, que velava sobre eles e com desvelo cuidava do ancião, desde que este chegara à velhice. Apenas viram Ulisses e o reconheceram em seu coração, ficaram de pé na sala, estupefactos. Ulisses, porém, dirigiu a Dólio benévolas palavras, dizendo:

— Anda, velho, e deixa-te de pasmos; senta-te para jantar. Há muito que estamos em casa, à vossa espera, impacientes por comer.

Assim falou; e Dólio, indo direito a Ulisses de braços abertos, tomou-lhe a mão, beijou-a no pulso e disse-lhe estas aladas palavras:

— Ó amigo, enfim voltaste para o meio de nós, que muito o desejávamos, mas já pouco o esperávamos: foram os deuses que te trouxeram! Saúde! E que os deuses te façam feliz! Mas dize-me a verdade para que eu a saiba: a esperta Penélope já sabe da tua vinda ou é preciso ir avisá-la?

Disse-lhe em resposta o prudente Ulisses:

— Ela já sabe tudo. Para que te metes, ó velho, nestas coisas?

Assim disse; e Dólio foi assentar-se numa polida cadeira. Os rapazes de Dólio, estando junto do sá-

bio Ulisses, fizeram como viram fazer o pai: saudaram o amo e beijaram-lhe as mãos. E junto do pai se foram assentar.

Mastigavam estes assim alegres, quando a Fama, correndo pela cidade divulgou o caso da morte horrível dos pretendentes e o seu destino. E os cidadãos, à medida que ouviam a notícia, acorriam, uns dum lado, outros doutro, a apresentar-se, com lamentos e gemidos, em frente do palácio de Ulisses. Cada um levava o morto de sua família e dava-lhe sepultura; quanto aos das outras cidades, foram enviados pescadores, que, depositando-os em ligeiras naus, os transportaram e entregaram às casas a que pertenciam.

Em seguida, com a tristeza no coração, puseram-se a caminho para a ágora. Depois de terem comparecido e estando todos congregados, levantou-se entre eles Eupites, para falar. A alma do orador estava transida de atrocíssima aflição. Antínoo, a primeira vítima do furor de Ulisses, era seu filho. Por isso foi que ele, derramando lágrimas, falou nestes termos:

— Amigos, na verdade foi enorme o crime que este homem perpetrou contra os Aqueus! Tendo levado em suas naus muitos varões esforçados, fez perder as côncavas naves e com elas aos homens; depois, de retorno, matou os mais ilustres dos Cefalenos. Marchemos, pois, antes que se dê pressa a ir para Pilos ou para a preclara Élide, onde dominam os Epeus; aliás, nossa ignomínia não terá fim. Será uma vergonha dobrada e redobrada que também a posterioridade conheça isto, se não vingarmos a morte de nossos filhos e irmãos! E eu não encontraria prazer na vida, mas preferiria expirar

já e ajuntar-me aos que morreram. Partamos, antes que eles atravessem o mar.

Assim disse, chorando; e a compaixão apoderou-se de todos os Aqueus. Neste momento aproximaram-se Medonte e o divino aedo, que, depois de acordar, tinham saído do palácio de Ulisses; e, parando no meio da assembleia, encheram de assombro a todos os circunstantes. Então disse-lhes o prudente Medonte:

— Ouvi-me, Itacenses! Não foi contra a vontade dos deuses imortais que Ulisses premeditou e realizou essa façanha. Eu próprio vi a um deus imortal, em tudo semelhante a Mentor, que estava à sua beira; e este deus imortal umas vezes aparecia adiante de Ulisses, animando-o, outras, para lançar a confusão entre os pretendentes, arremessava-se pelo meio da sala; e eles caíam, uns sobre os outros.

A estas palavras, o pálido medo apoderou-se de todos. Em seguida, falou o velho herói Aliterses, filho de Mastor, o único que conhecia o passado e o futuro. Ele, animado de benevolência, levantou a voz e disse-lhes:

— Ouvi, Itacenses, o que vos vou dizer! Por vossa fraqueza, amigos, sucederam esses factos; pois não me escutastes a mim nem a Mentor, pastor de povos, quando vos exortávamos a pordes termo às loucuras de vossos filhos, os quais com uma funesta petulância cometiam o enorme crime de devorar os bens dum nobre varão e de lhe ultrajar a esposa, convictos de que ele não voltaria

---

2, *eles*, os assassinos.

mais. Agora faça-se assim e segui o meu conselho: não partamos; não suceda que alguém encontre o mal que, desse modo, sobre si próprio atrai.

Assim falou; e mais de metade da assembleia levantou-se com grande tumulto, ao passo que os outros permaneceram onde estavam. A estes, a quem Eupites convencera, não agradou o discurso e lançaram-se logo para as armas. Apenas, porém, tinham vestido o fúlgido bronze, foram ajuntar-se todos fora da espaçosa cidade. E Eupites, por loucura própria, pôs-se à sua frente: julgava que vingaria a morte do filho, mas não devia voltar mais: no campo da batalha ia acabar o seu destino.

Entretanto, disse Atena a Zeus, filho de Cronos:

— Pai nosso, filho de Cronos e dominador supremo! Responde à minha pergunta. Que intenção ocultas dentro do peito? Deixarás que se efectue a perniciosa guerra e a terrível peleja, ou tencionas restabelecer a amizade entre os dois partidos?

Zeus, o amontoador das nuvens, em resposta disse-lhe:

— Minha filha, porque me perguntas isso e o inquires de mim? Não urdiste tu própria esse plano, de que Ulisses, na sua volta, se vingasse de seus inimigos? Faze como quiseres; todavia quero declarar-te o que é oportuno. Uma vez que o egrégio Ulisses se vingou dos pretendentes, que ele sempre reine em Ítaca, depois de prestados os juramentos de fidelidade mútua; façamos que seja de todo esquecido o morticínio dos filhos e dos irmãos e que os inimigos, fazendo-se amigos e amando-se uns aos outros, como antes, vivam em riqueza abundante e em boa paz.

Dizendo assim, incitou ainda mais o desejo de

Atena, que baixou, impetuosa, dos cumes do Olimpo.

Na casa de Laertes, porém, quando os convivas tinham saciado o apetite com os melífluos manjares, o paciente e egrégio Ulisses tomou a palavra:

— Saia alguém a observar; não se dê o caso que já estejam perto os inimigos.

Assim falou; e um dos filhos de Dólio saiu, conforme ele ordenara; mas ficou logo na soleira da porta, porque o inimigo já estava à vista. Imediatamente dirigiu a Ulisses estas rápidas palavras:

— Eles estão já perto. Armemo-nos sem demora.

Assim disse; e, levantando-se Ulisses e os seus, em número de quatro, e os seis filhos de Dólio, vestiram as armaduras; além disso, Laertes e Dólio (guerreiros à força, porque estavam na velhice) pegaram também em armas. E, revestidos do fúlgido bronze, abriram a porta e saíram, com Ulisses à frente.

Então, aproximou-se deles Atena, a filha de Zeus, semelhante a Mentor na figura e na voz. Regozijou-se o paciente e egrégio Ulisses com a sua vista e, no mesmo instante, disse a Telémaco, seu amado filho:

— Telémaco, agora que vais para o combate, onde se distinguem os mais valorosos, lembra-te disto: não desonres a raça de teus pais, cuja força e valentia, por antecipação, nos notabilizou sobre a terra.

Respondeu-lhe o prudente Telémaco:

— Hás-de ver, meu pai, se quiseres, como, com o ânimo que tenho, não desonro tua linhagem.

Estas palavras alegraram Laertes, que exclamou:

— Ó deuses amados! Que dia feliz para mim!

Que grande júbilo sinto! O meu filho e o meu neto contendem sobre qual é o mais valente!

Neste momento, Atena de olhos brilhantes, aproximando-se de Laertes, disse:

— Ó filho de Arcésio, o mais caro de todos os meus companheiros! Eleva tuas preces à deusa de olhos brilhantes e a Zeus, seu pai; em seguida, brande e arremessa a comprida lança.

Assim disse; e Palas Atena insuflou-lhe grande valor. Ele então dirigiu suas preces à filha do grande Zeus e logo brandiu e arremessou a comprida lança, ferindo a Eupites através do capacete de bronze. Eupites, não detendo o golpe, foi atravessado pelo bronze; e caiu com estrondo e sobre ele ficou ressoando a armadura. Entretanto Ulisses e seu ilustre filho lançaram-se sobre os inimigos da primeira linha, ferindo-os com espadas e com lanças de duas pontas. E, com certeza, tê-los-iam matado, e nenhum voltaria para a cidade, se Atena, a filha de Zeus, portador da égide, não erguesse a sua voz e não fizesse parar o povo:

— Cessai, Itacenses, o terrível combate! Separai-vos imediatamente, sem mais efusão de sangue!

Assim falou Atena; e o pálido medo apoderou-se de todos. Assustados, por a deusa ter feito ressoar a sua voz, largaram das mãos as armas que caíram sobre o solo, e fugiram para a cidade, com desejo de conservar a vida. Neste momento, o paciente e egrégio Ulisses, dando um grito horrível e reunindo todas as forças, lançou-se a persegui-los, como uma águia de altaneiro voo. Mas o filho de Cronos despediu um ardente raio, que foi cair aos pés da deusa de olhos brilhantes, filha dum pai poderoso. Então disse a Ulisses Atena de olhos brilhantes:

— Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos, suspende o combate, em que os dois partidos têm forças iguais! Teme que o longividente Zeus, filho de Cronos, se encolerize contra ti.

Assim falou; e ele obedeceu-lhe de coração alegre. Depois, entre as duas partes foi celebrado um pacto solene para os tempos vindouros — obra de Palas Atena, filha de Zeus, portador da égide. Ao fazer o tratado de paz, a deusa, na figura e na voz, assemelhava-se a Mentor.

4, *Filho de Laertes, da estirpe de Zeus, Ulisses fecundo em recursos!* No diálogo de Platão, «Hípias Menor», agita-se este problema: Se a boca de Ulisses, por dizer muitas mentiras, é odiosa como a porta do Hades.

Hípias sustenta que a *Odisseia* é muito inferior à *Ilíada*, em razão de Aquiles ser muito superior a Ulisses; e a inferioridade deste provir-lhe-ia precisamente de ter o vício da mentira entranhado na alma e no corpo. Foi o próprio herói da *Ilíada* que ao colega da *Odisseia* lançou em rosto: «Como as portas do Inferno é-me odioso Ulisses, por ser muito mentiroso».

Sócrates, o mais subtil dos interlocutores do diálogo, objecta ao admirador de Aquiles que também este abriu larga boca para sair mentira, quando no campo de batalha dizia a toda a tropa o que faria e aconteceria, não fazendo nem acontecendo nada do que dizia. Um mentia por subtileza e agilidade mental, o outro por grosseria e fanfarronada; um ultrapassava a barreira da verdade por ser muito lépido, o outro não a alcançava por ser tardo e tacanho de espírito.

Hípias. — Não, Aquiles não mentia, ou, se mentia, era sem querer; Ulisses mentia de propósito.

Sócrates. — Queres-me enganar, caríssimo Hípias, e nisto mesmo estás a imitar Ulisses.

FIM DO VOLUME II E ÚLTIMO

ÍNDICE DOS DOIS VOLUMES

VOLUME I

		Página
Rapsódia	I — Assembleia dos Deuses. Exortação de Atena a Telémaco	1
»	II — Assembleia dos Itacenses. Viagem de Telémaco	19
»	III — Telémaco em Pilos	35
»	IV — Telémaco em Lacedemónia	55
»	V — A jangada de Ulisses	87
»	VI — Chegada de Ulisses ao país dos Feácios	105
»	VII — Entrada de Ulisses no palácio de Alcínoo	117
»	VIII — Apresentação de Ulisses aos Feácios	131
»	IX — Narrações de Ulisses. Ciclopeia	153
»	X — Acerca de Éolo, dos Lestrigões e da Circe	175
»	XI — Evocação dos mortos	197
»	XII — Sereias, Cila, Caribdes, vacas de Hélios	221

VOLUME II

Página

Rapsódia XIII — Partida de Ulisses do país dos Feácios e sua chegada a Ítaca ... 1

» XIV — Colóquio de Ulisses e Eumeu .. 17

» XV — Telémaco chega à morada de Eumeu 37

» XVI — Reconhecimento de Ulisses por Telémaco 59

» XVII — Regresso de Telémaco a Ítaca .. 77

» XVIII — Pugilato de Ulisses com Iro 101

» XIX — Colóquio de Ulisses e Penélope. A lavagem dos pés 119

» XX — Avizinha-se o morticínio dos pretendentes 143

» XXI — A apresentação do arco 159

» XXII — Morticínio dos pretendentes 175

» XXIII — Penélope reconhece Ulisses 193

» XXIV — A caminho do Hades. Paz em Ítaca 207

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA